



*Foice Bittencourt*

# HERDEIROS MALAMAM

*Luca*

Entre o amor e o sangue



Herdeiros Malamam

Luca

Entre o amor e o sangue.

*Por Joice Bittencourt*

Copyright © 2018 *Joice Bittencourt Romances*.

1ª Edição

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, a distribuição e o armazenamento, no todo ou em parte, por quaisquer meios, sem autorização prévia da autora.

Obra:

Luca – Entre o amor e o sangue.

Série:

Herdeiros Malamam

Autora:

Joice Bittencourt

[joicerbittencourt@gmail.com](mailto:joicerbittencourt@gmail.com)

Joice Bittencourt Romances

Agosto de 2018

## **#ficaadica**

*Este é um romance, uma obra de ficção, onde desejo que minhas leitoras possam deixar a realidade e mergulhar de cabeça. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações terá sido mera coincidência. A não ser que você encontre um médico lindo, disponível e com o sobrenome “Malamam”. Nesse caso: me chama!!!!*

*Leia com o coração, se imagine nas situações e seja o seu personagem favorito. É isso que espero. Se nas páginas deste livro, eu conseguir passar os sentimentos vividos por Luca, Trícia ou quem quer que seja, estarei realizada.*

*Aprecie sem moderação!*

## ***Agradecimento***

*Mais uma história pronta para ganhar o mundo. É uma grande vitória. Algo que não se faz sozinho, por isso preciso agradecer aos que me ajudaram de alguma forma. Neste grupo estão: Samiramis, Katinha e Tatyana.*

*Vocês três foram, cada uma a sua maneira, de grande importância.*

*Obrigada!*

# Sumário

[#ficaadica](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Perdendo um guerreiro](#)

[Prazer! Eu sou o destino.](#)

[Águas passadas](#)

[O mesmo sentimento](#)

[Um dia mau, passadouro é.](#)

[A persistência é a alma do negócio](#)

[Nada como o tempo.](#)

[Palavras ao vento.](#)

[A felicidade bate à porta.](#)

[Tentar, não é resistir.](#)

[Quando dois formam um par.](#)

[E foi assim...](#)

[O fogo nunca deixou de queimar](#)

[O tempo passa voando quando estamos amando](#)

[Grávida](#)

[Colocando as asinhas de fora](#)

[Chega de ser bonzinho](#)

[Como um sopro, o tempo passa.](#)

[É o fim.](#)

[O inferno é aqui!](#)

[Surpresa para todos os lados](#)

[Afogado em culpa](#)

[O mundo gira sem pausa](#)

Eu ainda estou aqui

Só espero não me arrepender

3 meses depois

Os dois lados da moeda

Um passo de cada vez

Epílogo



## **Sinopse**

Luca e Trícia se conheceram no ponto alto da juventude, quando todos os amores são eternos e as dores nunca passam.

Em um mar de desejos, erros e imaturidade, descobriram juntos seus limites, novos gostos e eternos sabores. O casal apaixonado jurou que seria para sempre, mas um passo em falso pôs tudo a perder.

Trícia partiu sem olhar para trás, levando apenas metade de um coração.

Mas a vida não para, e segue girando sem freio até que alguém tropece em uma ponta solta que deixou lá atrás.

Anos depois, mais maduros e experientes, os dois se reencontram sem esperar. Aquela chama esquecida, mas nunca apagada, volta a brilhar. É um duelo de titãs, briga de cachorro grande, mas contra o amor não há quem possa.

Ou há?

Sinto dizer, mas entre belos sonhos, sempre aparecem longos pesadelos.

## Prólogo

Luca

Cheguei ao Rio depois de uma semana em um Congresso de Urgência e Emergência Pediátrica em São Paulo. Foram dias de muito aprendizado, mas estou mentalmente cansado e precisando de duas coisas: descansar e buscar o Frodo na casa dos meus pais.

Estou morrendo de saudade do meu companheiro verde. Frodo é especial na minha vida, quase uma pessoa que já me acompanha há anos. Se tem algo que me faz ter pressa para voltar para casa, é ele.

O elevador interditado não foi uma novidade, no entanto, subir sete andares de escada foram a estaca que faltava para finalizar com qualquer energia que eu tivesse. Fui inocente achando que ficar quatro horas preso no aeroporto por conta do mal tempo seria o pior de hoje.

Morto e carregando a minha mala cheia de coisas, tentei abrir a porta do meu apartamento. Sempre que vou a São Paulo ou à Minas, minhas tias mandam as mais variadas inutilidades para a minha mãe ou até mesmo para mim.

Família é ótimo, mas é cada coisa que a gente tem que aguentar.

— Mas que porra está acontecendo com essa fechadura? Era só o que me faltava.

Depois de muitas tentativas, saquei o celular para chamar um chaveiro. Mas antes que encontrasse algum disponível no domingo à noite, a porta se abriu.

— SURPRESA!

Talvez a minha reação não tenha sido exatamente o que ela esperava, mas foi inevitável. Se ela soubesse pelo que eu já passei nas últimas horas, não abusaria da minha paciência.

— O que está fazendo aqui, Nádia? E que merda aconteceu que a minha chave não entra? — cuspi, ríspido.

— Vim te fazer uma surpresa, meu amor. Não reparou? — com voz sensual, ela abre mais a porta e faz uma dancinha para mostrar que está apenas de calcinha e sutiã.

— Estou surpreso. Parabéns. — entro arrastando a minha mala e só então uma coisa me ocorre — Como entrou no meu apartamento? Por que a minha chave não funciona?

A vontade é de colocá-la para fora sem nem ouvir suas explicações. Detesto ter a minha privacidade invadida.

Não é a primeira vez que ela tenta me enrolar com esses joguinhos, se enfiando forçadamente na minha vida, impondo a sua presença como se isso não nos afastasse ainda mais. Se realmente me conhecesse, saberia que não funciono sobre pressão.

— Bem, querido... Eu tive de pensar muito para bolar essa surpresa. Suas novas chaves estão aqui. As suas e as minhas, claro!

Olho irritado para os dois molhos de chaves sacolejando em suas mãos.

— Suas. Uhum... Desde quando, Nádia? Que merda é essa?

— Siiiiim! E coloquei uma cópia das chaves do meu apartamento no seu novo chaveiro também. Já estava na hora, não acha?

Não, eu não acho. Definitivamente, eu não acho.

— Nádia...

— Espera, espera. — interrompe-me colocando a mão sobre a minha boca e esfregando o corpo no meu — Deixa eu provar que esse novo passo valerá muito, muito à pena.

Ela enfia a mão dentro da minha calça e massageia as minhas bolas, tentando esquentar as coisas.

— Nádia, pare.

Ela me ignora.

— Oh, garanhão... não quero parar. Quero pegar fogo, quero matar a saudade na cama. Vamos lá! Exijo que me pegue daquele jeito que só você

sabe. Sim? Faça como quiser comigo, Luca.

Exige? Oh, por favor! Será que ela não vê como soa?

Obvio que o meu pau iria endurecer, ela está tocando nele. Mas... Um pau duro não significa tanto assim. Às vezes ele só reagiu ao estímulo, só está sem transar há um tempo. Meu pau quer entrar em ação, mas todo o resto se nega a continuar com isso.

Tudo o que senti quando Nádia começou a beijar o meu pescoço e masturbar o meu pau, foi vontade de mandá-la embora e bater uma punheta debaixo do chuveiro quente.

E tem sido assim há um tempo. Um longo tempo.

— Nádia, não está rolando. — me afasto — Acho melhor a gente seguir cada um com a sua vida e manter a amizade.

Antes de ir para São Paulo, eu havia dito por mensagem que precisávamos resolver umas questões juntos. Ela sabia que a razão da nossa conversa era um ponto final, e simplesmente inventou todas as desculpas possíveis para me evitar. Até visitar os pais, que moram em São João da Barra, há 4h de viagem, ela foi.

As coisas estavam esquisitas entre nós. Eu perdi o interesse, perdi o tesão e aos poucos comecei a evitar situações que antes gostava, só para não ter que me aborrecer.

Nádia é muito carente, pegajosa, persistente em todos os aspectos e não entende que estamos em sintonias diferentes. Ela quer adiantar as coisas além do aceitável para mim. Se pretende dar o próximo passo, pode encontrar alguém que esteja na mesma vibe.

— Está terminando comigo, Luca? Depois de tudo o que fiz por você.

— Você arrombou a minha porta. É disso que está falando? Porque se for, não vejo como um ponto positivo.

— Não! — berra — Eu fui dedicada e surpreendente. Contratei um chaveiro para trocar a sua fechadura, comprei lingerie, depilei até a alma para você. Luca, eu comprei um chicote.

— Arrombou a minha casa e quer me chicotear? — digo segurando o

riso.

— Claro que não, garanhão. — e mais uma vez ela volta com a sensualidade forçada — Não escutou quando eu disse para fazer o que quisesse comigo? Oh, bebê! Você vai usar o chicote em mim.

Patético.

— Nádia, estou falando sério. Será melhor para nós dois.

Percebendo a minha franqueza, ela muda de postura e apela para a chantagem emocional. Até lágrimas caem dos seus olhos.

— O que foi que eu fiz? Estávamos bem, meu amor. Somos perfeitos um para o outro. Vamos conversar... talvez... O problema foi ter trocado a fechadura? Posso mudar isso. Melhor. Vou te devolver a cópia se você estiver se sentindo pressionado. Não vamos correr com as coisas, tá? Agora seja o homem que eu conheço e vem me fazer gozar, vem.

— Chega. Nádia, não vamos por aí. — seguro seus pulsos quando ela tenta abrir a minha calça.

Sei onde ela quer chegar e não vou ser distraído por suas mãos e boca.

Da última vez que terminamos, ela veio cheia de charme me alisando, dizendo tudo que pretendia fazer comigo. Quando dei por mim, estava com a cabeça enterrada entre as pernas dela enquanto ela engasgava com o meu pau na garganta em um 69.

Desta vez isso não vai se repetir. Chega de ser comprado com sexo.

—Mas, Luca... Eu te amo. Você me ama.

Amor é um sentimento muito, muito forte para descrever o que sinto por Nádia. A gente se dá bem, ela é uma mulher bonita e... legal, mas não passa disso. Fora o sexo quente, não tem mais nada que funcione.

— Gosto de você. Gostei de verdade no começo, mas acabou. Os últimos três meses foram muito bons, mas acabou, Nádia. Acabou mesmo.

Esperei para ouvir o que elaalaria, mas isso não aconteceu. Passou por mim irritadíssima, foi até o meu quarto e depois de alguns minutos voltou

com uma bolsa cheia de coisas.

Apesar de nunca ter morado em meu apartamento, cada vez que vinha me ver, era uma muda de roupa que ficava. Isso foi me incomodando, passei a me sentir desconfortável com a sua falta de desconfiômetro. Ela conseguiu em três meses entulhar o meu banheiro de coisas, encher o ralo do meu box de fios loiros e ocupar duas gavetas do meu armário.

Outras namoradas chegaram ao mesmo estágio, no entanto, nenhuma tão rapidamente. Acredito que toda essa invasão foi o que me fez desgostar da relação.

— Você vai sentir a minha falta, Luca. Sei que está com medo do que sente por mim, sei que é assustador amar alguém tanto assim. Acredite, eu sinto o mesmo. Estou indo. Você sabe onde me encontrar.

E depois dessa cena de novela das 20h, ela saiu batendo a porta.

Que louca!

De onde essa maluca tirou essas coisas

## Perdendo um guerreiro

Luca

— Prometo-te ser fiel, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, amando-te e respeitando-te por todos os dias da minha vida...

Não, ele não promete.

Pelo amor de Deus, esse é o Batata. Qualquer um sabe que um sujeito chamado por todos de Batata, não pode prometer nada... muito menos ser fiel por todos os dias da vida.

Ninguém aqui acredita que esse casamento durará mais do que seis meses. Sejam sinceros. E isso é otimismo puro da minha parte, porque no fundo acredito que em trinta dias ele estará pedindo abrigo na minha casa... ou na casa do Fred.

Olho para os enormes vitrais com imagens de santos que não conheço e deixo escapar uma risadinha. Imagine se eu levanto aqui e digo: Padre, o nome dele não é Raphael Hertal Soto. Ele é o Batata, um moleque incrível que conheci aos doze anos no colégio.

Sabe porque o chamamos assim?

Culpa da mãe dele, dona Dinalva, que todos os dias colocava um pãozinho de batata na pochete dele junto com um todyinho gelado. Puta merda! Com doze anos isso é tudo que seus amigos precisam para acabar com a sua reputação.

Hoje só eu e o Fred o chamamos assim.

Frederico, que é conhecido como “Dr. Nariz” pelos jornais e colunas sociais por ser um otorrino especialista em cirurgias plásticas e corretivas. Quem diria que aquele garoto truculento que vivia se metendo em confusão daria em alguma coisa que preste.

— Eu não dou dois meses. — diz Fred, sentado ao meu lado.

— Que feio, Frederico! Que feio! — segurando a risada, o repreendo  
— Nosso amigo jurou diante de um padre.

— Ele é agnóstico.

Quase não seguro a gargalhada.

Batata é daquelas pessoas que não acredita e nem desacredita em Deus. Ele apenas diz que não tem provas o suficiente para tomar uma posição sobre isso. O que me faz pensar nas coisas que devem estar passando pela cabeça dele neste momento.

— Raciocina comigo. — falo baixo próximo a orelha de Fred, enquanto a cerimônia segue — Se ele está casando, jurando fidelidade e os caralhos sem ter provado o que vai levar para casa... Imagine se for uma merda? — Fred abaixa a cabeça — Porque as vezes a coisa não encaixa.

— Imagine se ela for daquelas cheias de não me toque? Putz! Se só quiser trepar no escuro?

Putá que pariu! Coitado do meu amigo.

Como alguém faz isso hoje em dia? Sexo é um pilar fundamental da vida, não pode ser colocado em segundo plano dessa maneira. Meu amigo só pode estar enfeitiçado.

— Pode beijar a noiva. — o padre fala suavemente e, sob fortes aplausos, o casal se beija.

Festa!!!

Agora sim estou me sentindo em casa. Pista lotada de gente, garçons passando com as bandejas carregadas e música alta.

O principal benefício de perder um amigo para um casamento, é a festa e as madrinhas da noiva. Neste caso, aqui está excepcionalmente incrível.

Noivinha do sul, madrinhas do sul. Todas loirinhas, lábios grossos, seios fartos, estilo miss. O que mais eu poderia querer? E ainda tem as tias da noiva que não deixam a desejar. Nunca vi tanta mulher gata no mesmo ambiente. Precisamos visitar a nova família do amigo.

A Marina da Glória é um lugar realmente incrível para eventos desse porte. Se ele queria impressionar a família pecuarista da noiva, conseguiu.



Meu apartamento fica no Flamengo, rua Paissandu, perto o suficiente para fechar a noite com uma das madrinhas na minha cama. Tudo o que eu preciso é controlar o álcool, porque ninguém trepa direito bêbado.

— Vai rolar aquele “quarto amigo” de fim de festa não é, Luca?

É sempre assim.

— Não tem casa não, Doutor Frederico? — brinco — Usando o meu apartamento de motel.

Lógico que vou ceder um quarto para ele ficar, mas sempre vale a zoação.

— Se eu tiver que dirigir até a Barra para comer alguém, fico na punheta. Imagina ter que vir trazer mulher em hotel aqui no Flamengo. Nem se fosse uma boceta de ouro. — ele vira a cerveja do copo — E então?

— Depende... — brinco. E ele sabe do que estou falando. — Rola uma troca?

— No que depender de mim, sempre rola. Agora resta saber se as amigas são tão santinhas quanto a noiva.

— O olhar das duas lá do outro lado não parece nada ortodoxo. — mostro e ele identifica o meu ponto — Gostei dos peitos da de vermelho. Já posso imaginar eles saltando na minha frente. Que delícia!

Analiso um pouco mais as duas. Suas roupas exaltam as formas, os decotes quase mostram demais. Se essa dança não é um chamamento sexual, não sei mais o que é. Elas estão para o crime.

— Olhando daqui, santas não são. Temos chance. Fico feliz com a de roxo.

Curtimos a festa de olho nas escolhidas da noite. Mais alguns copos, uns petiscos, muitas risadas com os amigos de trabalho e alguns fantasmas renascidos da época da escola.

É sempre bom reencontrar a turma e descobrir que o galã casou e hoje pesa cem quilos a mais, que a nerd estranha sofreu tanto bullying que deu a volta por cima e hoje é destruidoramente linda, ou que a gostosona do passado que só dava mole para os atletas virou acompanhante de luxo, mas se

diz modelo.

Pena que nem todos estão aqui. Tem uma pessoa que eu gostaria muito de reencontrar, nem que fosse só para saber como está.

Eu, Raphael e Frederico ainda somos o mesmo trio do colégio, porém, agora pagamos contas, temos profissões e até mesmo responsabilidades que jamais sonhamos em ter.

A minha responsabilidade inesperada fica por conta do Frodo, um papagaio que uma ex namorada de Frederico trouxe do Mato Grosso e acabou deixando para trás quando o namoro de duas semanas terminou. Por motivos que nenhum de nós sabe explicar, hoje Frodo mora comigo e temos uma relação de amizade que consegue ser maior do que a que tenho com os caras.

Diferente da amiga noiva, Ana e Clarisse não são santas... Ou seria Hanna e Alice? Não importa.

Mal chegamos ao meu apartamento e a coisa já ficou quente. Começamos no sofá, pulamos para o chão e quando vimos já estávamos na mesa.

A loira peituda é um tesão, pecado em forma de mulher. Que boquinha de veludo. Minhas calças ainda estavam no meio das coxas quando ela caiu de boca no meu pau e mamou daquele jeito que todo homem gosta: sem nojinho, sem cerimônia, saliva escorrendo e pica entrando até a garganta.

— Engole ele todo, danada! — mandei, trazendo sua cabeça pela nuca até sentir que engasgava.

Enquanto isso a morena que antes vestia roxo, estava nua e de quatro sobre o meu sofá rebolando para Frederico. Ele fez um sinal e eu compreendi na hora. Segurando o cabelo da loira, dei dois passos até a parte de trás do sofá.

A boca da morena estava na altura perfeita. As duas me olharam, mas não pareceram ofendidas com o que eu pretendia fazer. Retirei o restante da calça, puxei a loira novamente para mim e estiquei a mão até o queixo da morena. Ela ficou indecisa, as duas trocaram olhares, mas não demoraram a concordar.

— Que visão maravilhosa! — quase perco a voz — Nossa, que delícia! Assim que se faz, assim mesmo.

Dei um sorriso canastrão para Frederico e ele retribuiu pouco antes de lamber o polegar e enfiá-lo devagarzinho no cu da morena. Por um segundo ela congelou, mas só por um segundo, e logo voltou a rebolar.

— Safadinha! — disse Fred, enfiando o dedo todo.

As ideias foram surgindo e o tesão aumentando. Dei a volta no sofá e sentei com a loira cavalgando no meu pau e gemendo. Frederico fez o mesmo, porém, a sua mulher ficou de costas para ele, e para a minha surpresa, enquanto a... Hanna me montava, abaixou para chupar os peitos da amiga.

Puta merda!!!!

Meu pau chegou a tremer. Finquei os pés no chão arremetendo com tudo o que tinha, fazendo-a gritar com os mamilos da outra entre os dentes. A coisa ficou melhor do que eu imaginava.

— Quer chupar a sua amiga, quer? — Frederico perguntou no ouvido da... Alice... ou Aline, não importa. Ela confirmou com a cabeça.

A satisfação brilhou nos olhos das duas. Nós estávamos nos divertindo muito.

Quando eles foram para o tapete, abri minhas pernas o mais amplo possível para que a morena conseguisse entrar entre elas. Puxei a loira mais para perto e fiquei com os seus seios em meu rosto. Deliciosos, por sinal. Retirando o pau todo de dentro dela com cuidado para não deslocar o preservativo, abri sua bunda usando as duas mãos e ofereci para a morena ajoelhada no tapete.

Não pude ver, mas pela cara de Fred e pelos sons que escutei, ela estava chupando com gosto. Amamos ver mulheres se dando prazer.

Querendo aproveitar o máximo da brincadeira, girei a loira sem tirar o pau de dentro. Ela ficou de costas para mim e com as pernas arreganhadas para a amiga que não perdeu tempo e caiu de boca em seu clitóris embalada pelos movimentos de Frederico socando forte na sua bunda.

Quando ele ganhou o cu que eu não vi? Filho da puta sortudo!

Seguimos uma filosofia antiga que diz “cu não se pede, cu se conquista”. Deve ser de algum filósofo chinês com certeza.

Precisei segurar firme nos seios da loira quando a morena resolveu lambe minhas bolas e brincar com elas. Foi muito gostoso. Impossível não gemer de satisfação.

Caralho! É maravilhoso. Assim fica difícil para mim.

— Uou, delícia!

Agarrando-a pelo quadril para rebolar sobre mim, guiei seus movimentos até quicar forte e com a outra mão masturbei o brotinho pulsante sem trégua. Com um sinal, indiquei a Fred que estava perto. Percebi que ele também estava no limite, então investimos pesado.

As meninas se derreteram gemendo alto, sibilando o ar forte demonstrando que também estavam quase lá. Todo o clima sexual mexe com a cabeça de qualquer um, deixa o corpo em ponto de bala. Não demorou muito para termos certeza de que elas gozaram. A exaustão ficou evidente.

Aí sim!

Depois de cumprir o nosso papel, finalmente podemos relaxar e deixar o gozo vir.

\*\*\*

## **Segunda-feira**

Bebo a terceira xícara de café e nem são nove da manhã.

Eu deveria ter aproveitado o domingo pós festa para descansar porque claramente não sou mais um garoto. Deveria, mas não fiz. As amiguinhas da noiva do Batata dormiram no meu apartamento e quem disse que fizemos outra coisa além de transar?

Há mais de dois anos eu não trepava tantas vezes no mesmo dia. As duas pareciam estar no cio ou saídas de um convento sem homem. A loira quase afinou o meu pau de tanto que chupou. Aquela gosta de cair de boca num cacete e não nega.

Evidente que não estou reclamando. Foi um prazer ser ordenado por ela.

De volta a vida normal, sigo com os meus atendimentos. Pode não parecer, mas sou um daqueles caras para casar. Sou um bom filho, bom irmão, tenho um ótimo apartamento, minha menina na garagem e cuido do Frodo melhor do que muito pai por aí.

A única questão é que não quero me casar.

— Dr. Luca, posso mandar o próximo paciente entrar? — diz minha secretária ao telefone.

— Pode sim. — tento me lembrar o nome dela — E... meu bem, quando eles saírem reponha a minha garrafa de café, por favor.

Ouçó-a bufar.

— Claro, doutor. E, a propósito, é Luana.

Juro que não é por mal, mas sou péssimo com nomes. Estou em uma fase de testes e essa já é a terceira secretária em menos de duas semanas. Quase todas terminam com Ana. É muita Juliana, Eliana, Ariana, Mariana. E quando não é isso, muda para o Ane.

Ah, pelo amor de Deus! Que falta de criatividade.

Esfrego o meu rosto tentando acordar e me recomponho quando ouço duas batidas à porta.

— Com licença.

— Entre. Fique à vontade. — olho a ficha em branco e o pequeno pacote envolvido por um pano azul — É a primeira consulta do rapaz?

Sorrindo, a mãe diz que sim.

Sempre reservo uma hora para as consultas de recém-nascidos. Eles e os pais precisam de toda a atenção do mundo, têm uma lista de dúvidas para sanar e isso leva tempo e paciência.

Como de costume, o pai entrou completamente perdido minutos depois, alegando que estava em busca de uma vaga para estacionar. Um casal jovem começando a família e com uma infinidade de perguntas.

Em um primeiro momento notei o estranhamento por parte do pai. É comum. Os homens sempre me veem como uma ameaça ou com descrença. Eles devem pensar que canto tudo quanto é mulher que entra aqui, só pode.

Uma vez, uma mãe que veio sozinha para uma consulta de rotina, disse que o seu marido morria de ciúmes de mim e dizia que eu era novo demais para ser competente.

Estou acostumado aos primeiros julgamentos. É um prazer surpreendê-los no final.

O casal sai feliz e mais tranquilo do que quando entrou. Eu ganho a minha nova garrafa de café e erro pela terceira vez o nome da secretária. Provavelmente ela me odeia.

Quem pode agradar a todos, não é mesmo? Com o tempo ela se acostumará.

## **Prazer! Eu sou o destino.**

**Luca**

Primeiro dia da semana e o elevador já está quebrado. Bem que meus pais me alertaram quando resolvi comprar um apartamento em um prédio tão antigo, mas insisti. Na época achei charmoso o fato de ser uma construção com história, além do espaço avantajado e das enormes janelas.

Junto com toda a história da construção, vêm os problemas... mas nada que me faça querer sair daqui. Quem mora em um três quartos com 200m<sup>2</sup> hoje em dia? E melhor, um por andar.

Obviamente, volta e meia preciso mandar flores para os meus vizinhos de baixo, um casal com mais de setenta anos, que todos os finais de semana colocam um bilhete debaixo da minha porta para reclamar do barulho. Por isso sempre prefiro transar na sala, assim evito o bate estaca sobre a cabeça deles tarde da noite.

Subo os sete andares de escada já fazendo um treino hit. Hoje não vou à academia. Estou sem condições de fazer qualquer coisa diferente de comer e dormir.

O cheiro forte de pinho me atinge no momento em que abro a porta do apartamento. É segunda-feira, dia da Jacilda deixar tudo impecável para mim.

A Jacilda era auxiliar de serviços gerais na minha clínica, mas o trabalho era muito pesado para ela e percebi que seu problema na coluna a prejudicava demais. Ela fez alguns exames, passou por perícia no INSS, mas não foi afastada do trabalho, então resolvi dar a ela uns meses de descanso por conta da clínica.

Teimosa, ela quase não aceitou, porém, sou persistente. Seis meses se passaram com ela querendo voltar ao trabalho. Quem conhece a Jacilda sabe o quanto gosta de ser útil. Minha mãe deu a ideia e eu achei ótima.

Há uns três anos Jacilda me ajuda aqui em casa uma vez por semana. Em contrapartida, continua na folha de pagamento da clínica com todos os benefícios e o mesmo salário.

Bom para os dois. Eu amo essa mulher e não imagino a minha vida sem os cuidados dela. Até pistoleira ela já colocou para fora do meu apartamento... Sem contar a quantidade de avisos que ela espalha pela casa na tentativa de não me deixar esquecer de nada importante.

— Limpa tudo, Jaci! Limpa tudo, Jaci!!!! — ouço a voz esganiçada de Frodo vindo da cozinha.

*Putz! Lá vem.*

— Seu filho de quenga, vou fazer maritaca assada se jogar isso no chão outra vez.

*Lar doce lar.*

Entrar em casa e não escutar a briga desses dois me deixaria preocupado. É assim toda segunda-feira: Jacilda limpa tudo enquanto o Frodo anda pela casa atrás dela falando e reclamando. Parece viola estragada. E quando ela termina, ele derruba algo só para não ficar sozinho.

Escutando a discussão, vou até eles sem fazer qualquer ruído. Vamos ver qual o caso de hoje.

— É desaforado esse frango verde. — Jacilda fala quase tão alto quanto Frodo.

— Chama o Luca. Chama o Luca agora. Chama o Luca. — Frodo grita sem parar.

— Vou chamar mesmo, seu frango verde.

— Limpa tudo, Jaci!

Pelo canto da porta, a vejo terminar de limpar a lambança que ele fez jogando as frutas pelo chão e a vasilha de água. Quando está nervoso, ele arremessa o vasilhame no micro-ondas que fica na parede oposta à gaiola.

— Agora chega, seu fí de puta. Vou deixar você sem nada e avisar ao Luca para colocar depois. Desse jeito só vou embora amanhã.

— Só amanhã. — ele repete.

— É isso mesmo que você quer. Acha que num tenho vida não, é? Pois tenho três ônibus para pegar e ainda tenho feira para fazer.



— Laranja. Frodo quer laranja. — ele grita e eu quase gargalho do meu esconderijo.

— Não pode não. Essa semana já comeu laranja. Doutor Otaviano disse uma vez só por semana. Quer morrer, Frodinho?

— Laranja.

— Tchau!

Quando Jacilda pega a bolsa, ele voa direto para o seu ombro e se esfregando em seu rosto como um gatinho.

Frodo consegue dar voos curtos pela casa porque procuro não cortar demais as asas dele. Em cada canto tenho locais onde ele pode subir e brincar. As janelas são protegidas por uma tela fina de metal, assim ele pode ficar o mais livre possível.

— Agora você quer fazer as pazes? Seu falso! Sujou a cozinha que eu limpei. Isso não se faz, Frodinho.

— Fica, Jaci!!!!!! Fica!!! Laranja do neném.

Sem conseguir segurar o riso, acabo revelando onde estou. Frodo vem até mim e faz que está chorando. É um filho da puta mesmo. Desse tamanho é manipulador desse jeito. E ainda tem gente que diz que eles não pensam.

— Olha isso, Luca. Ele me perturba o dia todinho e agora que vou embora, vem cheio de graça. Ele acha que me engana. Isso não vale nada. Frango verde.

Estico o braço e ele desce para a minha mão todo cheio de graça. O Frodo pensa mais que muito humano por aí.

— Ele não gosta de ficar sozinho, Jacilda. Faz bagunça para você não ir embora. — coço a cabecinha dele — A gente ama a Jacilda, não é mesmo, Frodo?

— Mentiiiira! — ele grita.

— Assim não tem como te defender.

— Tá vendo?! — Jacilda sai pelo corredor carregando suas sacolas — Vou embora, frango.

— Volta, Jaci!!! Fica, Jaci! — ele finge um choro dolorido — Oh, maiêêê!!!

Não sei se rio ou se faço um vídeo da cena.

Quem escuta, pensa que é uma criança desesperada. Ele grita repetidas vezes, quanto mais perto da porta a Jacilda chega, mais ele chama por ela com o seu “ô mãe”.

Estico o braço e ele voa uns três metros entre a gente. Com o coração mole, ela pega ele e senta no sofá para brincar.

— Tá vendo, você acostuma ele mal. Aprendeu que se fizer charme, você faz o que ele quer e por isso está manhoso.

— Eu nada. — retruca — Quem é o pai dele é você. Oxênte, papagaio agora tem querer? O pai que num deu educação.

— Vê se eu sou pai de bicho. — desdenho enquanto retiro os sapatos.

Ela me olha com os olhos compridos e a testa enrugada.

— Até parece. Quem ouve até pensa que você não se importa. Só faltou morrer quando ele ficou doentinho.

O pior é que ela está certa. Mesmo sendo barulhento e porcalhão, Frodo é o meu companheiro e não tem nada que eu não faça por ele.

Só depois de muita brincadeira, Frodo se distrai com uma banana nanica e finalmente a Jacilda consegue ir para casa.

Ontem as meninas acordaram com os gritos dele pedindo café da manhã. No começo acharam que tinha uma criança no apartamento, uma delas chegou a duvidar que fosse um bicho de estimação, mas caiu de amores assim que eu abri a porta da cozinha e ele pode fazer a sua entrada triunfal.

Foi amor à primeira vista; até ele dizer a sua frase habitual para todas as mulheres que passam por aquela porta: outra puta!

Ele aprende isso com os caras. Até tento melhorar o vocabulário dele, mas acho graça das suas artes.

Qualquer dia eu deixo a Jacilda fazer papagaio assado.

Frodo não gosta das mulheres. Tirando Jacilda, Milena e minha mãe, para ele são todas putas. E aí de quem tocar nele. A loira até que tentou, disse que a avó tem um papagaio há vinte anos e sabia lidar com ele.

Eu avisei, mas ela não quis dar ouvidos. Mulher teimosa da porra. Resultado? Saiu daqui com o lábio cortado, e nem se deu por mim. Frodo deu a ela um beijo de boas-vindas daqueles de arrancar sangue.

O restante da semana foi típico: consultório, hospital, algumas ligações desesperadas de mães durante a madrugada. Normal. Na quarta marcamos uma cerveja na casa do Bernardo, um amigo que é contador, ele estava comemorando/lamentando o término do seu namoro de dois anos. O sábado amanheceu aquele dia perfeito de sol e mar, com muitas ondas para surfar. Eu tinha uma balada marcada, mas acabei dormindo e só acordei no dia seguinte com mensagens de Milena cobrando a minha presença no almoço de família.

Nem sei como dormi tanto.

Visitar a casa dos meus pais sempre me faz refletir. Os dois funcionam muito bem como casal, se completam de tal maneira que só de olhar dá vontade de viver a mesma realidade. Um pouco utópico, comparando com o que tenho hoje.

Talvez se as escolhas lá de trás tivessem sido melhor pensadas...

O garoto arteiro, que surfava na Praia da Macumba pela manhã e voltava todo desordenado em cima da hora da aula e sem ter estudado para a prova, ainda vive aqui. Foi assim no colégio, na faculdade, na residência. Ainda é assim na vida adulta. Nada mudou.

Sempre que posso, acordo cedo para pegar onda, ainda assim, volto em cima do laço para tomar uma chuveirada e correr para o consultório. Minha carga de trabalho diária varia entre 8 e 12 horas, dependendo do dia da semana. Terças e quintas dou plantão no Malamam Apart Rio e nos outros dias atendo na clínica.

Sobra o fim de semana para tirar a pressão das bolas e curtir com os amigos. O que não foi o caso deste. Aproveitei um pouco mais da casa dos meus pais, já que semana passada foi o casamento do Batata e acabei me

prendendo com a despedida de solteiro, cerimônia e festa.

Depois do almoço, conversei por um longo tempo com meu pai sobre algumas mudanças que ele pretende fazer na estrutura do hospital e sobre a funcionalidade das alterações já feitas. Recentemente parte do estacionamento descoberto do complexo foi transformada em um jardim incrível com a assinatura de um dos mais procurados paisagistas do Rio. Particularmente, achei desnecessário, mas prefiro me manter neutro quanto a isso.

Ao longo dos anos, minha mãe passou a ser uma espécie de conselheira do meu pai no comando do hospital. Inclusive, praticamente todas as ideias para a melhor humanização do lugar, foram propostas por dona Dora. Atualmente somos referência em atendimento, infraestrutura, corpo clínico e conforto.

Saio pela portaria do condomínio e dou uma buzinazinha cumprimentando o porteiro. Morei a vida inteira no mesmo lugar e conheço até as pedras da alameda. Foram quase trinta anos debaixo das asas dos meus pais até tomar a iniciativa de encontrar o meu próprio canto.

Mais uma noite de sábado cheia de possibilidade se apresenta. Costumo dizer que o fim de semana é uma tela em branco louca para ser colorida. São dois dias para acumular energia o suficiente para levar uma semana inteira nas costas.

Tudo começa com um “esquenta” no boteco do Lalau e de lá partimos para a balada que estiver rolando.

O número de Fred aparece no sistema de som do carro. Atendo.

— Fala.

— A mocinha vai demorar ou devemos esperar mais um pouco?

— Estou chegando. Aguenta aí que chego logo.

— Beleza.

Dirijo pelas ruas da zona sul com os vidros abertos, curtindo o vento no rosto. Sempre faço isso para entrar no clima. Semáforo após semáforo percebo o olhar das pessoas sobre mim. Não diretamente sobre mim, porque

eles se impressionam com o carro. É clichê, mas foi mais forte do que eu. Comprei a minha primeira Ferrari há cinco anos, uma preciosidade. Agora, com a segunda há poucos dias, desfruto da mesma emoção.

Ainda preciso pegar estrada para abrir o motor da minha menina e sentir do que ela é capaz. O que muitos veem como um brinquedo de luxo, eu vejo como satisfação pessoal. Passei a adolescência sonhando com o ronco deste motor e agora possuo um só para mim.

Estaciono em frente ao bar, certifico-me de que minha menina esteja segura e atravesso a rua para entrar no conhecido estabelecimento.

— Chegou a moça. — grita Otaviano quando me vê. — Achei que ia arregar.

— Presta atenção, Otaviano. Vê se sou eu que tem emergência com gatinhos engasgados.

— Sabe que as vezes aparecem uns papagaios falastrões na minha porta no meio da madrugada? O pior são os donos que até choram.

Calo a minha boca e faço sinal para ele, reconhecendo que perdi.

Otaviano é um amigo de um amigo que foi chegando e quando me dei conta, já estava na minha lista de melhores pessoas. Há uns anos atrás fui apresentado a ele e descobri que era veterinário de animais silvestres. Acho que foi até por isso que Caíque achou que nos daríamos bem. Tomamos umas cervejas num dia, em outro jogamos vôlei na praia.

Calhou de Frodo passar mal no meio da madrugada com crise respiratória e fraqueza. Ele quase bateu as garras para o mundo dos mortos.

No dia, não pensei em mais ninguém. Peguei o carro e apareci na porta de Otaviano vestindo uma cueca e segurando o Frodo quase sem vida. Eu estava muito desesperado. Papagaios são animais sensíveis e ele poderia morrer de repente.

Otaviano me ajudou, cuidou da saúde de Frodo por dois meses até que ele estivesse totalmente recuperado. Tenho uma dívida eterna com ele.

— Já definiram alguma coisa? — pergunto puxando uma cadeira.

Na mesa estão Samuel, Otaviano, Frederico, Bernardo e Lúcio.

— Samuel acabou de confirmar com a Popy. Daqui vamos para uma festa que ela está dando para a irmã mais nova... ou prima. Parece que a garota se formou essa semana e Popy não precisa de muitas razões para encher o apartamento de gente, né?

Olho para Samuel e ele dá um sorriso amarelo.

— Popy!? Sério que vocês vão para uma festa na casa da ex do Batata e ainda confirmaram que eu vou? O cara vai ficar puto se a mulher dele arrumar encrenca na lua de mel por causa disso.

— Como ela vai saber?

— Rede social, gênio. — dou um gole na minha cerveja — Não dou até amanhã para ele ligar.

Fred olha o celular e começa a rir.

— O que foi? — pergunto.

— Olha isso.

Quando ele vira o telefone para a gente, aparece um vídeo que a esposa do Batata acabou de postar. Na imagem ele está todo vermelho feito um camarão, o rosto branco de filtro solar, um chapéu Panamá na cabeça e bermuda floral sem camisa. Não tinha como estar pior do que isso.

Que merda! Visão do inferno.

Não tem jeito. O vídeo vira piada na mesa.

Depois da crise de riso e das piadas infames sobre Batata e sua lua de mel no estilo camarão, decidimos ir para a tal festa na casa de Popy, a ex do nosso amigo recém-casado e “digital influencer” que vive para gastar o dinheiro dos pais como se não houvesse amanhã. Pelo menos tenho certeza que a festa será boa.

A cobertura de frente para o mar não fica muito longe. Aposto alto que a noite será das melhores. Popy se mantém nas colunas sociais ostentando festas animadíssimas com listas de convidados seletas. Por sorte sempre estamos nas listas. Ela estudou com a gente por anos, menos no último porque fez um intercâmbio. Dizem que os pais a mandaram para fora porque estava grávida, mas isso nunca passou de boato.

— Não me lembro da Popy ter irmã. — fala Lúcio — Acho que estamos indo para festa de adolescente. Matinê by teen.

Samuel nega colocando a mão esticada em frente a boca e diz enfático:

— Não viaja, Lúcio. A menina está se formando na faculdade, chamou o pessoal da turma e a Popy chamou mais uma galera. Acho que ela quer jogar a caçula no mundinho rosa dela.

— Coitada.

Já imagino as formandas de vinte e poucos anos pegando fogo. Que homem não iria querer cair em um mar de mulheres?

Cada um pegou o seu carro e nos encontramos na porta do edifício.

O local lotado de rostos desconhecidos e algumas figurinhas já carimbadas dessas festas. Não é difícil identificar as formandas, elas estão fantasiadas de colegial com camisas de botão e saias de prega. Flamingos e balões cor de rosa deixam a decoração ainda mais feminina e extravagante. A música eletrônica quase ensurdece os meus ouvidos, fazendo o corpo sacudir junto com a batida.

E olha que eu sou um cara acostumado com balada.

Chegamos os seis juntos, atravessamos a sala lotada até chegar à varanda e conseguir um pouco de ar e uma visão privilegiada e estratégica de todos os convidados.

— Será que elas são maiores de idade mesmo?

Olho para a sala transformada em pista de dança e então para Otaviano.

— Se já se formaram, devem ser. O problema é que esse uniforme mexe com o imaginário do sujeito.

— Quem se importa? Comeu um pão inteiro, já aguenta. — diz Fred babando nas novinhas.

Porra! Que frase escrota.

— Eu me importo. — respondo — Criança só no meu consultório. Na minha cama eu quero mulher feita. Às vezes você me assusta, Frederico.

— Está é com medo dos processos, doutor Malamam?

Por mais que eu saiba que ele está brincando, prefiro não entrar nessa pilha.

— Tenho vergonha na cara. — falo alto, tentando sobressair ao som — Eu comando o meu pau, não o contrário.

Mesmo assumindo o tom divertido, é exatamente o que quero dizer. Ser um puto, não significa que eu não tenha um critério para escolher as mulheres com quem eu transo. No mínimo elas precisam ser maiores de dezoito anos e estarem acordadas.

Enquanto conversamos, a anfitriã se aproxima.

— Ah! Quanta honra ter os homens mais lindos do Rio aqui no meu apartamento. — como uma ema escandalosa, Popy vem gritando até a gente — Luca, Fred, Otaviano, Bernardo, Lúcio e Samuel. Só faltou o noivinho do momento.

— Ele está em lua de mel. — fala Lúcio

A loira concorda com um sorriso mais falso que os fios de cabelo que tem colados na cabeça e revira os olhos. Ela se estica inteira até Fred e o agarra pelos ombros cheia de segundas intenções e fala:

— Acho que terei que te dar aquela chance que neguei no passado, Fredinho. Quem espera, sempre alcança.

Putá louca!

Abaixo a cabeça para não falar mais do que devo. Olho para os caras e depois para Fred. Ele realmente sabe ser grosso e não faz questão de disfarçar.

— Popy, não viaja. Se algum dia fui afim de você, estava bêbado.

— Credo, Fredinho! Que ogro. Vou fingir que acredito.

Esse comentário me faz rir. Uma patricinha sem noção do ridículo tentando dar em cima de um galinha inveterado com o orgulho ferido há quinze anos.

Os dois se alfinetam desde o colégio, quando ele era o bolsista filho



do porteiro e ela a menina mais invejada da escola porque já dava festas e tinha peitos.

Hoje ela ainda tem peitos, mas os atuais foram comprados. E as festas ficaram mais... quentes.

Na tentativa de amenizar as coisas, Otaviano entra na conversa.

— Onde está a sua irmã, Popy. Acho que nem me lembro dela.

Olhando para a sala cheia de meninas empolgadas e luzes frenéticas, ela procura de um lado para o outro até encontrar.

— Lily! Lily! Lily... vem aqui. — acena e grita exageradamente achando que está sendo sensual em seus gestos grotescos.

Por que será que algumas pessoas pensam que chamar atenção é ter a melhor atenção?

Entre a multidão animada, surge uma menina de um metro e meio com os cabelos pretos, óculos discretos e sem maquiagem. Apesar de também vestir a fantasia de colegial, é nítido que não pretende parecer sensual ou se destacar. É uma garota se divertindo com as amigas.

Lily tenta apenas cumprimentar a todos de longe, mas Popy a puxa pelo braço.

— Oi, pessoal.

— Credo, Lily! Seja mais sociável, irmã. Parece que não é da família.  
— Popy olha para a gente questionando com os olhos arregalados em uma tentativa de ser divertida.

— Como pode...

Posso imaginar o que passa na cabeça da garota.

— Oi, gente. — tentou a menina mais animada — Sejam bem-vindos.

— Melhor.

Lily volta para o seu grupo de amigas, onde parece mais à vontade e começa a dançar.

Observo uma mulher interessante, está de costas dançando junto com

as alunas. A morena tem um corpo volumoso no estilo gostosona com quadril largo e longas pernas. Perco-me no movimento da sua bunda e vou descendo até seus saltos de solado vermelho vibrante.

*Que delícia.*

—Luca, o que está olhando? Conheço bem essa cara de gavião escolhendo a vítima.

Popy coloca as mãos na cintura e procura pelo meu ponto de atenção.

— Quem é aquela mulher? — pergunto sem desviar.

— Hum... — desdenha — a professora da Lily. Minha irmã insistiu em convidar a paraninfa da turma. Acho que ela é um tipo de queridinha. Pare de olhar como se fosse grande coisa. Mulherzinha sem graça.

— Para mim, tem muita graça.

— O quê?

*Droga!*

— Eu não disse nada.

Olho para o lado e estou sozinho. Otaviano e Bernardo estão conversando com umas mulheres aparentemente bêbadas, Lúcio desapareceu, Fred dança o crew em cima de uma mesinha de centro e Samuel está sentado mexendo no celular.

Ao meu lado, Popy fala sem parar. Ela simplesmente não consegue parar, fala e gesticula, ri e dá tapinhas em meu ombro a todo momento. Desse jeito vou chegar em casa com hematomas.

Olho para os lados e não vejo quem estou procurando.

*Onde está a morena? Ela estava ali agora mesmo e desapareceu.*

Peço licença a Popy com a desculpa de ir ao banheiro e faço uma busca pelo ambiente. Esbarro em várias meninas lindas, mas elas acabaram de perder a graça diante daquela coisa espetacular.

Esfrego o nariz, surpreendentemente incomodado com a fumaça e o barulho.

— Achei você. — Otaviano segura o meu braço.

— Estou procurando uma mulher toda de preto, ela é morena, mulata... tem um cabelo escovado até o meio das costas...

— Ishi! Não vi, mas vi uma gatinha estilo bonequinha de luxo, que vou te contar, hein! E os peitinhos empinados? Tudo natural. Ainda bem que não é formatura de ensino médio, ou eu iria preso junto com o Fred.

— Porra, Ota! Estou falando com você.

Ele se espanta com a minha explosão. Olho de um lado para o outro atrás a morena e nada.

— Ei, desculpa. Mas falando sério, não vi essa mulher de quem você fala. Já tentou no banheiro?

— Tentei.

— Então olha lá no hall. Quem sabe ela foi embora.

Isso! Ela pode estar esperando o elevador para ir embora. É professora, deve estar aqui por obrigação.

Corro até a saída.

Se ela estiver lá, ofereço uma carona e digo que estou indo para onde ela for. Não vai recusar.

Saio pela porta da cobertura que dá direto no hall privativo onde ficam dois elevadores. É um espaço pequeno, mas decorado com carpete vermelho e papel de parede dourado. O que esperar de uma família que nomeia as filhas como Popy e Lily?

Falando ao telefone com uma mão apoiada na parede, a morena está de costas para mim e parece concentrada e não percebe a minha presença. Em silêncio, escuto o que diz:

— Tudo bem por aí? Que bom. Acho que vou ficar mais um pouco então, se estiver tudo sob controle. Ok. Ligue se precisar de mim. Obrigada por tudo. Beijo.

Com a certeza de que ela voltará para a festa, discretamente, retorno para a sala, mas permaneço próximo a porta como quem não quer nada e

espero. Mexo no celular enquanto nada acontece, olho a minha galeria de foto e mensagens antigas, enrolando.

Mesmo sem ver o rosto da mulher, senti uma atração muito forte por ela. Sua voz é firme, sensual, a postura altiva e um incrível par de pernas, não vou mentir, prenderam a minha atenção.

Ela está demorando demais. Talvez eu devesse voltar lá...

Gritos altos chamam a minha atenção e quando olho para o centro da sala, vejo Fred sem camisa dançando como um stripper para cinco meninas. Elas riem e incentivam que ele continue com a apresentação. Quem sabe, se eu não estivesse interessado em outra coisa, estaria junto com ele. Nós gostamos de uma baderna, bebida, diversão e muitas bocetinhas para deixar tudo mais gostoso.

Hoje temos tudo junto.

— Você precisa aprender a disfarçar melhor, Luca.

A forma como o meu nome é dito, faz a minha coluna enrijecer. De onde reconheço essa voz?

Viro-me para encontrar a fonte do problema, e quem está lá é a morena do hall.

Esse rosto, esses olhos acusadores... Como eu poderia esquecer?

— Trícia?

*Inferno! A professora paraninfa da turma é a Trícia?*

— Olha, ele me reconheceu. Estou surpresa. — ela ergue o dedo e seu rosto se molda em uma expressão que já conheço. Deboche. — Suspeitei que tentaria me comer achando que eu fosse uma carne nova para o seu abatedouro. Como vai, Luca?

— Vou bem. — e chocado — Pelo visto, você também está ótima.

— Melhor impossível.

A minha tentativa de ser simpático não está funcionando. Ela continua o julgamento com os olhos de naja.

— Nossa! Eu realmente não esperava te encontrar aqui. Achei que estivesse vivendo em Maringá. — arrependo-me imediatamente do comentário. Tento corrigir. — Quer dizer... Alguém comentou comigo que você estava lá. Nem lembro quem.

— Sei... alguém comentou. Mais o que esse alguém comentou, Luca?

— Nada demais. — desconverso — Conta, como está a vida?

*Concentra, cara. Só porque encontrou a sua primeira e inesquecível namorada não precisa se comportar feito um imbecil.*

— A vida está ótima. Como você vê, estou frequentando festinhas particulares dos meus alunos e dançando bastante.

Pode ter certeza que aquela dança não deixará a minha mente tão cedo.

— Você dá aula de quê?

— Arquitetura e planejamento de interiores. — fala com a voz cheia de orgulho.

Lembro-me desse mesmo olhar quando ela falava no passado que seria uma grande arquiteta e viajaria o mundo para aprender coisas novas. Nunca me esqueci desse olhar cheio de determinação.

— É, você seguiu mesmo o seu sonho. — digo encantado e um pouco melancólico.

— Seguimos. Pelo que sei, você se tornou mais um médico excepcional, como todos os que nascem sob o seu sobrenome. Surpreendente, não é?

Alguém andou pesquisando.

— A ironia ainda é o seu forte. — a última coisa que quero é discutir com Trícia, mas parece impossível, mesmo depois de tantos anos. — Você ainda é a mesma.

Ela concorda com a cabeça e arruma o cabelo com a ponta dos dedos. Meus olhos seguem o movimento delicado e resisto ao desejo de tocá-la. Faz muito tempo. Nem mesmo me lembro de quando foi a última vez que a tive

nos meus braços, entregue e despida dessa carapaça de proteção que a cerca. Éramos mais leves naquela época.

Dou um passo em sua direção, mas ela infla o peito e franze os lábios nitidamente me repreendendo.

—Quer sair daqui? Podemos conversar em algum lugar menos barulhento. Meu apartamento não é longe.

Cruzando os braços sob os seios, ela nega. Os peitos ganham destaque no decote, obrigando-me a cobiçá-los sem perceber, mas ela não deixa o meu deslize passar em branco.

— Um recorde! Dois minutos de conversa e você já me chamou para sair e babou no meu decote. As coisas não mudaram nada mesmo.

— Eu não estava... — penso melhor —Ok, eu estava olhando. Mas não a convidei para sair. Seria apenas um lugar que pudéssemos conversar sem precisar gritar. Suas alunas parecem d'angolas nervosas.

— São meninas felizes que acabaram de se formar. Deixe que se divirtam, a vida fica séria demais depois que pegamos o diploma.

Aproveito a deixa para perguntar:

— A sua vida tem sido séria demais, Trícia?

— Não é da sua conta, Luca. — recebe uma mensagem no celular — Preciso ir.

Enquanto liga para alguém, Trícia se vira e sai pela porta sem ao menos me dar a chance de me despedir. Olho em volta procurando pelos caras, mas vejo que todos estão muito bem ocupados.

É melhor assim.

No hall dos elevadores estamos sozinhos. Trícia espera batendo o pé esquerdo no chão. Um velho hábito que ela tem desde que a conheço.

— Quer uma carona? — ofereço.

Ela permanece de costas para mim.

— É crime dirigir sob efeito de bebida alcoólica. Você deveria saber.

— Então você deveria me oferecer uma carona. — rebato sem perder a oportunidade de admirá-la.

Quando namorávamos, ela ainda era uma garota. Nós éramos muito jovens. Tão jovens que minha irmã nos levava para as festas e encontros porque eu ainda não podia dirigir.

— Tem um ponto de taxi bem aqui na frente. Chame um para te levar em casa.

Sempre irredutível.

— Se eu morrer, a culpa será toda sua.

Ela vira o rosto para mim, e diz com os olhos tensos.

— Não faça falsas promessas.

O elevador chega e vamos juntos até a entrada, mas o caminho é feito em silêncio. Eu sei onde estou pisando e conversar agora não é o melhor caminho. Trícia está em seu “modo ataque”, vejo pelos lábios franzidos, o pezinho inquieto e o olhar distante. Ela sempre reagiu dessa mesma maneira quando nos desentendíamos. E nos desentendíamos bastante, sempre pelo mesmo motivo: nosso futuro ou ciúmes.

Paramos na calçada do prédio e o manobrista não demora a trazer o carro dela.

— Um jeep? — falo descrente com a sua escolha. — Estou surpreso.

— É.

— Não é uma escolha muito feminina.

— Eu nunca fui uma mocinha dentro dos padrões.

É. Sempre gostou de seguir as suas próprias vontades.

— Um belo carro. — passo à frente do manobrista e abro a porta para ela — Tem certeza que não mereço uma carona?

— Ah, Luca, volta para a festa.

— Não tenho nada para fazer lá.

— Nem aqui. — responde entrando no carro.

É aí que se engana. O que eu quero está bem na minha frente.

— Será assim? — digo do lado de fora — Mais de dez anos sem me ver, e vai embora?

Ela não responde, arranca com o carro e me deixa parado feito um idiota na calçada.



## Águas passadas

Anos antes

— Amiga, ele é tão gatinho, por que você não quer ficar com ele?

— Porque ele já ficou com todas as meninas da escola. Porque cheguei aqui faz pouco tempo e preciso me resguardar. Não vou entrar na lista das conquistas desse playboy.

Não era uma mentira, daquele grupo de meninas prestes a ingressar nas melhores universidades do Rio de Janeiro, apenas Trícia, que acabara de se mudar, não havia caído nas graças de Luca Malamam.

O ar de surfista bronzeado e o jeito amigo dele conquistava qualquer uma.

— Bobagem. — disse a mais atrevida da turma — Se você for selecionar por esse parâmetro, vai morrer sozinha, queridinha. Aqui não é o buraco de onde você saiu, as pessoas interagem umas com as outras.

Trícia estreitou os olhos e se imaginou voando sobre a colega de classe e lhe arrancando os olhos da face. Obviamente ficaria apenas na imaginação. Ela ensaiou um sorriso debochado, sua especialidade, e respondeu:

— De onde venho interação é algo menos íntimo do que perder a calcinha atrás da arquibancada. Prefiro continuar com os meus hábitos.

Aquilo foi a glória.

A desinibida colega não conseguiu elaborar uma treplica e se conteve, enquanto as demais riam e cochichavam sobre o ocorrido da semana anterior. Ter o diretor entrando na sala para questionar de quem era a peça íntima deixada para trás, não foi exatamente um momento fácil de esquecer. Por sorte, ele não decidiu conferir quem vestia algo por baixo da saia. Caso contrário, alguém estaria seriamente encrencada.

Cortando o assunto das meninas, um representante do grupo masculino resolveu aparecer e chamou Trícia para uma conversa.

— Fala logo, Batata, o que você quer? — perguntou Trícia, com fogo

nas vendas.

— Calma! Vim em missão de paz. Aceita um chiclete?

— Não.

— Já entendi. — rendeu-se guardando o pacote — Falando sério. Ele gosta de você. Trícia, sou amigo dele e nunca o vi tão gamado em uma menina. Dá uma chance para ele.

Era bonito de ver a amizade entre Batata, Frederico e Luca. Os meninos, mesmo diferente, viviam juntos para cima e para baixo como irmãos. Entre eles não importava quem podia mais ou quem sabia mais, eles eram amigos e ponto.

— Gamado em mim? Quem estava se agarrando com a Samara atrás da arquibancada? Quem ficou com duas no churrasco do 3ºB? Se toca, Batata. Não vou ficar com ele.

Essas eram as palavras que Trícia insistia em dizer para si mesma e para os amigos que tentavam a convencer, mas estava longe de ser a realidade do seu coração.

Luca poderia não ser um exemplo de bom comportamento, mas a tratava bem e estava sempre pronto a ajudar. Ela nunca se esqueceu do seu primeiro dia na escola nova, quando ele foi o único a correr para socorrê-la quando tropeçou e caiu derrubando todo o seu material bem no meio do pátio da escola. E nem quando, no dia seguinte, perguntou se o joelho estava doendo por conta da pancada. Foi gentil.

Pela primeira vez ela estava olhando um menino com outros olhos. Seu interesse por rapazes tinha demorado demasiadamente a aparecer.

— Não vou mais insistir. — disse Batata erguendo as mãos — No fim de semana vamos todos para o condomínio onde ele mora. Será como um churrasco de despedida da galera. Você está convidada. Apareça. Quem sabe vocês conversam ou pelo menos nos divertimos antes que a parte chata da vida comece.

Trícia ficou na dúvida, mas acabou aceitando o convite.

Não parecia nada demais ir à uma festa de fim de ano. Tudo estava

muito tenso para cada um daqueles alunos enquanto esperavam o resultado que definiria o rumo de suas vidas adultas para sempre. Ser aceito em uma universidade ou não, era a atual questão mais importante de todas.

O sábado chegou cheio de sol e com ele mais dúvidas.

— Filha, você não disse que foi convidada para um churrasco da sua turma?

A mãe de Trícia acabara de ficar viúva e por isso precisou se mudar de Maringá para o Rio de Janeiro, onde tinha um apartamento próprio e apoio da família para recomeçar.

— Eu não vou. — respondeu desanimada.

— Claro que vai! Meu amor, estamos na cidade há mais de seis meses e até hoje você não saiu com os seus amigos. Nem mesmo sei se tem amigos. Você precisa se enturmar. Esse churrasco é a chance perfeita de interagir com pessoas e gastar energia.

— Interagir é uma palavra que me persegue essa semana.

— O que disse?

— Nada, mamãe. Só pensando alto.

Eram duas opções ruins: ficar em casa escutando sua mãe reclamar do seu jeito introspectivo ou ir para o tal churrasco e correr o risco de ser uma bela porcaria.

Ela decidiu arriscar.

Trícia vestiu um biquíni por baixo de uma regata e shorts, calçou suas alpargatas e saiu. A mudança em sua vida tinha afetado grandemente o lado financeiro e praticamente toda a pensão que ela e a mãe recebiam ia para a escola, comida e gastos básicos. Sem muitas opções, embarcou em um ônibus, pegou o livro que estava quase terminando e foi.

Chegando ao condomínio que Batata havia citado, Trícia se perguntou se estava no endereço certo. O lugar parecia fora da realidade da maioria das pessoas do mundo, mesmo considerando que o colégio que estudavam era o maior nome em educação do estado.

Ela se identificou na portaria e foi orientada e caminhar por uma infinita alameda até uma casa roxa de número 52.

Por mais que tivesse imaginado, a casa roxa que Trícia encontrou era muito diferente de tudo. Aquela era a casa mais chamativa de todo o condomínio e não de uma forma ruim. Mesmo com o tom incomum, a arquitetura elegante e luxuosa deixava explícito o bom gosto dos proprietários.

— Você veio mesmo? — ela ouviu enquanto admirava a construção.

Parado com a porta entreaberta, estava Luca vestindo bermuda de surf e sem camisa. Era um menino por volta dos seus dezessete anos, mas já tinha formas de homem, músculos aparentes e hormônios saltando a flor da pele.

— Oh, eu não te vi. — disse ela completamente sem jeito.

— O pessoal da portaria me disse que você havia chegado. Entre.

Luca não conseguia acreditar que o plano do seu amigo estava funcionando como o esperado. A princípio ele quis matar o Batata, mas depois pensou bem e decidiu que era tarde para desmentir. E o mais provável era que Trícia não fosse à falsa festa, mas ela estava ali.

Não havia ninguém na casa.

Os pais de Luca estavam em São Paulo visitando a família, os empregados de folga e a irmã mais velha acabara de sair com o namorado. Aquela tarde seria só deles.

Depois de um tour, eles finalmente chegaram à piscina.

— Eu estou adiantada ou todos estão atrasados?

— Segunda opção. — respondeu ele com o coração saindo pela boca  
— O que acha de entrar na água?

Parecia uma coisa maravilhosa, mas a jovem não se sentia segura para se despir diante do colega.

— Acho melhor esperar. Podemos ir preparando a churrasqueira.

E assim, alimentando a mentira, eles fizeram. Luca se sentia um idiota pelo que fazia, mas não tinha coragem de dizer a verdade. Trícia buscava

formas de evitar uma conversa prolongada e rezava para que alguém aparecesse.

A churrasqueira foi ligada, alguns pedaços de carne colocados para assar e até mesmo uma play list de música eles escolheram enquanto aguardavam pelos colegas. A tarde começava a ficar agradável e até mesmo divertida.

— Você sempre morou aqui?

— Sempre, desde que nasci. Meus pais vieram de São Paulo para cá com a minha irmã pequena e eu já nasci nessa casa.

— Legal! Deve ser bom ter uma irmã. Eu sou filha única e sonhei a vida inteira com alguém para chamar de irmã, mas meus pais sempre disseram que ter filhos é caro demais para ter mais de um.

— Se você passasse uma semana com a Milena mudaria de ideia.

— Ela é chata?

— Chata não. Ela é mandona e quer que eu faça tudo o que pede. Agora que está namorando, não, mas antes era um saco.

Ele saiu da cadeira onde estava e pulou na piscina espirrando água para todos os lados. Com a roupa molhada, Trícia não teve outra escolha a não ser se despir e ficar apenas com o biquíni que vestia por baixo.

Mesmo sob a água gelada, o corpo de Luca respondeu às curvas de Trícia, ficando duro e tenso. Os olhos dele passaram dos cabelos até os pés dela, mas a visão destruidora foi quando ela se abaixou para depositar as roupas sobre a cadeira. A morena tinha uma bunda empinada e grande que o fez babar.

— Enquanto os outros não chegam, vou aproveitar a piscina com você.

Ao se virar, ela quase o pegou no flagra, mas não desconfiou de nada por pura insegurança com o próprio corpo. Meninas de dezessete nunca estão satisfeitas consigo mesmas.

A conversa continuou por um longo tempo. Eles falaram sobre os colegas, séries de tv e a escolha do curso universitário. Descobriram ali uma afinidade que ainda não haviam percebido no colégio e aproveitaram o

momento.

— Não parece que a sua família está escolhendo por você? — ela perguntou depois que ele contou que se inscreveu para medicina.

— Para mim não. Acho que foi natural, de tanto ir ao trabalho do meu pai e conversar com meus tios e primos. Na verdade, depois que a minha irmã começou a faculdade, acho que tive mais certeza.

— Legal!

— E você?

— Arquitetura. — respondeu ela orgulhosa.

— E isso não foi influência do seu pai?

Eles estavam frente a frente debruçados sobre uma grande boia no meio da piscina.

— Meu pai era designer gráfico. Até tem alguma coisa a ver, mas nem se compara. Ele fazia designer de embalagens e coisas do tipo, eu quero lidar com projetos arquitetônicos. Se eu passar, quero ser a melhor na minha área, fazer cursos fora e abrir um escritório conceito.

— Quantos planos.

Luca estava seduzido pelo som que saía dos lábios dela. Era como se uma sereia cantasse para ele e o hipnotizasse.

— E quais são os seus planos?

— Ainda não sei.

— Sério?

Ele confirmou com a cabeça.

— Primeiro preciso ser aceito na universidade. Depois vou fazer o curso e tentar me manter nele. Aí vem residência... que não tenho a menor ideia do que vou escolher. Acho que vou deixar a onda me levar.

Ele não estava mentindo. Até aquele ano tudo o que Luca fazia era se manter na média para poder surfar sem que seus pais tivessem motivo para pegar no seu pé. A vida dele era acordar, surfar, ir para a escola, comer e

dormir. Nada diferente da maioria dos jovens da sua idade e da sua classe social.

— Eu achava que você era um esnobe sem cérebro.

Os dois se olharam depois que ela fez a confissão. Não era uma surpresa.

— A agora o que acha a meu respeito?

— Que é um cara legal sem cérebro.

Antes que a última palavra deixasse a sua boca, Trícia nadou para longe da boia fazendo Luca cair também. Ele não deixou barato, e com seus braços enormes logo chegou até ela.

Durante a brincadeira divertida, ela tentava fugir e ele a agarrava por trás, mantendo-a em seus braços por um longo tempo. Os dois sorriam e gritavam como dois jovens felizes em uma tarde de sol. Estava tudo em seu lugar.

Em um movimento ligeiro, Luca girou o corpo de Trícia para si e a prendeu contra a borda de azulejos, pressionando toda a sua construção física sobre ela. Seus olhos de um profundo verde escuro focaram nos dela, que sem palavras lhe deram permissão para prosseguir. O beijo aconteceu naturalmente. Lábios e línguas se encontraram e se reconheceram ao primeiro toque, dando início ao fim de uma procura.

Debaixo de sol e rodeados pela água, Trícia e Luca conheceram ali a primeira paixão.

## O mesmo sentimento

Trícia

— Bom dia, bom dia, bom dia!

— Bom dia, chefe! Deixei o seu chá em cima da sua mesa.

— Graças a Deus! Comi umas porcarias esse fim de semana estou toda inchada. Vou mergulhar em uma banheira de hibisco.

Entro na minha sala pronta para mais um dia de trabalho.

Segunda-feira sempre começa com agitação no escritório. Normalmente os meus clientes aparecem com grandes mudanças no projeto, a prefeitura surge com uma regra nova ou um fornecedor importante falha.

Tudo que tem que dar errado, escolhe a segunda-feira para acontecer.

Por sorte, tenho uma equipe incrível tanto aqui quanto em casa, e resolvemos tudo o que aparece. Como diz a minha secretária: juntos damos nó em pingo d'agua.

— A dona do apartamento na Urca quer um aquário dividindo a sala da cozinha e espelho no teto do lavabo. — Rosângela entra na minha sala com o seu iPad rosa nas mãos.

— No teto?

Aquela mulher é louca.

— Não é só isso. — cruzo os braços esperando a bomba — O marido dela quer fazer uma surpresa e acrescentar uma banheira de hidromassagem na suíte.

— Impossível. A estrutura não permite.

— Fora isso, você precisa saber que as pedras que você encomendou vão atrasar cinco dias. E o seu cartão de crédito vence hoje.

Eu sabia que algo vencia hoje.

Enquanto ela fala, pego o celular e abro o aplicativo do banco para



pagar o cartão.

— Como foi a festa das suas alunas?

— Nem me fale nessa festa.

— O que houve?

Pego o meu chá e fico de pé para deixar a energia fluir. Lembrar do fim de semana me deixa inquieta.

— Não sei como, mas um ex meu estava lá. Não um ex qualquer, mas o meu primeiro ex namorado, coisa de adolescência.

— Paixão mal resolvida?

— Exatamente.

Ela puxa uma cadeira e espera que eu conte detalhes. Rosângela, além de funcionária, é uma amiga muito querida e divertida.

— E aí, como foi? Vocês ficaram novamente e rolou um fogo louco, sexo selvagem e estão de casamento marcado?

Viro o chá todo de uma vez. Arregalo os olhos para Rosângela e nego veementemente com o dedo em riste.

— Claro que não! Eu percebi que ele estava me seguindo e falei com ele. Não rolou nada demais. Nada que eu já não esperasse de um galinha incurável.

— Ele tentou te levar para a cama?

— Tentou, mas não conseguiu. Acho que fui a única mulher que ele nunca levou para a cama na vida. E nunca irá levar.

Visivelmente chocada, Rosângela diz:

— Nunca?

— Nunca. A gente era muito novo e eu tinha medo de dar para ele e tudo terminar, sabe? No fim, nós terminamos e cada um seguiu a sua vida.

— Mas nunca rolou nada demais entre vocês?

Só de lembrar, já fico com calor.

Luca não era um menino fácil, sempre rolava algo demais. Quando estávamos juntos a coisa ficava intensa, nossas mãos não tinham lugar e todo aquele fogo vinha forte. Era maravilhoso. Mesmo jovem, ele sabia muito bem onde me tocar para derrubar o meu juízo. Eu tinha que pensar por nós dois.

— Rolou uns amassos, mãos descontroladas e coisas de namorados. Sexo nunca. A gente matava aula para ficar junto no colégio.

— Entendi. — revira os olhos — Então você viu esse cara e foi embora?

Conto a ela o que aconteceu e rimos juntas da cara de espanto dele ao me reconhecer.

Desde que voltei para o Rio, há dois anos, não tive contato com ninguém da época do colégio. Os nossos colegas em comum eram muito mais amigos dele do que meus, e como fui embora, perdi qualquer proximidade com a turma. A vida simplesmente seguiu em frente e não nos esbarramos.

— Será que agora ele vai te procurar?

É uma possibilidade, mas não acredito. Se ele quisesse, em todos esses anos, já teria me encontrado. Nunca houve interesse.

— Acho que não.

— Se ele quer mesmo te levar para a cama, aposto que vai vir atrás de você.

— E vai dar com a cara na porta. Transar, posso transar com qualquer um, não preciso dele para isso.

Rosângela me olha com desconfiança, da meia volta e sai da sala.

Procuro resolver as coisas mais urgentes antes do almoço e agendo um horário na parte da tarde com o casal problema. De alguma forma, eles precisam entender que não podem fazer alterações no projeto a cada dez dias.

Em meio ao caos de todo início de semana, dou uma escapadinha para pegar a minha princesa e levá-la a escola. É um momento sagrado para mim e quando não consigo fazer, me sinto culpada. Este é o primeiro ano dela na escolinha e preciso ser o mais presente possível.

Graças a Deus e a Rosângela, que organiza os meus horários no escritório, hoje eu consegui.

Saio da escola, enfrento um trânsito desgraçado e vou para o apartamento dos meus clientes da Urca. Depois de muito explicar, eles entendem que aquário gigante e banheira para seis pessoas não são ideias realistas, tanto para o imóvel quanto para o orçamento deles.

Por fim, visito mais duas obras em andamento, perco uma hora no telefone com o fornecedor de pedras, ganho uma multa por falar no celular dirigindo e consigo arranhar o carro no estacionamento do escritório. Um dia normal.

— Trícia, cinco minutos para a Sophia sair. — Rosângela grita da mesa dela.

Olho para o relógio e vejo que estou muito atrasada.

— Minha nossa!

Meu Deus, vai dar tempo. Vai dar tempo. Sempre dá!

Enrolo o projeto em que estava trabalhando para levar para casa. Tenho algumas coisas que quero mexer e cálculos para fazer, mas hoje foi quase impossível parar na minha mesa. O jeito é levar para casa e varar a madrugada.

Sair de Maringá foi uma decisão muito pensada. O meu escritório lá já tinha um portfólio recheado de bons trabalhos e nome respeitado. Com a proposta da universidade, vi uma oportunidade de realizar um sonho antigo. Passar conhecimento para frente sempre esteve entre as minhas metas a realizar.

Por dois anos foi maravilhoso. Acumulei uma experiência diferente e pude me realizar no cargo de professora universitária, porém, com o crescimento de Sophia, percebi que ela precisa muito mais da minha presença. A decisão de deixar os meus alunos foi dolorida, mas necessária.

— Quatro minutos!

— Estou saindo. — jogo a bolsa sobre os ombros e procuro pela chave do carro que insiste em desaparecer. — Rosângela, onde está...

— Celular na primeira gaveta da esquerda e a chave na sua bolsa.

— Você não existe.

— Existo e sou muito bem paga para isso.

Se tem duas pessoas que merecem o que ganham e muito mais, elas são Rosângela e Dona Odeth. Minhas funcionárias de confiança são as responsáveis pelo bom funcionamento de tudo. Sem elas a coisa não andaria.

Quando desisti de encontrar o homem certo e resolvi ter a minha filha de forma independente, ainda em Maringá, precisei encontrar alguém que me apoiasse e fosse de total confiança. Encontrei em Dona Odeth a segurança necessária. Ela é meus olhos e ouvidos em casa. E Rosângela faz o mesmo no escritório.

— Estou indo. — digo ao passar pela recepção — fecha tudo para mim, por favor.

— Pode deixar.

— Até amanhã. — grito já do hall do elevador e escuto sua resposta.

Ainda bem que a escola de Sophia fica há dois quartos do meu escritório. Caso contrário, ela teria que me esperar por muito tempo.

Com os meus saltos altos, corro pelo canto da rua porque as pedras portuguesas não me permitiriam andar rapidamente na calçada. Com certeza quem teve a ideia de colocar isso aqui não usava salto alto. Além de árvores e postes, ainda teria que desviar das pessoas e não estou com tempo para isso.

Quem me vê correndo de calça social, sapatos e blazer pela rua deve imaginar que sou louca.

Mas a vida é bela, e mesmo tendo que escutar gracinhas de alguns motoristas assanhadinhos, chego à escola de Sophia a tempo de me recompor antes do sinal tocar.

— Ei, Trícia, como vão as coisas? — Carla, mãe de uma amiguinha de Sophia, fala parando ao meu lado.

— Tudo bem. E com você?

Tenho certeza que vou me arrepender de perguntar isso, mas a

educação me obriga.

Ela faz aquela cara de sofrimento, chega mais perto e começa a contar a sua triste realidade de mãe de classe média alta que não consegue encontrar uma babá para ficar com os filhos e por isso está há duas semanas sem ir à academia.

— É complicado... — digo fingindo me compadecer da sua causa.

Esse tipo de gente me cansa. Eu não sei o que é ter uma hora de almoço decente durante a semana, era para eu ter me depilado há oito dias atrás. Será que ela sabe o que é não ter tempo? Academia? Desisti faz uns meses já. Minha atividade física é subir os vinte andares do meu prédio em hit e descer de elevador duas vezes por dia. Quando dá. O porteiro deve desconfiar da minha sanidade.

— Juro que estou a ponto de ter uma síncope. A academia é a minha terapia e nem para isso tenho tempo, entende? — diz ela sofrida.

Terapia? Ah tá bom. Se tivesse com o que ocupar a cabeça não precisaria de terapia.

— Aham...

— Já falei com o meu marido, se este ano não viajarmos para fora, nosso casamento estará em risco. Estou estafada.

— Faço ideia.

O marido deve estar contando com essa promessa.

— E ainda tem mais...

Graças a Deus, vejo Sophia chegando de mão dada com a professora.

— Carla, desculpe, mas preciso ir. Sophia tem médico em vinte minutos.

É uma mentira social. Não irei para o inferno por isso, tenho pecados muito mais interessantes para ser julgada do que um mero blefe.

Minha princesa procura entre a barreira de mães à espera dos seus filhos. Ela sabe que estou aqui como todos os dias. Fico parada com um sorriso bobo no rosto observando seus olhinhos a minha procura, de um lado

para o outro até que me encontra e retribui o meu sorriso.

Sophia solta a mão da professora e corre até a mim com suas perninhas ágeis e a mochila chacoalhando vazia nas costas. Está mais animada do que o normal. Conhecendo-a como conheço, posso apostar que ela tem uma novidade para me contar.

— Mamãe, mamãe, eu serei a Chapeuzinho Vermelho. Eu consegui! — grita e pula em meus braços.

— É mesmo?

— Sim. Eu vou cantar e falar e cantar.

Ainda gritando entusiasmada, ela me agarra. Levanto-me com ela nos braços e olho para a professora esperando por uma explicação.

— Boa tarde, Trícia. — me cumprimenta — A escola fará uma semana de contos clássicos e cada turma está responsável por uma apresentação sobre a história escolhida. Hoje dividimos os personagens e a Sophia será a nossa Chapeuzinho Vermelho.

Que essa semana não seja na próxima semana. Não consigo encaixar nem mesmo um orgasmo entre os meus compromissos.

— Ótimo. Quando será?

Olho em volta e vejo as mães animadas com o evento. Elas parecem adorar essas ideias fora de hora. Mas também, agem como se fosse o único compromisso que têm na vida.

— Na quarta.

— Hum... próxima quarta. Quarta-feira da próxima semana?

Merda!

— Isso mesmo. O nosso grupo está previsto para se apresentar às 15h30min.

Previsto? Sei...

— Mamãe, você vem me ver?

A minha vontade é dizer: não meu amor, mas prometo que compro a

filmagem na secretaria.

— Claro! Serei a primeira da fila.

Depois de conversar um pouco com a professora sobre a roupa que preciso providenciar em tão pouco tempo, caminho com Sophia até o prédio do escritório onde está o meu carro. É algo que fazemos todos os dias.

No curto espaço, minha filha pede mais coisas do que sou capaz de compreender, conta sobre o dia com os colegas e saúda as pessoas que passam por nós. É impressionante o que uma menina de três anos consegue observar em dois minutos.

Enquanto ela fala, minha mente está fragmentada em ouvir, responder, fazer anotações mentais para o dia seguinte e revisar se esqueci algo de importante no escritório. Sophia tem um dialeto próprio, no qual eu compreendo uma pequena parte e a outra, tento adivinhar.

— Você não acha bonito, mamãe?

— Oi?... Acho, acho lindo.

Em casa, enquanto minha filha está acordada, deixo de ser a Trícia mulher e profissional e passo a ser a mãe da Sophia. É o momento mais verdadeiro do meu dia, onde vivo cada segundo com total entrega sem me preocupar com mais nada além da minha pequena.

Sophia foi muito desejada e planejada por anos. Eu não queria ser como minha mãe, que esperou pelo homem certo, pelo momento certo e quando deu por si, viu que suas escolhas foram as erradas.

Quando eu nasci, minha mãe já estava com cinquenta anos e acreditava que o seu casamento seria para sempre. O que não aconteceu, porque antes mesmo de eu completar os meus dez anos, meus pais viviam em pé de guerra e assim foi até o meu pai morrer, sete anos depois. Ainda tenho dúvidas se as lágrimas de minha mãe no enterro eram de tristeza ou de alívio.

Poucos anos antes de me deixar, ela passou a insistir que eu não focasse tanto no meu lado profissional e encontrasse alguém para construir a minha família. O problema é que eu estava sim procurando pelo homem dos meus sonhos, mas o meu dedo podre não me permitia selecionar os certos.

— Mamãe, vamos rezar para o moço que te deu a sementinha?

— Vamos sim, princesa.

Juntas, ficamos de joelhos ao lado da caminha dela e começamos a rezar. Ela agradece pelos amigos, pelos animais, pelo bolo de cenoura do lanche e por mim. Fico emocionada com sua inocência, mas não a interrompo. Por fim, ela conclui agradecendo por ser a minha filha.

— Amém! — digo e ela repete.

E depois que ela adormece na segurança dos meus braços, começo o meu último turno de trabalho, onde na paz da minha casa consigo debruçar sobre os meus projetos e criar coisas novas, sem que qualquer coisa possa me atrapalhar. Minhas inspirações são noturnas e é neste momento que sou mais criativa.

Felizmente aprendi a me frear desde que Sophia nasceu e já não viro noites trabalhando. Preciso estar ativa para ela amanhã, e por isso obrigo-me a deitar antes das 3h para conseguir, pelo menos, algumas horas de sono.

Quando acordo, Dona Odeth já levantou e está com Sophia na cozinha. Enquanto ela começa os preparos para o almoço, minha pequena come suas frutinhas e assiste um programa na tv.

— Bom dia, minha princesa! Bom dia, Betinha!

Pego uma maçã na fruteira.

— Bom dia, dona Trícia!

— Bom dia, mamãe!

— Dona Trícia me deixa dez anos mais velha. Pelo amor de Deus, dona Odeth, é Trícia, só Trícia.

Com os olhos espertos de quem bem me conhece, ela responde sem parar de cortar os temperos.

— Se eu sou dona, você também é.

— Tia Odeth não gosta de dona.

— Sua tia é uma teimosa, isso sim.



Tropeçando contra o tempo, converso rapidamente com a minha ajudante e peço que encontre uma costureira para fazer a roupa do teatro. Dou dois minutos de atenção à Sophia e saio para o escritório.

O trânsito come um tempo precioso que não tenho e entre um sinal e outro, envio mensagens e e-mails para adiantar o que é mais urgente.

Quando finalmente chego ao escritório, Rosângela vem toda sorridente para o meu lado.

— Tem uma surpresa para você em cima da sua mesa. — ela retira as pastas que trago nos meus braços. — Pelo amor de Deus, abre logo o cartão. Acho que vou colocar um ovo se não me falar quem mandou.

— Quem mandou o que?

Sem entender nada, entro em minha sala e perco a voz quando finalmente entendo do que se trata. O local está cheio de flores, rosas, girassóis, gérberas e mais rosas.

Uau! Mas quem mandaria isso? Nem estou trepando com ninguém nas últimas semanas.

— Abre o cartão. Abre! — implora, Rosângela saltitante.

— Só vejo flores.

— Está no buquê de rosas amarelas.

Vou até o aparador onde está o grande buquê de rosas amarelas, pego e abro o cartão.

*Se me conhece, como eu a você, já esperava por isso. Te vejo em breve.*

*L.M.*

— Sim, eu já esperava por alguma coisa, mas não isso. O que um homem não faz para levar uma mulher para a cama...

— Quem mandou? — Rosângela pergunta estourando minha bolha.

Não percebi que falava em voz alta.

— Foi o Luca.

— O seu ex que estava na festa daquela sua aluna riquíssima?

— Esse mesmo. — releio o cartão — Ele me encontrou.

— Bem... vocês moram na mesma cidade, Trícia. Basta uma rápida procurada na internet que ele descobre que você tem um escritório de arquitetura no Leblon. Nem isso... Se ele conhece uma das suas alunas...

— Bingo! Lily deve ter contado a ele onde me encontrar.

Preciso admitir que ele caprichou na tentativa. As flores são lindíssimas.

Quando fico sozinha na sala, recosto contra a mesa e admiro as flores que ele escolheu. São lindas! Não sei há quanto tempo recebi algo assim de um homem. Atualmente as minhas relações são objetivas, cada um sabe o seu papel e o teatro da conquista é pulado. Tempo não sobra, e por isso busco sexo casual e depois cada um para o seu lado.

Confesso que rever Luca acendeu uma brasa discreta dentro de mim. Ele foi importante e deixou o seu lugar marcado. Por mais que eu tente lembrar apenas do ônus, não posso negar o bônus. Foi o meu primeiro amor, aquele por quem eu me apaixonei e fiz planos, mas infelizmente a vida é uma cadela.

Na parte da tarde, depois de uma reunião com clientes, retorno ao escritório. Rosângela está ao telefone e sorri quando me vê.

— Ela acabou de entrar aqui. Vou ver se pode atender. Só um momento.

Olho-a sem entender nada e passo direto para a minha sala, onde o telefone começa a tocar.

— Oi!

— É ele, tenho certeza que é ele. Que voz, Jesus. Já estou apaixonada.

Eu vou matar essa louca.

— Quem é ele, Rosângela?

Pergunta idiota, já que sei exatamente de quem ela está falando.

— O cara das flores. — fala lentamente — Ele ligou cinco vezes desde que você saiu. Disse que se não atendê-lo, virá até aqui. Atende? Diz que sim.

— Sossega essa periquita, mulher. — respiro fundo e jogo o corpo contra a cadeira — Pode passar.

Fico em silêncio até perceber que a chamada foi transferida. Coloco a mão sobre o telefone e respiro três vezes para acalmar o meu coração que está aos pulos.

— Não vai dizer nada? — reconheço a voz do outro lado da linha.

Eu não estava tão nervosa quando nos vimos no fim de semana, mas agora estou. Engulo o nervosismo, visto a minha carapaça e finalmente respondo.

— Pelo que me lembro, foi você quem ligou. Diga o que quer e seja breve, porque tenho serviço me esperando.

Isso! Neutra, discreta e formal.

— Gostou das flores?

Amei as flores, seu idiota.

— Bonitas.

— Só isso? Achei que elas teriam um pouco mais de impacto logo de manhã.

— Elas me deram muito trabalho logo de manhã. Esse foi o impacto. Precisei me livrar delas para poder começar o meu dia. Se a intenção foi me atrasar, parabéns!

Ouço-o bufar do outro lado e isso me faz sorrir.

Desista, Luca. Já estou vacinada contra cafajestes. Foram muitos ao longo da vida.

— Sabe que mesmo depois de tantos anos, você ainda é aquela pessoa? A pessoa pela qual eu me apaixonei.

Chega! Isso já é demais.

— Luca, qual o seu problema? Perdeu a memória, bateu com a cabeça, queimou os neurônios com drogas? Por favor, explique o motivo dessa palhaçada toda. Está me fazendo perder tempo.

Sua risada vem para confirmar que estou certa. Ele está me testando.

— Nenhuma das opções, Trícia. Estou apenas amaciando o seu coraçãozinho de pedra. Quem sabe assim marcamos um jantar para conversar e relembrar os velhos tempos. Quando posso te pegar?

Mas é muito convencido mesmo.

— Não sei como anda a sua agenda, mas eu estou muito ocupada, Luca. Não existe a menor possibilidade disso acontecer. E tenho que desligar...

Paro a mão sobre o gancho do telefone, mas antes que eu aperte, ele fala:

— Trícia...

Sua voz diz muito mais do que apenas o meu nome. É como se eu fosse transportada para um passado que amei viver e pudesse escutar o Luca por quem me apaixonei.

Minha mão treme no ar, indecisa para encerrar a ligação.

— Eu não esperava te encontrar naquela noite, mas aconteceu e mexeu muito comigo. Tenho certeza que mexeu com você também. Dá uma chance para a gente... por favor.

É mentira. Tudo o que sai da boca dele é uma mentira. A única coisa que é capaz de mexer com ele, é uma vagina.

Não posso me permitir ser enganada novamente.

— Tenho que trabalhar.

Bato o telefone com toda a minha força como se isso o jogasse para longe de mim.

Como posso ser tão idiota?

Mesmo depois de todos esses anos, depois de tanto tempo sem sequer

ouvir falar sobre ele ou a sua voz, estou tremendo como na primeira vez que nos beijamos. Meu coração está encolhido no peito com medo de dar qualquer sinal.

É um sentimento louco. Algo que só senti uma vez na vida e acreditei que nunca mais voltaria a sentir.

O problema das certezas da vida, é que elas sempre caem por terra.

## Um dia mau, passadouro é.

Anos antes

Por um breve momento Trícia se sentiu enganada enquanto Luca contava que o churrasco era na verdade para dois, e que Batata havia mentido no dia que a chamou. Ela chegou a pensar em partir e dizer que não estava disposta a ser feita de boba, mas o sentimento real que a acometeu foi a vaidade.

Imaginar que um garoto tivera todo aquele trabalho para conseguir um pouco da sua atenção, a fez sorrir. Sentiu-se valiosa.

Entre beijos e risadas, Trícia e Luca aproveitaram a tarde para se conhecerem melhor. Coisa que ainda não haviam feito no colégio.

— Por que você veio morar no Rio?

— Meu pai faleceu e a minha mãe não tinha nenhuma família em Maringá. Aqui ela tem uma irmã e um apartamento que comprou quando era solteira.

— Aquela senhora que as vezes te deixa lá na porta, é a sua mãe?

As pessoas sempre perguntavam qual era o grau de parentesco de Trícia com a mãe, já que as duas não se pareciam em nada e a diferença de idade era gritante.

Ela sorriu um pouco sem jeito, mas respondeu.

— É sim. Ninguém espera que uma mulher loira tenha uma filha negra, né? — Luca ia se explicar, mas ela continuou — Tudo bem, isso sempre acontece. E ainda tem o fato dela ter engravidado de mim muito mais velha do que o que normalmente acontece.

— Eu não falei por mal.

— Está tudo bem. Eu entendi.

Luca contou sobre a sua família, explicou onde estavam seus pais e como era a relação deles. Foi uma conversa simples e íntima que seguiu

naturalmente. Os dois estavam confortáveis na presença um do outro, tanto que quase não perceberam que a noite começava a cair.

— Acho que devo ir embora. — disse Trícia ao se enrolar na toalha.

Luca, sem querer se afastar tão cedo, tratou de agir.

— Ah não. Eu escolhi um filme incrível para a gente assistir. — o que era mentira — Temos um cinema no sótão e você poderia me ajudar com a pipoca. O que acha?

Ficou claro para Trícia que ele estava desesperadamente tentando estender o encontro, mas foram os olhos de menino dele que a fizeram ficar. Luca tinha um brilho genuíno de quem quer muito uma coisa e luta por ela.

Enquanto ele correu para escolher um entre os muitos filmes disponíveis na sala de vídeo, Trícia resolveu ligar para sua mãe.

— Tudo certo? — perguntou ele ao fim da ligação.

— Aham. Ela disse que posso demorar mais um pouco, mas preciso estar em casa antes do apresentador do jornal dar “boa noite”.

Luca olhou no relógio.

— Então temos mais duas, quase três horas?

— Isso.

— Sem problema. Depois eu chamo um taxi e te acompanho até a sua casa.

E ficou combinado assim.

A sala de cinema tinha sido uma reforma recente. Lorenzo, o pai de Luca, resolveu aproveitar o espaço ocioso em cima da casa para fazer algo que os filhos aproveitassem com os amigos e os primos quando possível. Qualquer coisa que trouxesse a família para perto era válido para a família Malamam.

— Que filme você escolheu? — Trícia perguntou se acomodando.

— Este. O que acha?

Era uma comédia romântica que acabara de sair do cinema há pouco.

Trícia não comentou, mas estava louca para assistir. O protagonista era um dos queridinhos de qualquer menina de dezessete anos.

— Parece bom. — ela cruzou os braços e inclinou a cabeça — Tem certeza que quer assistir algo tão menininha?

Era óbvio que ele não queria assistir qualquer coisa, mas não precisava admitir suas reais intenções tão descaradamente. O simples prazer de tê-la ao seu lado já compensava o sacrifício.

Em um confortável sofá de couro branco rodeado por almofadas coloridas, os dois começaram a assistir ao filme lado a lado, cada um em seu lugar. Dois minutos se passaram até que os dedos estivessem entrelaçados, pele a pele na incerteza de até onde deveriam ir.

Os jovens corações inexperientes galopavam sem freio, ansiosos por um pouco mais do desconhecido. Antes que o visor marcasse cinco minutos de filme, o braço de Luca já envolvia o corpo de Trícia e ela descansava a cabeça no peito rígido dele.

Tentando ser discreto, Luca acariciava a pele exposta do ombro da sua convidada e sem prestar a menor atenção na imagem reproduzida, maquinava uma forma de se aproximar ainda mais.

As coisas estavam indo rápido. Mas aos dezessete anos, quem sabe esperar?

O casal do filme vivia um romance divertido, onde a mocinha desastrada era disputada por dois valentões. E quando finalmente o rapaz certo se declara e admite o amor que sente, eles se beijam. Uma cena intensa, capaz de acender ainda mais o que já estava fervendo do lado de fora da tela.

Luca tomou a iniciativa, e dando a cara a tapa, avançou um pouco desajeitado para cima de Trícia. O beijo começou tímido, sem ritmo e incerto, mas ao perceber que era recíproco, ganhou força. Lábios e línguas se devorando famintos no desespero dos apaixonados. Já não se sabia onde começava um e terminava o outro, tamanha a entrega.

Ah o amor!

Sem demora Trícia estava montada sobre Luca. As mãos dele



agarravam seu quadril e pescoço para garantir que não se afastasse nem um único milímetro. Era fogo puro. O beijo tinha gosto, cheiro e melodia. Emanava fervor e desejo. Os hormônios enlouquecidos escapavam por todos os lados em um chamado da natureza para a satisfação plena dos pecados mais originais.

Na cabecinha da Trícia de apenas dezessete anos passavam as lições de sua mãe, as reportagens sobre jovens grávidas do jornal e a aula de sexualidade da professora Norma. Mas nenhum desses pensamentos gritava tão alto quanto o sino badalando entre suas pernas. Aquele sim, zumbia e fazia vibrar todo o seu corpo.

Luca quase não suportava a pressão de ter sobre si o que mais desejava, no entanto, um simples passo em falso poderia colocar tudo a perder. Ele não estava disposto a vê-la partir. Trícia ocupava um lugar diferente das demais, ela não estava somente em seus momentos eróticos, onde saciava o próprio corpo, ela era muito mais.

As coisas ficaram tão quentes que os dois corpos agiam sem precisar de comando. Eles reboavam e se contorciam sem interromper o beijo, sem cortar a conexão intensa. Dentro das roupas a umidade atravessava a primeira camada de tecido e o calor só aumentava.

Luca escorregou a mão sob a roupa dela, subindo da cintura em direção aos seios inchados que pareciam clamar por ele. De fora era possível ver os mamilos duros.

— Não... — disse Trícia com mais dúvidas do que certeza.

— Por cima da roupa então?

Ela não respondeu com palavras, apenas concordou com a cabeça e voltou a beijá-lo.

Um pouco era melhor do que nada. Mas esse pouco, logo virou muito. Atendendo ao pedido telepático de Trícia, ele tentou mais uma vez, e não houve recusa.

Luca foi cauteloso, esperou pelo “não” que nunca chegou e só então avançou um pouco mais. Os bicos estavam sensíveis e o simples toque fez Trícia gemer dentro do beijo. E depois um tanto mais, mais forte, mais direto.

A cada toque, eles aprendiam como fazer e gostavam do que faziam.

Na descoberta do prazer e do querer, Trícia e Luca esqueceram do mundo e mergulharam em um momento que jamais esqueceriam por mais longas que fossem suas vidas.

Ao fundo, quase imperceptível, um zumbido apareceu para cortar o clima do casazinho e limar qualquer chance de conclusão do que começaram.

— Alô! — Trícia atendeu esbaforida a ligação sem ao menos olhar no identificador. — Oi, mãe.

— Só estou ligando para lembrar do nosso combinado, filha. O jornal já está no segundo bloco.

Salva pelo gongo.

— Estou saindo daqui agora. Perdi o ônibus, mas vou pegar o próximo.

Uma mentirinha saiu para aliviar a própria consciência. Foi um gesto automático.

— Estou vendo pela voz. Não fique com o celular na rua. Vou desligar, meu amor. Te espero aqui.

— Aham. Tchau!

Nunca, do alto dos seus dezessete anos, Luca ficara tão frustrado. Aquele “tchau” significava mais do que um balde de água fria para ele.

Trícia desligou o telefone e olhou para ele sem dizer nada, estava mortificada de vergonha. Perdera completamente a compostura pela primeira vez na vida. Deixou seu corpo agir e não pensou em mais nada além do que sentia. Ela ficou de pé e procurou pela mochila e pelas alpargatas. Tentava não olhar nos olhos de Luca.

— Espera. — Luca segurou-a pelo braço — Não aconteceu nada demais.

— Para você. — respondeu ela irritada consigo mesma — Serei eu o assunto na escola, não você.

— Por que diz isso? Acha que vou falar com os caras?

— E não vai?

— Não.

Foi uma resposta direta. Luca realmente não pretendia falar sobre aquilo com ninguém. Talvez com o seu pai, a quem tinha como amigo e confidente.

— Promete? — o tom dela mudou. Agora estava mais menina.

Luca não pôde deixar de notar que Trícia respondia com agressividade quando se sentia ameaçada.

— Prometo. Fica entre nós dois. — ela concordou com a cabeça. Esperava que ele estivesse falando a verdade.

— Agora preciso mesmo ir.

— É uma pena. Terminamos o filme outro dia. Eu te levo para casa como prometi.

— Não precisa.

— Claro que precisa. — ele abaixou o tom de voz — O namorado da minha irmã sempre traz ela em casa. Isso está no manual dos caras legais, segundo a minha mãe. É a regra número três.

— E quais são as duas primeiras?

Ele não pensou nem um momento para responder.

— Respeitar o “não” de qualquer garota e nunca contar vantagens por aí.

— Sua mãe parece ser uma mulher legal.

— Ela é.

Com um sorriso de quem havia escutado bem a palavra “namorado”, Trícia concordou sem dizer nada e os dois seguiram de mãos dadas para fora do condomínio.

Luca não era um completo inexperiente, já tinha se aventurado com algumas meninas da sua turma, em baladas e duas ou três vezes com amigas mais velhas de sua irmã. Tinha porte de homem feito e arrancava olhares por

onde passava. A questão com Trícia se mostrava diferente, havia algo mais.

Trícia era filha única e recém-saída do ovo. Estava testando a sua liberdade e experimentando uma vida diferente. Por muito tempo renegou o seu lado feminino e a vida social. Depois de uma adolescência enfiada nos livros, estava disposta a respirar novos ares. A descoberto dos desejos do seu corpo foi um susto que a fez enxergar Luca com mais atenção e interesse.

## A persistência é a alma do negócio

**Luca**

— Se eu não te conhecesse, jamais diria que está aborrecido.

Não preciso olhar para saber de quem se trata.

— Milena.

Ela para ao meu lado e ficamos os dois olhando pela janela do hospital. O dia amanheceu chuvoso e o jardim parece feliz com toda a água que vem do céu.

— Não sabia que você já estava de volta. Como foi a viagem?

— Tudo certo. — sinto seus olhos em mim — Vai contar o motivo de todo esse desalento?

— Cansado só.

— Conta outra, Luca. Sou sua irmã mais velha e reconheço essa carinha em qualquer lugar.

Nossa! Quem escuta ela falando assim, pensa que é uma senhora idosa e não apenas dois anos mais velha do que eu.

Desbloqueio a tela do celular e mostro para quem foi a minha última chamada. Ela fica tão surpresa quanto eu imaginava, coloca a mão diante da boca e sorri.

— O mundo deu a sua volta e eu caí de bunda no chão. — declamo a frase que escutei anos atrás.

— Humm... Quem te disse essa frase mesmo?

Filha da puta, chutando cachorro morto.

— Alguém muito esperta que conheci.

— Tem razão, fui eu. E se me lembro bem, foi logo depois de ver uma jovem sair correndo pelo jardim da nossa casa com o rosto coberto por lágrimas. Não teria como esquecer.

— Não fode, Milena.

— E lembro de mais uma coisa, irmão. O esperto namorado dela estava com o pau na boca de outra, justo na noite que ela pretendia entregar a sua virgindade a ele. Estou na dúvida se foi ele quem perdeu ou se foi ela quem se livrou.

— Cala a boca, eu já sei como tudo termina.

Não, ela não vai parar.

— Como eu te disse naquela noite, Luca: o munda dá voltas e quem muito sapateia, caí de bunda.

— Mas que merda, Milena! Faz quinze anos que me arrependo disso. Não precisa tripudiar. Eu tinha dezessete anos, achava que o meu pau era o centro do universo. Errei, ok? Errei.

Puto, encosto a cabeça no vidro da janela. Minha irmã sabe me tirar do sério quando quer. Parece gostar.

Ainda hoje, quando me lembro daquela maldita festa, sinto vergonha de mim e vontade de voltar no tempo. Não tem nada mais frustrante do que perder algo importante por um movimento errado.

— Ei! Não é para tanto. Como vocês se reencontraram?

Olho com raiva para ela.

— Vai parar de me sacanear? Porque juro que não estou no clima.

— Prometo.

Conto a ela como as coisas aconteceram.

Milena não gosta de Popy e também não faz a menor questão de esconder. Para ela, mulheres como Popy estragam o meio. Minha irmã sempre foi muito independente e bem resolvida com as suas escolhas, talvez por isso se incomode quando esbarra com alguém que vive escorada nos ganhos de outra pessoa.

Depois de escutar o desenrolar do meu fim de semana, ela pergunta:

— Mas se Trícia não deu a mínima para você, como conseguiu o

telefone dela?

— Peguei os dados do escritório dela consultando o nome no conselho de arquitetura e urbanismo.

Meus métodos divertem Milena, que me olha com as sobrancelhas arqueadas e sorri.

— Ok, Sherlock, mas depois da investigação?

— Consegui o endereço, mandei flores, muitas flores. — recolho um pouco os ombros — Liguei a manhã inteira até que ela me atendeu e foi isso...

— Espere, espere, espere. Foi isso, o quê? Está faltando alguma coisa.

Que droga! Ela vai me infernizar com isso.

— Acabou a história.

Milena cruza os braços e espera calada até que eu não aguento mais.

— Está bem. — vou me arrepender disso. — Eu conversei com ela por telefone, tentei um contato de uma forma amigável, mas ela nem mesmo balançou. Sei lá... Está indiferente comigo.

— Com razão.

— Quem tem razão depois de quinze anos, Milena? Qualquer coisa prescreve depois de tanto tempo.

— Uma mulher sempre tem razão.

Claro! Por que elas acham que podem ser donas da verdade pura e simplesmente por terem uma vagina?

— Que argumento de merda, Milena.

— Luca, os argumentos da Trícia estão estampados na sua cara de pau.

— Desisto...

Para que argumentar com quem não quer entender? Eu tentei fazer isso no passado e foi em vão. Não vou tentar novamente com a minha irmã. Milena e Trícia têm o mesmo perfil, são parecidas, poderiam ser irmãs.

Discutir com uma delas é como argumentar com uma porta.

Por alguma razão ela recua. Talvez tenha percebido que estou realmente aborrecido com a situação.

— Luca, não estamos brigando. Mostrar a você a realidade não significa que eu esteja contra você.

— Jura? — falo cheio de sarcasmo.

— Quer que eu ligue para ela?

Será?

— Não sei não...

— Éramos amigas. — ela lembra — E quando você fez o que fez, fiquei do lado dela e não do seu.

E quem não ficou?

Penso um pouco, mas logo sou interrompido pelo som do autofalante chamando pelo meu nome.

— Preciso ir, Milena. Depois conversamos sobre isso. Aparece lá em casa, Frodo está com saudade de você.

— Eu te ligo.

Nos despedimos e subo para a maternidade, onde uma mãe começa o seu trabalho de parto e preciso prestar o primeiro atendimento ao bebê. Trabalho apenas dois dias por semana no Malamam Apart Rio, os outros dias atendo em meu consultório.

Depois de ajudar mais uma criança a chegar com segurança ao mundo, vou para o vestiário me trocar. Já passa das 19h e Frodo deve estar angustiado em casa.

— Por hoje é só, Luca? — Adriano pergunta enquanto nos trocamos.

— Está bom, não é? Ainda espero conseguir ler todos os meus e-mails. O dia foi puxado.

— Faça como eu, responda os e-mails na esteira. Assim mata dois coelhos de uma só vez. — ele se estica todo — Onze horas de cirurgia,



minhas costas estão me matando.

Adriano é cirurgião plástico e opera no hospital muitas vezes por semana. Mesmo convivendo na rotina da nossa profissão e equilibrando as obrigações em uma corda bamba, ainda me pergunto como ele consegue encaixar cirurgias, consultas, estudo, sono e vida em 24h. Sou fã.

Olho para a mão dele e vejo que usa aliança.

— Você é casado, Adriano?

— Há quinze anos. — ele rapidamente pega o celular e me mostra a tela — Meus filhos, Beatriz e Pedro, dez e cinco anos.

— Parabéns! Seus filhos são lindos. Ainda bem que devem ter puxado a mãe. — Brinco.

— Ainda bem.

Deixo o hospital e dirijo para o meu apartamento. Não fica tão longe, mas o trânsito não ajuda.

No som do carro toca jazz, o calor da noite carioca entra pelas janelas abertas tornando tudo mais intenso. Gosto de aproveitar o momento e observar as pessoas a minha volta. No calçadão, todos os tipos de pessoas interagem entre si com seus corpos amostra e paisagem ao fundo.

Por essas coisas que acredito que o Rio é a cidade mais sensual do planeta.

Em que outro lugar no mundo a gente pode admirar e ser admirado com tanta normalidade? É como um comércio do sexo. A gente malha isolado com fones de ouvido, mas arranca a camisa e sai para correr quase em câmera lenta na intenção de ser visto.

É bom ser desejado. Não são apenas as mulheres que gostam do sentimento, homem também. É estimulante.

Chego em casa tarde. Ouço os gritos de Frodo ainda no hall do elevador.

— Cheguei, cheguei! — digo ao abrir a porta.

— Morrer, Luca!

Exagerado esse papagaio.

— Você não vai morrer, Frodo.

Sem Jacilda, ele ficou o dia inteiro sozinho pela casa e com certeza encontrarei as suas artes. Ele vem pelo chão com o seu caminhar divertido e apressado e usa suas patas e bico para subir pela minha calça.

— O que você aprontou, rapaz?

— Atirei o pau no gato-to. Dona Chica-ca. Pau no gato-to.

— Quer cantar é?

Vou com ele até o quarto e retiro as minhas roupas sujas enquanto cantamos. Já faz mais de uma semana que não vou à academia, meu corpo está pedindo um pouco mais de ação. Não só esse tipo de exercício, mas também o que se faz a dois... ou a três.

Com o fora que recebi de Trícia, meu fim de semana perdeu um pouco a graça. Nem posso me lembrar quando foi a última vez que fiquei tanto tempo com uma mulher na cabeça dessa forma.

Melhor não me esforçar para lembrar. Vai que descubro que foi a mesma bruxa?

Acordo quarta-feira pela manhã ainda mais cedo do que de costume para poder pegar onda e limpar um pouco a mente. O mar sempre foi o meu refúgio. Como surfista, sou um ótimo pediatra, mas uso do esporte para manter a mente sã.

Fazia tempo que eu não precisava buscar recursos para me reequilibrar, no entanto, o retorno de Trícia mexeu mais com a minha mente do que eu esperava.

— E aí, cara? Não nos vemos desde sábado. Você ficou muito na festa?

Frederico enrola para responder.

Conheço o meu amigo, sei que ele está escondendo alguma coisa.

Em uma situação normal, Fred teria me ligado no domingo para fazer alguma coisa ou mandado mil mensagens na madrugada de sábado perguntando com quem eu estava. Ele não fez nada disso, muito pelo

contrário, sumiu.

Sem jeito e tentando disfarçar, ele responde:

— Não.

— Não o que? Não ficou muito.

— É.

Espalho a parafina sobre a prancha e ele me empresta o raspador. Estamos na areia e o sol ainda está subindo. Na água, várias cabeças já esperam pelas melhores ondas.

— Seu celular está com problema.

— Não, não tá não.

— Hum... Acho que você não tinha nada para me falar mesmo. — jogo para ele — Pena que todo mundo está comentando.

A cara que Frederico faz é impagável.

Eu sabia! Ele está escondendo alguma merda.

— O que estão comentando? Porque se for a versão dela, aposto que não foi o que aconteceu. — ele xinga e resmunga qualquer coisa que não entendo — Popy é muito filha da puta! A gente tinha combinado de deixar morrer.

Popy?

Agora entendi...

— Você ficou com a Popy? — pergunto rindo desacreditado.

Ao perceber que falou mais do que deveria, ele desconversa.

— Eu? Não. Quer dizer... Está vindo uma série boa ali hein. Vamos cair logo. Tenho uma cirurgia às 8h.

Antes de terminar de falar, ele já está correndo para a água.

Mas olha só... Fred caiu nas garras de Popy naquela festa e estava tentando esconder o jogo dos amigos. Caralho! Estou surpreso. Achava que isso nunca aconteceria.

Um momento sozinho e ele já fode com tudo.

Jogo a parafina dentro da mochila dele na areia, visto a minha lycra e corro para a água. Acho que consigo pegar umas cinco ou seis ondinhas antes de ir para o consultório.

Tenho planos que quero colocar em prática ainda hoje. Quase não dormi de tanto que meus miolos ferviam pensando em Trícia.

Os anos passaram, imagino que muita coisa tenha acontecido na vida dela, assim como na minha, mas ela ainda tem o mesmo olhar. Tudo está diferente, mas de alguma forma parece igual. Sinto, quero e reconheço nela a pessoa de antes.

No fundo, bem no fundo ela deve sentir o mesmo. Suas ações disseram que não, porém nada me impede de pagar para ver.

Já no consultório, estou no meu terceiro atendimento da manhã.

— Eu tenho medo de mexer, doutor. Quem cuida do umbigo dele é a minha mãe. Será que não dói mesmo?

— Não dói nada. Dê os parabéns a sua mãe, está muito bem cuidado. Até o final da semana deve cair e ficará com um aspecto melhor para você cuidar dele. Lembre-se de não puxar, só precisa ser limpo.

O bebê olha admirado enquanto o examino. Obviamente ainda não está me enxergando perfeitamente, mas permanece encantado por algo em mim.

— Ele gosta de você. — diz a mãe, uma menina de apenas dezoito anos.

Depois de conversar muito com ela, descobri que engravidou em uma viagem de formatura do ensino médio e que não sabe nada sobre o pai do bebê. Seus pais, de classe alta, ficaram desesperados com a notícia e tentaram convencê-la de tirar, mas não conseguiram.

— Você agora tem o meu celular e pode ligar sempre que tiver qualquer dúvida. — pego o bebê no colo — Este rapaz está indo muito bem e vai crescer bastante. Só não esqueça de nenhuma vacina. Esse contato que te passei é de um especialista para o exame da orelhinha.

— Obrigada, doutor. Ainda bem que a amiga da minha mãe indicou o

senhor.

— Imagine, eu que agradeço.

Depois do último atendimento da manhã, pego o meu carro, procuro no gps pelo endereço que tenho e vou.

Hoje eu descobri que minha atual secretária mente maravilhosamente bem.

Depois de perceber que as flores que ela me ajudou a escolher não tinha dado resultado, ela se ofereceu para outro plano. Já que ela se ofereceu, eu aceitei.

Pedi que Luana ligasse para o escritório de Trícia e agendasse um horário. Como eu já esperava, a agenda estava lotada, os próximos dias da mesma forma e a pessoa do outro lado da linha indicou um escritório parceiro.

Sou ansioso, imediatista, não sei esperar. Por mim, iria até a casa dela e sentaria na porta.

Luana não se abateu e insistiu até que conseguiu uma reunião durante o almoço em um restaurante. Enquanto ela falava, escrevi em um papel “revitalização de apartamento com mais de 80 anos, único dono”. Não era um tiro no escuro, Trícia sempre teve uma queda por construções mais antigas. E se pensa como antes, não deixaria a oportunidade passar.

Com a assustadora atuação de Luana e as minhas memórias, a secretária de Trícia pediu alguns minutos e voltou com a resposta positiva, mas deixou claro que teria apenas o horário de almoço para falar sobre o tal apartamento.

Pedi que Luana, no caso eu, levasse algumas fotos e a planta do imóvel para ao almoço.

As coisas devem estar dando certo para ela. Quem recusa clientes assim?

Tamborilando os dedos no volante, espero inquieto até que o sinal abra. Não posso me atrasar.

Chego ao restaurante no Leblon indicado pela secretária. É um lugar

comum, simples, mas que cheira a boa comida.

— Posso ajudá-lo?

— Sim. Uma amiga está me aguardando. — busco com os olhos pelo restaurante — Ali está ela. Encontrei.

Fique à vontade.

O homem dá meia volta e desaparece, enquanto eu caminho até a mesa onde está Trícia. De costas para a entrada, ela não percebe a minha presença.

Chego sem fazer qualquer barulho, puxo a cadeira e sento.

— Desculpe a demora. Aqui é complicado de estacionar.

Sua expressão não é das mais felizes que eu já vi. Com certeza está se perguntando o que faço aqui e como a encontrei.

## **Nada como o tempo.**

**Trícia**

O que ele está fazendo aqui? Isso só pode ser piada. Não posso acreditar no que estou vendo.

— Luca...

Ele puxa uma cadeira e senta bem a minha frente sem se importar com a minha opinião. Confortável e despreocupado, pega o cardápio e examina.

— O que vamos pedir? Esse medalhão com cogumelos parece interessante.

— Estou esperando um cliente. — digo inquieta.

— Acho que o lombo marinado é uma melhor pedida. Estou na dúvida. O que você costuma pedir aqui? Vem sempre neste restaurante? É simpático.

— Luca?

— O que mata é só a falta de vagas.

Ele simplesmente não me escuta. Falo para o nada.

Chamo mais duas vezes enquanto ele cita os pratos do cardápio e continua a me ignorar. Meu sangue ferve. A raiva vem tão intensa dentro de mim que quando percebo, já gritei.

— LUCA!?

Os clientes olham espantados para a nossa mesa. Fico envergonhada com a cena, peço desculpas e volto a minha atenção para Luca. Antes de dizer qualquer coisa, puxo o ar com força e solto bem lentamente para me acalmar.

Não posso me desestabilizar dessa forma.

— Por que está aqui? — pergunto em voz baixa olhando diretamente para ele.

— Sou o seu cliente.

Até parece.

— Minha cliente é uma mulher.

— Tecnicamente sim, foi a minha secretária que entrou em contato com a sua e marcou este horário. Então, corrigindo: seu cliente sou eu mesmo.

Se ele pensa que vai me encurralar com isso, está muito enganado. Pego minha bolsa pendurada atrás da cadeira, junto as minhas coisas que estavam sobre a mesa e fico de pé.

Quer encurralar alguém, que faça isso com outra pessoa. Intrometido!

— Você é ridículo, Luca.

— Não vai dar uma chance ao meu apartamento?

— Não. Procure outro escritório de arquitetura, o meu está atolado de serviço.

Quanta raiva estou sentindo. Eu deveria ter ido embora quando o reconheci naquela festa. Devia, mas não fui.

— Trícia...

Seus dedos envolvem o meu pulso. Ele me segura e ficamos os dois parados sem dizer nada. Quero ir embora, deixá-lo para trás junto com as nossas memórias, mas algo me mantém aqui; a mesma coisa que me fez querer ser vista por ele na festa.

— Não...

— Fica. Por favor. Vamos almoçar e conversar um pouco. Não vou agarrar você. Estou com algumas fotos e a planta baixa do meu apartamento. Acho que realmente pode te interessar.

Droga!

Diga não, diga não.

Mas, simplesmente não consigo seguir meus próprios conselhos. Meu corpo perde a vontade de obedecer, a mente viaja. Depois de tanto, tempo nossas peles se tocando.

— Por que isso agora? — pergunto sem olhar para ele.



— Eu não sei o que me fez te guardar tão bem escondida dentro de mim. Depois de tudo, segui em frente, assim como você. Mas agora... agora é diferente.

— Agora resolveu que quer comer a menina que deixou escapar no passado. Sua cartelinha está com uma falta?

— Não.

Ah, tá bom! Está aqui para organizar uma aula da saudade.

— Jura? Devo ter cara de besta mesmo.

— Quer saber se te desejo? Muito. — olho para ele e encontro o olhar de sempre. Um dia me apaixonei por esses olhos — Obvio que quero você. Nem tenho como negar. Só que neste momento, quero conversar. Por favor, senta e vamos almoçar?

Só almoçar? Eu já iria almoçar de qualquer forma. Pelo menos me livro dele de uma vez por todas.

— Tudo bem. — penduro minha bolsa na cadeira — Vamos almoçar e depois chega dessa caçada sem propósito.

— E quem disse que não há um propósito?

— Luca!

Ele entrega-me o cardápio e finge que nada aconteceu. Melhor assim.

O garçom aparece para anotar os pedidos, mas antes pergunta se algo está me incomodando. Ele faz questão de se posicionar de costas para Luca, bloqueando a visão e pelo seu olhar percebo a apreensão. Não posso culpá-lo depois da cena que eu e Luca protagonizamos.

— Está tudo perfeito. — respondo com um sorriso falso no rosto.

— A senhora tem certeza?

— Senhorita. — corrijo-o — Tenho certeza.

Intrrometido, Luca diz com a voz mais alta do que o necessário:

— Eu vou querer um medalhão com molho de vinho e cogumelos. Se puder se apressar, estou com bastante fome.

Olho-o e séria e faço questão de demonstrar toda a minha insatisfação.

— Eu vou optar por um risoto de queijo.

O homem recebe os pedidos e sai. Em minha, cabeça apenas palavras de controle rondam meus pensamentos.

Depois de tantos anos, depois de tantas coisas, estar frente a frente com Luca ainda mexe comigo. É como se a nossa história estivesse guardada em algum cantinho dentro de mim e agora resolveu emergir; ainda com mais força.

Como isso é possível, até poucos dias eu nem mesmo pensava nele. Talvez um pouco, porém, era muito raramente e quase sempre imaginando como ele estaria, se teria filhos, família, se estava com a mesma aparência ou se tinha decidido ir com o primo para fora do país.

— Vai ficar me olhando como se eu fosse um fantasma? — ele pergunta fazendo-me despertar.

— Oh, desculpe. Eu estava pensando em trabalhos que preciso adiantar ainda hoje. Não posso demorar.

Ele não acredita em uma só palavra, mas concorda com a cabeça.

— Estou feliz por te ver tão bem. Fale um pouco sobre você, conte o que te trouxe de volta para o calor.

Ele lembra...

— Não tenho nada relevante para falar, Luca.

Pelo menos não que eu queira dizer.

— Tudo bem, eu falo então. — seus olhos claros brilharam sobre mim — Não sei se você soube na época, mas eu consegui entrar na UniCamp. Foi assustador me mudar para tão longe dos meus pais, mas pelo menos tive meus tios e primos por perto. Depois de formado fui para Minas e fiz a minha residência lá.

— Você tinha tios em Minas também. — eu lembro bem dele contando das férias na casa dos primos.

— Sim. Meu tio Bento e minha tia Safira. Eles moram lá até hoje. —

Luca estica a mão sobre a mesa para tocar a minha, mas afasto — Há alguns anos estou aqui. O bom filho a casa torna.

— E qual a sua especialidade? — não me aguento.

— Se você acertar, te dou um doce.

A frase faz meu coração acelerar. Nós sempre fazíamos isso quando adolescentes, era uma piada interna porque o doce na verdade era um beijo. Um de nós falava “se acertar no que estou pensando, te dou um doce” e o outro respondia “e se eu errar, te dou dois”.

Não sei se ele falou consciente, talvez nem se lembre de algo tão bobo. O problema é que eu me lembro.

— E se eu errar, te dou dois. — as palavras escapam de todos os meus filtros e saltam para fora dos meus lábios sem freio. Quando dou por mim, já falei.

A esperança de que Luca não tivesse captado o duplo sentido cai por terra quando os meus olhos encontram os dele. Conheço o seu olhar e lembro dele como nunca esperei lembrar de alguma coisa na vida.

— Espero que erre então. — fala cheio de malícia.

Busco na memória por, mas sinceramente não me recordo de já termos tido essa conversa. Eu sempre soube que ele faria medicina, mas daí até a escolha da especialidade é um longo caminho. Éramos jovens demais para cogitar que o tempo passaria tão rápido.

— Não sei... talvez cardiologia.

Ele torce o nariz.

— Não gosto de ter pacientes morrendo dia sim dia não.

— Que exagero!

— Oh não, não estou exagerando em nada. Meu pai que o diga.

Penso um pouco mais. Nossos pratos chegam.

— Ginecologia?

Com o garfo no ar, ele gargalha.

— Definitivamente eu nunca seria ginecologista. — com uma piscadela continua — Não misturo prazer com ofício.

— Péssima piada.

— Não é uma piada.

Meu prato chega exatamente como gosto, nem mais e nem menos. Adoro este restaurante. Além de ficar próximo ao meu escritório, eles têm bom atendimento e o melhor tempero.

Fiquei curiosa. Quero saber o que Luca escolheu para fazer da vida, mas não quero demonstrar interesse. Como o meu risoto saboreando com calma a mistura de queijos e temperos variados. Posso sentir o vinho ao fundo harmonizando com todos os ingredientes.

É maravilhoso! Pena que não posso comer tanto carboidrato com frequência ou estaria rolando por aí. Depois de Sophia e depois dos trinta, as coisas não são mais as mesmas e encontrar quilos é muito mais fácil do que perdê-los.

— Assim você acaba comigo. — o fundo perverso na frase me deixa alerta. — Você estava gemendo para a comida, Trícia.

— Não estava não. — defendo-me imediatamente.

— Estava.

Ele ri sem tirar os olhos de mim. Filho da mãe. Remexo em minha comida e o ignoro.

Provavelmente eu estava mesmo gemendo, mas quem pode me recriminar? Comida é a melhor coisa da vida... depois do sexo, obviamente. Sou uma pessoa sonora, daquelas que canta enquanto dirige, que conversa em voz alta no chuveiro e responde “boa noite” para o apresentador do telejornal.

Acho que isso é coisa de filho único. Sem ter com quem conversar, falo para o vento mesmo.

— Não vai dizer qual a sua especialidade? — pergunto e logo me arrependo. Ele comemora a vitória com os olhos.

— Estava esperando você perguntar. — comemora — Sou pediatra.

Pediatra?

Está aí algo que eu nunca imaginaria.

— É sério, Luca?

Ele pega a carteira e retira dela o cartão de visitas. Pego e olho atentamente. O pequeno retângulo tem o seu nome, telefones de contato e endereço da clínica. Realmente, ele se tornou um pediatra.

— Nossa...

— Surpresa? — pergunta.

Concordo com a cabeça.

— Sem dúvidas. Acho que chutaria qualquer outra coisa, menos pediatria. Sabe, desde que nos vimos na festa e vi os caras do colégio também, fiquei pensando em como a vida passa depressa e as vezes esquecemos de algumas pessoas e quando as encontramos, mal as reconhecemos.

— Lembra do Batata?

Como eu poderia esquecer?

— Lembro. Foi ele que armou aquilo tudo quando fui à sua casa pela primeira vez.

— Pois é, ainda estou em dívida com ele. — percebendo que não gostei da brincadeira, ele continua. — Batata casou faz pouco tempo. Ainda está em lua de mel.

Começamos a conversar sobre as pessoas da nossa turma do colégio e Luca conta onde estão e como estão a maioria deles. O Rio é um ovo e nada fica escondido. A maioria ainda está por aqui e o grupinho inseparável dos caras segue tão unido quanto no passado.

Quando Luca pede a sobremesa, quero negar e voltar a minha vida normal, mas por algum motivo que o meu racional não entende, faço sinal para o garçom e peço o mesmo: sorvete de coco com calda de chocolate. Era uma vez a minha dieta.

Ele é lindo, os cabelos castanhos têm fios dourados que até parecem

artificiais, mas eu sei que é resultado dos seus anos de praia e parafina. Seus olhos verdes são tão escuros, que em ambiente fechado mudam para castanho. A mudança constante sempre me cativou e ainda me surpreende.

Enquanto conversamos percebo que ele não consegue tirar os olhos da minha boca. Pelo contrair das suas pupilas, posso dizer que seus pensamentos não são nada puros agora. Decido brincar.

Passo o dedo pela calda derretida e chupo com os olhos fechados. Não preciso olhar para ter certeza que Luca está hipnotizado.

— O sorvete deles é delicioso. — digo passando a língua pelos lábios.

— É sim...

Bingo!

O garanhão ficou sem palavras.

Olho para o meu relógio e vejo que passamos do ponto. Estou muito atrasada e preciso ir.

— Acho que demoramos mais do que deveríamos, já está tarde. Tenho que ir mesmo.

Fico de pé e recolho as minhas coisas. Não sei o que deu em mim, de repente preciso sair daqui como se me faltasse ar. Arranco duas notas da carteira, deixo sobre a mesa e saio com os cabelos ao vento.

Quando chego a calçada, respiro profundamente para colocar as ideias no lugar. Pelo amor de Deus, o que foi isso? Eu estava descaradamente sensualizando para ele.

E pior: eu adorei a reação. Senti-me vitoriosa.

— Trícia!?

Olho para trás e vejo Luca vindo em minha direção apressado com uma mochila de couro jogada em um dos ombros e um envelope na mão de frente para o cinto.

Será que ele ficou duro com a minha brincadeirinha?

— Tenho que ir de verdade.

— Eu sei. — ele para de frente para mim — Sobre o lance do apartamento, é verdade. Preciso mesmo de uma boa arquiteta.

Ah... ele precisa?

— Deixa eu ver o que trouxe. — estendo a mão pedindo o envelope. Vamos ver como estão as coisas ali embaixo.

— Vou mandar tudo para o seu e-mail, assim pode analisar com calma.

— Deixa eu ver o que tem no envelope, Luca.

— Agora não é um bom momento...

Atiçada pelo bichinho carpinteiro dentro de mim, arranco o papel das mãos dele e tenho a confirmação.

Minha nossa, que confirmação!

Eu não me lembrava que era tão, tão confirmado assim. Será que continuou crescendo depois dos dezoito? Jesus!

Perco um tempo admirando a envergadura desenhada sob o tecido da calça. Não sou mais uma menina inexperiente, sei exatamente o que uma maravilha dessas pode fazer comigo e o que eu posso fazer de volta.

Meus olhos estão indecisos entre o conteúdo do envelope e o volume da calça, quando escuto:

— Isso foi golpe baixo.

Elevo a cabeça para entender o que ele quis dizer, mas não tenho tempo de perguntar.

Mal vejo de onde vem, chego a perder o equilíbrio em meus saltos. Luca enfia a mão em minha nuca, outra em minhas costas e junta nossos corpos e nossas bocas. Resisto. Travo meus lábios e o empurro com as mãos, tento afastá-lo só até descobrir que não quero fazer isso.

O beijo afobado e explorador de antes, deu lugar à intensidade e à experiência. O que já era bom, ficou incrível.

Escoro em um carro estacionado na calçada, mas gostaria mesmo era de estar em uma cama grande. Luca aperta o seu corpo contra o meu, saqueia

minha boca e eu gosto. Adoro.

Não nos incomodamos com o horário ou com as pessoas que passam de um lado para o outro. Sinto sua língua quente, os lábios famintos e o corpo forte. É como voltar a ser uma garota, porém, conhecendo meus desejos como nunca.

De repente, o alarme do carro dispara. Assusto-me. O susto funciona como um balde de água fria.

O que estou fazendo na rua do meu escritório, há duas quadras da escola da minha filha e em pleno meio do dia?

— Chega, Luca! Pare... — sua barba escorrega pela minha bochecha e pescoço — Pare!

— Você estava me tentando. Não reclame.

Sim, eu estava.

— Pelo amor de Deus, estamos no meio da rua. Só o que me faltava ser presa por atentado ao pudor.

Minha preocupação o diverte.

— Está aí algo que nunca me aconteceu.

— No que depender de mim, não irá acontecer. — olho para os lados tentando me recompor — Agora tenho mesmo que ir. Vou ficar com o envelope e ligo para o número do cartão.

— Eu te ligo? — pergunta.

Ele tenta me beijar novamente, mas eu desvio.

— Eu te ligo.

Sem olhar para trás, saio caminhando pela calçada e não paro até virar a esquina e finalmente poder respirar aliviada.

Onde eu estava com a cabeça? Como permiti isso? As coisas saíram do controle e eu preciso colocar um ponto final, antes que seja impossível.



## Palavras ao vento.

### Anos atrás

Quando Luca e Trícia apareceram no colégio de mãos dadas foi uma surpresa geral. Os amigos do colégio não esperavam que um namoro sério viria dele, e as garotas nem mesmo se esforçaram para esconder o desdém pela escolha feita pelo jovem Malamam.

Inevitavelmente algumas coisas mudaram, as prioridades foram alteradas. Se antes Luca passava os intervalos de aula com a sua turma de amigos, depois de Trícia, contava os segundos para estar com ela e ganhar os almejados beijos e carinhos.

— O que acha de matarmos a aula de educação física hoje?

— Não sei...

— Oh, por favor! — pediu ele cheirando o pescoço dela. Era covardia atingir o seu ponto fraco — Podemos ficar na casa da árvore e depois voltamos a tempo da aula de química.

Trícia sempre fora temerosa com tais atitudes, mas diante de Luca, vendo o brilho intenso em seus olhos verdes, aceitou.

O colégio de classe alta, ocupava uma grande área, tendo dentro da propriedade um lago, uma modesta porção de mata atlântica e diversos blocos ao redor de um edifício principal. A casa da árvore era uma antiga construção feita por alunos de anos anteriores durante uma gincana, e atualmente usada por poucos. Ficava no início da mata, apoiada em uma enorme figueira.

— Quais são as chances desse troço cair com a gente dentro?

A pergunta não tinha maldade, mas tudo o que Luca pensou foi “depende do que você deixar eu fazer”. Pensou, mas se conteve na resposta.

— Nenhuma. Eu li que ela foi construída para abrigar dez pessoas durante a gincana.

— Mas isso deve ter uns oito anos.

Luca riu da resistência de Trícia. Ele achava cativante o seu jeito desconfiado.

— Confie em mim, não vamos cair. Suba na frente que eu te protejo.

Por duas pequenas janelas, uma vista encantadora se apresentava. Além do imenso terreno do colégio, era possível ver parte da cidade e o sol brilhando forte no céu.

O jovem casal, junto há pouco mais de um mês, descobria aos poucos a intensidade do primeiro amor. E com ele, o fogo da paixão. Estava além de suas forças controlar as respostas do corpo, esconder o desejo e frear as próprias vontades.

Nem Luca e nem Trícia eram capazes de suportar o que sentiam.

Beijos estalados ecoavam dentro daquelas paredes de madeira mal lixadas que puxavam fios das inconvenientes roupas. Dia após dia, entre aulas cabuladas e mentiras deslavadas, Trícia e Luca viviam o momento mais gostoso da juventude, a descoberta do prazer. Ah os hormônios!

— Eu tô pirando, Trícia. — disse ele apertando as mãos nos quadris dela — Isso é tortura das mais pesadas. Você é muito gostosa.

— Luca...

Montada sobre ele, com os joelhos apoiados de ambos os lados, Trícia movia o corpo sem nem mesmo perceber. Eles aprofundavam os beijos como se aquilo pudesse apagar o frenesi crescente, brincavam com as mãos no desespero, mas nunca passava daquilo.

— Por favor, diz que estamos perto.

— Ainda é cedo, Luca. Eu tenho medo.

— Medo de quê? — ele segurou o rosto dela com carinho, sem esconder o desejo — Somos namorados, estamos juntos. Eu te amo!

Aquelas palavrinhas eram mágicas.

Pela primeira vez ele admitia em voz alta os seus sentimentos. Talvez empurrado pelo feroz instinto carnal, mas no fundo era verdade. Luca estava profundamente apaixonado, mais do que imaginou ser possível.

— Eu também te amo, Luca.

Sim, o sentimento era recíproco. Em pouco tempo o casal descobriu o amor e estava confessando sem vergonha de admitir.

Na cabecinha inexperiente de Trícia, tudo passava a se encaixar, borboletas e corações explodiam tamanha felicidade. Não tinha como esconder o sorriso, a felicidade que escorria pelos lábios. Eles se amavam.

— Eu não vou te forçar, de forma alguma, mas você sabe o quanto te quero. Tem dias que parece que vou explodir. Essa pegação está acabando comigo.

— Eu sei...

No meio do pátio o sinal tocou, podendo ser ouvido no alto da casinha.

— Temos que ir. — um último beijo — Eu te amo. Vou esperar o quanto for preciso.

Era tudo que ela precisava ouvir para saber que ele merecia a sua pureza. Afinal, um garoto que se propunha a esperar deveria ser merecedor de tamanho prêmio.

Pena que, às vezes, rapazes não cumprem o que prometem.

## **A felicidade bate à porta.**

**Luca**

Talvez meus amigos estejam certos e eu esteja ficando velho. Há uma semana espero por uma ligação de Trícia que nunca chega. Depois do nosso almoço, liguei para o seu escritório, mas ela deixou avisado que me ligaria quando tivesse algo relevante para dizer sobre o meu projeto.

Enviei referencias do que pretendia e junto com elas, um e-mail falando sobre as mudanças que desejo. Não obtive resposta.

Ou ela está muito ocupada com outros clientes ou o meu apartamento é um caso perdido. Provavelmente está me cozinhando, mas prefiro acreditar na primeira opção.

Hoje o dia foi especialmente complicado na clínica. Minha secretária agendou mais pacientes do que deveria e pior, três bebês de primeira consulta. Isso atrasou todos os atendimentos. Detesto atender sem tempo o suficiente, é horrível ter muitas pessoas na sala de espera.

Eu e Frodo estamos na cozinha esquentando fricassê que Jacilda deixou para mim, quando a campainha toca.

— Deve ser o senhor Dorgival.

Meu vizinho de baixo as vezes aparece com um prato de bolinhos de chuva ou caldo de ervilhas que sua esposa, dona Ana Lúcia faz. Talvez esse seja um dos motivos que me prendem ao prédio.

— Já vaaaaaaaai! — Frodo grita e corre pela casa em direção a porta. Pra frente esse papagaio.

Sem camisa, com o primeiro botão da calça aberto e enxugando a mão em um pano de prato, abro a porta.

— É puta! É puta!!!!

— Frodo, quieto! Não, não, não, papagaio mau.

Abaixo e pego o meliante, segurando o bico dele com os dedos.

Putá que pariu, era só o que me faltava: Frodo querendo me fuder. Como se eu já não estivesse ferrado o bastante.

Parada no hall, está Trícia com os olhos fixos em Frodo e segurando um enorme canudo.

— Como chegou aqui? — sim, essa foi a única coisa que passou pela minha cabeça.

Luca, seu idiota.

— O que me trouxe foi o meu carro. — responde sarcástica. Pude notar os segundos que levou admirando o meu corpo. Bom sinal. — Se você quer entender como sei aonde você mora, a resposta é que nas fotos do envelope tinha a fachada do prédio com o nome. Foi uma questão de jogar no google. E como entrei?

— Seria a próxima pergunta.

— Um senhor muito simpático estava saindo quando eu cheguei. Disse a ele que vinha ao seu apartamento, ele me olhou de cima em baixo e permitiu que eu passasse.

— Senhor Dorgival, meu vizinho de baixo. Ele é muito simpático.

— Com a recepção do papagaio, imagino o que num passou pela cabeça do seu vizinho.

Deslizo os olhos pelo corpo de Trícia, ela está vestida de forma muito profissional, calça social até o pé, blazer abotoado e cabelos presos. Imagino que tenha saído do escritório agora.

— Posso entrar? — ela pergunta erguendo os braços.

— Desculpe. — dou passagem — Entre.

Graças a Deus hoje foi o dia de Jacilda vir. Está tudo em ordem e a casa cheira a pinho.

— Fiu... Fiiiiiui!!! — Frodo assovia alto e Trícia cai na gargalhada.

— Acho que ele gostou de você.

— Não sei se considero um elogio. Ele gosta de putas?

Tive que rir.

— Desconsidere isso. Toda mulher que Frodo vê, chama assim. Ele foi mal educado por uns amigos meus... Nossos, na verdade.

— Deixe-me adivinhar: Batata e Fred? — confirmo com a cabeça — Por que não me surpreende? A amizade de vocês atravessou os anos. Bonito isso.

Ofereço uma bebida e ela pede café. Ainda bem que tenho uma máquina de expresso.

— Podemos usar essa mesa?

— Claro. Fique à vontade. Vou buscar o seu café. Está com fome? Posso preparar alguma coisa pra gente.

Não, eu não posso, mas é bom oferecer.

— Estou vindo de um jantar com um cliente. Comi por lá. — ela olha em volta, estuda todos os cantos do meu apartamento como se procurasse por algo.

Vou até a cozinha, guardo a minha comida no micro-ondas, abro o armário a procura de pelo menos alguns petiscos. Onde é que Jacilda guarda as bandejas dessa casa, senhor? Será que eu tenho bandejas? Não faço ideia.

Depois de muito vasculhar, decido por um pacote de biscoitos de arroz, uma lata de atum e misturo com a maionese que está aberta sabe Deus desde quando.

Deve servir.

— Você disse que já comeu, mas trouxe uma bobagem de qualquer forma.

Coloco as coisas em um canto da mesa que está tomada por um projeto e sento ao seu lado. Reconheço a planta aberta.

— Obrigada. Podemos começar?

— À vontade.

Por mim poderíamos começar tirando a roupa, mas não acredito que

seja disso que ela esteja falando.

— No e-mail você disse que gostaria de unificar a cozinha com a sala, fazer um plano aberto e restaurar o piso de madeira. E o lavabo precisa de uma atualizada também. Fiz alguns esboços que gostaria de te mostrar.

Uau! Que mulher de negócios tenho aqui na minha frente. Será que ela está pensando no beijo? Será que sente o que eu sinto quando estou perto dela?

Em um tablet, Trícia me mostra prospecções de suas ideias. Tudo muito bonito e bem feito, mas sinceramente? Não estou nem um pouco afim disso.

Respiro fundo inalando o seu perfume. Ela cheira bem. De onde estou posso ver por cima da blusa um pedacinho do seu sutiã roxo. Era a sua cor favorita no colégio.

— Por mim podemos fechar.

— Não tem nada para dizer sobre o projeto? — pergunta com os olhos tensos.

— Não.

— Entendi.

Esse tom. Conheço bem, sei que subliminarmente há muito mais por trás desse “entendi”.

Chego um pouco mais perto, passo o braço por trás da sua cadeira como se estivesse interessado nos papéis sobre a mesa.

— Pensei em construir algo que o Frodo pudesse usar. Talvez uns poleiros que combinassem com a decoração, lugares para ele subir e entrar com segurança.

Ela olha para Frodo, que está tentando destruir a costura do sofá. Muito me surpreende que ele não esteja gritando “puta” sem parar. Seria o comportamento normal.

— Acho que podemos pensar em algo que case com o restante do ambiente.

Aproximo-me um pouco mais.

— Quero fazer o mesmo no restante da casa. Principalmente no meu quarto e na cozinha. O Frodo fica onde eu estiver.

Continuamos muito próximos, nossas pernas se esbarram por baixo da mesa e preciso me controlar para não a tocar diretamente. Repetir o que aconteceu na porta daquele restaurante.

Pondero por dois segundos, mas quando finalmente resolvo agir, ela levanta e começa a falar sobre suas ideias entusiasmada. Eu tinha me esquecido desse lado de Trícia.

Embarco na ideia e caminhamos pelo meu apartamento enquanto falamos sobre as mudanças e reforma. Preciso filtrar as minhas palavras e conter o desejo de jogá-la sobre a minha cama quando entramos no quarto.

A sua presença mexe comigo. Ela pode até tentar parecer indiferente, mas reconheço o brilho e a intensidade do seu olhar. Nada mudou, nem mesmo o modo como move os ombros quando está desconfortável.

— Pretende manter os móveis? — pergunta e escorrega os dedos pela cabeceira da minha cama.

— Não.

— Já sabe o que quer?

— Não. — sorrio — Algo simples, com linhas retas e resistente a bico de papagaio. Os móveis fixos já estavam no apartamento quando o comprei, acrescentei poucas coisas. Achei que perderia muito da originalidade mudando e tive preguiça de correr atrás.

— E por que mudou de ideia?

Puxo o ar com força, retiro as mãos dos bolsos e fecho a distância que nos separava. Ela não se move, apenas seus olhos marejados confessam o verdadeiro motivo de estar aqui. Nós sabemos que não é simplesmente uma reunião de negócios.

— Porque encontrei a arquiteta perfeita. — junto nossos dedos — Porque encontrei algo que eu não sabia que procurava... a parte que faltava.

É a primeira vez que me declaro para uma mulher e coloco meus sentimentos tão explícitos. Nunca houve a necessidade. Trícia é diferente, é



especial. Estamos tão próximos, posso sentir sua mão tremer ao meu toque.

Ela ensaia um meio sorriso e o gesto me enche de esperança. Estamos prestes a nos beijar quando Trícia aconchega o rosto junto ao meu ouvido e diz:

— O que te falta é vergonha na cara, Luca Malamam. — e sai.

Como assim?

## **Tentar, não é resistir.**

**Trícia**

Passei a semana com aquele maldito beijo na cabeça e com a sensação das mãos de Luca sobre mim. O desliz trouxe a tona tudo o que eu tinha conseguido superar... ou pelo menos esquecer em uma caixa oculta no fundo da minha mente.

Preciso ser sincera. E como diz o ditado: quando um não quer, dois não brigam... No caso, não beijam.

Eu quis aquilo, desejei, apreciei o momento e por dias fechei os olhos e pude sentir o calor e a intensidade do beijo roubado. Foi tão bom ou melhor do que no passado. Temos química. Não posso negar.

Saí do escritório determinada a chegar aqui e colocar um ponto final nesse revival caótico e recolocar a minha vida nos trilhos. Como sou ridícula. Cheguei a ensaiar no retrovisor do carro as palavras que diria a Luca quando chegasse aqui, mas não foi bem assim.

Quando ele abriu a porta meus olhos me desobedeceram, indo sozinhos para toda a pele a mostra onde deveria haver uma camisa. E como se não bastasse, o cóis da cueca azul-marinho saltava em destaque devido o botão aberto. Os anos fizeram muito bem a ele.

Não sou mais uma menina e imediatamente pensei no que ainda se escondia. Se seus braços e tronco estavam tão torneados, se não havia pelo ali... Como seria um pouco mais para baixo?

Ele gostou do projeto que mostrei, e eu também gostei de fazer. O antigo apartamento merece toda a atenção e ficará deslumbrante com um pouco de trabalho. Só isso já me traria aqui, mas não vou mentir, vim por curiosidade. Estava me coçando para descobrir mais sobre o Luca de hoje, entender o tipo de homem que ele se tornou.

Depois de quase ceder ao desejo, volto para a sala com o coração aos pulos. Foi por pouco. Mais dois segundos sob seu toque e eu estaria nua agora mesmo por livre e espontânea vontade.

O que posso fazer? Há muitos e muitos anos essa figurinha está em falta no meu álbum de experiências.

— Acha mesmo que não tenho vergonha?

Viro-me e encontro os olhos intensos dele atrás de mim. Agora, um tom mais escuro. Sinto-me pequena diante de tanta potência. Meus saltos altos não mudam o fato dele ser um homem acima da média. Olho-o de baixo para cima, suas narinas dilatadas denunciam fúria e luxúria. Uma soma perigosa... mas perfeita.

— Se pensa que vou...

Oh, sim... eu vou.

Minhas palavras morrem com um beijo violento. Luca morde meus lábios advertindo-me a calar. Empurrando seu peito não consigo me desvencilhar das garras que me envolvem. Nem quero. A resistência é uma tentativa fajuta da minha dignidade de manter a postura. Apenas dois ou três segundos depois já estou com os braços ao redor do seu pescoço e em seguida as pernas enlaçadas em sua cintura.

A quem eu quero enganar? Foi exatamente isso que vim buscar aqui.

Suas mãos entram nos meus cabelos destruindo o penteado que resistira o a um dia de trabalho, elas não param, deslizando para cima e para baixo como se reconhecesse cada centímetro de mim. A sensação é deliciosa.

Faço o mesmo, mas em sua pele. Ele está quente, tudo é firme.

Boca contra boca, língua contra língua, um choque de intensidades que me faz gemer satisfeita. Ouço em meus ouvidos o lamento que externo e sei que Luca também ouve, porque isso o afeta. Entramos em um ciclo: eu suspiro, ele aprofunda o beijo, eu choramingo, ele une nossos corpos destruindo o pouco que tenho de sanidade.

Mal lembro quem sou ou o que vim fazer aqui. É gostoso, tão bom que me faz querer mais e mais.

Oh, por favor, continue assim. Que boca deliciosa!

Luca prende-me contra uma parede fria, ganhando apoio para moer seu pênis duro em mim. É fantástico! Abro mais as pernas, rebolo de volta e ele

gosta. As mordidas em meu lábio deixarão marcas.

Preciso parar. Tenho que sair daqui antes que não tenha mais volta e meu coração seja dilacerado mais uma vez.

Sou fraca. Fraca frente às minhas necessidades, aos desejos e ao querer. Mesmo sabendo até onde devo ir, desobedeço e sigo adiante. O prazer comanda por completo os meus atos e já não importa o quanto esse erro pode me custar. Vai doer depois, mas está tão bom agora.

— Luca... não devemos.

Com a testa apoiada na minha e a respiração ofegante, ele diz:

— Devemos e queremos. Ou você não quer?

Restam dúvidas para ele do que quero?

Minhas unhas fundas nos braços dele, para que não escape, deixam espaço para questionamentos? Estou onde quero estar, mas não onde devo.

O que fiz com o meu orgulho? Provavelmente, está afogado em minha calcinha.

— Vou me arrepender disso. — confesso com os olhos fechados.

— No que depender de mim, não irá. — Luca morde meu pescoço. É um ponto fraco — É um homem que te quer, Trícia. Aquele garoto não existe há muito tempo. Deixe-me provar...

— Vocês são a mesma pessoa, Luca. Eu nunca fui capaz de me recuperar do que fez.

E é verdade. Por mais relacionamentos que tive, por mais que a idade passasse e com ela muitos aprendizados, a dor que ele me causou nunca foi embora.

O seu silêncio me intriga. Abro os olhos e o encaro.

Encontro uma expressão determinada, no entanto, reconheço uma sombra de tristeza em seu olhar. Sei que se arrepende, soube disso desde o primeiro momento, mas nunca pude perdoar.

— Eu quero ser o homem que você merece. Não duvide disso, Trícia.

— dessa vez eu o beijo. Abocanho seus lábios com ganância — Mas neste exato momento, quero por fim em todos esses anos de espera.

Sou carregada de volta para o quarto e jogada sobre a enorme cama. Os lençóis cheiram bem, perfume de limpeza recente. Apoio-me com os cotovelos dobrados para trás e o admiro enquanto se desfaz da calça e da cueca ao mesmo tempo. Sem a menor vergonha, ele fica nu.

Definitivamente, ele cresceu. Eu não me lembrava de ser tão grande.

— Gosta do que vê?

Suspiro enquanto lambo os lábios e confirmo com a cabeça. Faltam-me palavras agora.

Luca retira os meus sapatos com total atenção ao que faz, deixa cada um ao lado da cama e volta. Sem dizer nada abro o botão da minha calça e o ajudo a retirá-la. Não é uma cena perfeita como nos filmes. Minha calcinha desce até o meio das minhas pernas e para completamente embolada acima do meu joelho.

Graças a Deus, eu me depilei!

O olhar selvagem de Luca me arrepia a espinha. Ele puxa a tanga, jogando-a para longe e logo está junto de mim. Suas mãos espalmadas no interior de minhas coxas me obrigam a abrir as pernas. Abrir não, arreganhar.

— Está brilhando de tesão. — diz acariciando levemente a minha entrada. — Por muitos anos imaginei como teria sido entre a gente. Lembro da primeira vez que te toquei aqui — ele toca em minhas dobras — Eu queria senti-la por dentro, colocar a boca e saborear.

Não digo nada e ele continua.

— Foi bom. Eu não saberia apreciar tudo isso naquela época. Hoje sei.

Olho para o seu pênis ereto. Ele se contrai e parece ter vida própria. Não posso evitar o comentário.

— Alguém está nervoso.

— Desesperado.

Com cuidado, ele penetra os dedos em mim e retira levando a boca.

Uau! Não poderia ser mais sensual do que isso. Vejo-o saborear sem pressa lambendo os dedos melados de mim.

— Trícia é o meu sabor favorito no mundo.

— Então aproveite. — abro as pernas mais amplo e deito completamente, jogando a cabeça para trás.

Sim, ele faz exatamente o que eu digo. Com os olhos fechados, curto a viagem.

Definitivamente Luca não é mais um menino. Seus lábios, língua, dentes e dedos conhecem e sabem o que fazer com o corpo de uma mulher. O prazer é sufocante, engasga e explode na forma de gritos e gemidos que não posso controlar.

Enquanto me devora, ele se masturba. Ouço os grunhidos abafados entre as minhas pernas. Tento mantê-las abertas, mas as fecho sem perceber. Luca não permite, segura meus joelhos afastados e enterra a cabeça entre eles brincando comigo.

— Oh, Luca! Assim... assim.

Não sou escandalosa na cama... pelo menos, não era. Estou fora de mim.

Quando penso que o orgasmo será inevitável, Luca para o que está fazendo, agarra-me pela cintura e deita sobre suas costas.

Montada sobre ele, apoio as mãos em seu peito para me equilibrar. Seu olhar malicioso percorrendo o meu corpo é como um afrodisíaco e liga uma chavinha mágica dentro de mim.

Quero enlouquecê-lo. Levá-lo ao céu sem escalar.

Desço as unhas em zigzag até o seu umbigo deixando vergões vermelhos. Meus movimentos são acompanhados com atenção. Depois de muito brincar, me movo mais para trás e agarro o pau. Ele está pulsando, muito duro e a cabeça cada vez mais vermelha. Sinto-me poderosa, detentora do seu prazer.

— Eu poderia gozar só com essa imagem.

— Não ouse. — repreendo com um sorriso safado no rosto.

Gosto de brincar. Sento sobre a longa extensão e me esfrego sem permitir que entre. Uso meus lábios vaginais para masturbá-lo e aproveito para estimular o meu clitóris. É tão gostoso que quase esqueço que há um homem louco de tesão debaixo de mim.

Não será fácil receber tudo isso, mas nada me impede de tentar, não é mesmo?

Luca desliza um pouco mais para cima e recosta na cabeceira acolchoada, ficando na altura exata para sugar meus seios. Adoro! Suaves mordidas intensificam o prazer e me fazem rebolar ainda mais rápido.

Estou prestes a gozar, mas não quero dessa forma. Pelo menos, não agora.

— A camisinha? — peço.

Ele se estica abrindo uma gaveta no criado-mudo e pega um pacote vermelho. Tem cheiro de morango.

— Faz as honras? — oferece.

Abro a embalagem no dente e sensualmente deslizo o preservativo até a base do pênis dele. Caramba, como está duro e quente.

A pele fina e clara deixa grossas veias aparentes dando um aspecto bruto. É bonito de ver.

Quando termino, sou puxada para frente. Luca enfia os dedos nos fios da minha nuca e comanda um beijo profundo, longo e molhado. Com uma mão ele segura meu cabelo, com a outra guia o pau até a minha entrada. Forço para baixo, puxando o ar com força quando ele empurra contra mim. É grande. Meu corpo precisa de um pouco mais de tempo, tempo que Luca não me cede.

— Estou louco para meter nessa bocetinha, Trícia. — ele empurra mais forte e entra quase tudo. Eu grito. — Se você gritar, vou perder o controle.

Jogo a cabeça para trás e puxo mais ar quando ele mete mais fundo. Entra completamente. Doloroso... deliciosamente doloroso.

Acomodo-me com as mãos apoiadas em seu peito e rebolo em busca de conforto. Seu pênis se encaixa perfeitamente e só assim estou pronta para cavalgar. E como cavalgo. Confiante, ganho velocidade e firmeza nos movimentos.

— Rebola no meu pau, vai. Engole ele inteiro. — é como um comando. Meu corpo apenas obedece.

O que acontece é diferente de tudo que já vivi com qualquer homem. Sou uma mulher feita, já tive vários relacionamentos, namoros, casos de apenas uma noite. Mas nada se compara ao agora.

Entre beijos, mordidas e palavras sujas, recebo Luca dentro de mim. Eu rebolo, ele arremete, eu grito e ele urra de prazer. É animalesco. Um encontro explosivo que parece não ter fim.

Pode ser que tenha durado vinte minutos... ou duas horas. Não sei precisar. A única coisa que sei, é que foi devastador.

— Está com fome? — ele pergunta depois de ouvir meu estômago roncar.

— Morrendo.

Com um sorriso que não cabe no rosto, ele levanta e sai nu pela porta. Preciso fazer um adendo: que bunda!

— Japonês ou hambúrguer? — grita de algum lugar.

— Hambúrguer. O que tiver mais bacon, por favor.

Já que é para pecar, que seja com qualidade.

O quarto é bonito, mas os móveis antigos deixam o ambiente muito escuro. Parece que ele comprou uma cama e um colchão e pronto. Persianas abertas permitem que a luz da noite entre pela janela trazendo um clima aconchegante.

Uma coisa me chamou atenção desde que entrei aqui foram os lustres antigos. Provavelmente, o primeiro morador gostava de antiguidades. Parecem trazidos de fora, talvez Portugal.

— Pedi comida. — ele volta, ainda nu — Deve chegar logo.



— Onde está o papagaio?

Ele sorri.

— Estava do lado de fora da porta quando abri. Frodo gosta de ficar perto das pessoas. Agora está preso na cozinha com umas frutas para se distrair.

— Tadinho.

— Quando você o conhecer melhor, mudará de ideia. Frodo é tudo, menos tadinho.

— Ele só reflete o jeito do dono. — brinco — Ainda não acredito que ele me chamou de puta.

— Nossa! Desculpa por aquilo. Os caras falam muita bobagem quando estão aqui e ele acaba aprendendo essas coisas. Estou surpreso que ele reagiu bem a você.

— Chama aquilo de reagir bem?

Ele dá de ombros.

— Normalmente ele grita, fala bobagem, come sapatos e bolsas de qualquer mulher que entre aqui. As exceções são minha mãe, minha irmã e Jacilda. — se junta a mim na cama — E agora você.

— Devo me preocupar com a minha bolsa?

— Não. Ele nem mesmo chegou perto.

Graças a Deus! Foi presente de um ex, mas ainda é uma Gucci. Pelo menos o imprestável deixou uma boa lembrança depois de me trair com a prima.

— Como vai a sua irmã? — Milena sempre foi uma amiga para mim.

— Está bem. Foi a São Paulo, mas deve voltar amanhã. Ela irá gostar de saber que... Saber que estamos nos entendendo.

Estamos?

Não sei se isso é a coisa mais inteligente a fazer a essa altura da minha vida. Não sou mais uma menina de 17 anos. Tenho a minha vida, a minha

liberdade e principalmente tenho a minha filha. Não estou disposta a sofrer por ninguém depois de tudo.

— O que foi? — pergunta cismado — Falei algo errado?

Sento na cama cobrindo os seios com as mãos em um pudor tardio.

— Luca... não temos mais 17 anos. Transar não significa que precisamos assumir um compromisso. Vamos deixar as coisas como estão.

— E como estão?

Boa pergunta.

— Eu não sei. Acho que a nossa relação profissional não tem muito futuro depois de tudo, mas posso te indicar um colega. E isso... — gesticulo entre nós dois — foi tudo.

Ele nega com a cabeça, senta ao meu lado segurando o meu rosto.

— Se você acha que “isso” foi tudo, está se enganando. Discordo. Sobre o meu projeto, nada muda.

— Tudo muda. — tento rebater.

— Sabe o que muda? — em um segundo Luca maneja o meu corpo de forma que caio de bruços. Ele deita sobre mim e sinto o seu pênis pressionar minha bunda — Podemos mudar de posição, de cenário, podemos mudar a marca do preservativo. Teremos uma penca de mudanças possíveis, mas nenhuma delas muda o que começamos hoje.

É difícil contestar enquanto ele se esfrega em mim dessa forma.

— Está sem camisinha. — digo ao sentir seu pau começar a me penetrar.

— Precisamos de uma?

— Precisamos.

Sem sair de cima de mim, ele consegue pegar outro preservativo no criado-mudo. Não vejo quando coloca, mas percebo a diferença.

— Óh, sim! — sussurro baixinho enquanto ele me invade.

Perfeito.

Algumas investidas e ficamos de quatro. A posição dá a Luca as condições perfeitas para usar a sua força e habilidade. É intenso.

A cama range, bate contra a parede, mas não estamos preocupados com isso. Seguro firme na cabeceira pedindo por mais e ele dá. Não sinto nada além de prazer. Luca agarra meus cabelos com firmeza, bate com a mão pesada na minha bunda e geme alto. Estamos mais uma vez na atmosfera do desejo, em um momento onde nada supera o tesão cru.

— Eu vou gozar, Trícia. — meus dedos estão brincando no clitóris e estou perto demais — Você está acabando comigo, gostosa. Que boceta!

— Eu estou perto.

Luca soca forte, meus dedos não param. Quando percebo que serei incapaz de controlar, afundo o rosto no colchão e grito gozando em cascata.

Quando tudo acaba, caio na cama quase desfalecida. Mal sinto Luca sair de mim.

## Quando dois formam um par.

**Luca**

Acordar com um bilhete de Trícia, avisando que precisou ir embora, só não foi mais frustrante porque ela disse que tinha um compromisso importante. Não faço ideia da hora que ela saiu, mas eu acordei às 6h e já estava sozinho.

Peguei o celular para ligar algumas vezes, cheguei a discar o número que ela deixou no bilhete, mas preferi esperar. Não quero que pense que eu estou marcando em cima demais.

Eu percebi sua resistência. Estava claro. Aos poucos vou reconquistar o meu espaço. Lugar que nunca deveria ter perdido.

Independente de ter acordado sozinho, meu dia começou do caralho. Tomei um banho cantarolando como um idiota enquanto Frodo me olhava da pia sem entender nada, vez ou outra assoviando no ritmo de patience, do Gun's. Frodo sabe a melodia de cor e salteado.

Ninguém tem um companheiro mais foda do que eu.

Chego no hospital em cima do laço e já me deparo com um parto de emergência. Situações tristes acontecem com mais frequência do que eu gostaria. Infelizmente, depois de um grave acidente, uma gestante veio a óbito e precisamos urgentemente salvar o bebê sem termos informações o suficiente.

O que foi encontrado dentro do veículo, pelo corpo de bombeiros nos diz que a mulher estava a caminho do hospital com o pai, avô da criança, que não resistiu aos ferimentos, mas teve tempo de pedir pela filha e pelos netos. Além de duas bolsas com roupinhas, foi localizada uma pasta com todos os exames pré-natais e documentos.

— Deus tenha piedade. — diz Glória, a obstetra de plantão. Uma médica muito experiente e muito religiosa com quem gosto de trabalhar. Ela lembra minha avó há muitos anos atrás.

— Já tenho a utin pronta. — digo — Faremos o melhor.

Doze horas depois, em casa e debaixo do chuveiro quente, a imagem do corpo sem vida dando à luz às duas crianças não deixa a minha mente. Ver aquela mãe morta e atender aos filhos no seu primeiro momento de vida, acabou comigo.

Em que período da faculdade nos ensinam a deixar o coração do lado de fora do centro cirúrgico? Eu devo ter faltado.

Abalado, ando pela casa escura. Percebendo de alguma forma o meu sofrimento, Frodo não faz festa, simplesmente senta ao meu lado e me oferece o seu silêncio e companhia.

Meu celular vibra e vejo que Trícia respondeu às mensagens que enviei durante o dia.

“Desculpe, tive um dia muito cheio. Como você está?”

“Precisando de você.”

Vejo que está digitando, mas apaga e recomeça.

“Não seja exagerado. Estivemos juntos a noite inteira.”

“Ainda assim, preciso.”

Não há resposta escrita, mas sim o emoji sorrindo com as bochechas rosadas, seguido de um beijo.

“Posso te ligar?”

“Sim.”

Faço.

— Ei!

— Ei! — respondo feliz por ouvir sua voz, mas ainda angustiado.

Acho que o tempo não foi real para nós. De alguma forma, ela me conhece e sente a tristeza na simples palavra.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunta em tom de preocupação.

— Um caso triste no hospital hoje. Nada bom para você ouvir. Conte

algo bom sobre o seu dia.

Ouçõ um sorriso seguido por um suspiro profundo.

— Tenho um cliente, na verdade um casal de clientes que está reformando um apartamento na Urca. Eles querem construir um palácio com o orçamento de um lavabo. É complicado fazê-los diferenciar a expectativa da realidade, mas as vezes é divertido.

— Isso não parece divertido para mim.

— Por exemplo, eles hoje me enviaram fotos de uma bancada de granito. Bancada não, uma ilha. Lindíssima. Eu coloquei no seu projeto de integração algo parecido.

— Sim, a iluminada.

— O nome é retro iluminação. A última moda na decoração de interiores, mas uma moda um tanto quanto cara. — ela ri — Quando passei os custos apenas por cima, eles só faltaram dizer que estou roubando. Disseram que um amigo faria por preço justo.

— Será que dará certo?

— Não foi preciso uma hora para que a cliente me ligasse pedindo desculpas pelo destempero e dissesse que o tal amigo cobrou muito mais caro.

— E eles? Farão a ilha?

Trícia gargalha alto e quase posso ver seu rosto contraído em um sorriso espontâneo.

— Não. Está fora de questão.

Continuamos a conversa. Ela insiste muito e acabo contando o ocorrido no hospital. Não é o tipo de coisa que quero levar para a vida, mas falar me fez bem, aliviou um pouco a pressão.

Não vi o tempo passar, a conversa fluiu e quando percebemos o relógio marcava 2h da manhã.

— Preciso dormir, amanhã tenho visita há duas obras e reunião escolar.

— Escolar? Achei que desse aula em uma faculdade.

— É... eu dou. Quer dizer... dei por um tempo, mas eu me desliguei este ano. Não estava conseguindo conciliar.

— E a reunião com a escola?

— É sobre uma reforma. — responde evasiva. — Preciso mesmo dormir.

— Como eu disse nas mensagens, a noite foi incrível. Valeu toda a espera, Trícia.

Silêncio longo.

— Eu também gostei muito, Luca.

— O que acha de almoçar comigo amanhã?

Ela desconversa, elabora várias desculpas, mas por fim aceita. Combinamos de nos encontrar no mesmo restaurante da primeira vez.

Sinto-me um adolescente novamente. O medo de dizer algo errado, as incertezas e dúvidas estão todas aqui. Chega a ser engraçado, porque percebo o mesmo nela, um discreto freio antes de expressar qualquer coisa, como se não tivesse certeza de como será interpretada.

Porra! O mundo está diferente. Pego-me pensando em como será quando a encontrar, formulando frases que provavelmente nunca irei dizer.

É divertido e assustador.

— Até amanhã no almoço. — diz baixinho.

— Até amanhã então.

Ela desliga e eu fico olhando para o celular admirado com o tempo da chamada. Quem hoje em dia fala no telefone? Eu mesmo sou dotado das mensagens rápidas e textos curtos, mas raramente ligações.

Coloco Frodo na gaiola, separo a roupa para amanhã... no caso hoje, e vou deitar para descansar as poucas horas que me restam.

Na clínica o movimento é forte. Entre pacientes agendados e encaixes ocasionais, brigo com o relógio para conseguir finalizar os atendimentos da

manhã em tempo hábil.

— Vou sair para almoçar, mas volto a tempo do primeiro paciente da tarde. Vá fazer o seu horário também.

Minha secretária concorda e nos despedimos.

Como sempre o trânsito não ajuda, mas conhecendo Rio de Janeiro como a palma da minha mão, consigo chegar.

Trícia está sentada de costas para a entrada. De longe, observo sua postura perfeita, os cabelos presos e uma perna dobrada por baixo do joelho. Tranças sempre foram a sua marca registrada, assim como o chacoalhar do pé enquanto espera.

É uma linda mulher.

— Demorei? — pergunto ao me aproximar.

Recebo um olhar carinhoso, mas ela evita o beijo oferecendo a bochecha.

— Não. Acabei de chegar.

Sento-me e fazemos os pedidos. Não sei o porquê, mas o garçom me encara de forma esquisita e depois sorri para Trícia como se quisesse dizer alguma coisa. Estranho.

— Perdi alguma coisa? — pergunto depois que ele sai.

— Acho que você não causou uma boa impressão da última vez.

Eu hein... não fiz nada.

Mesmo com fome, o meu desejo de conversar e escutar o que Trícia tem a dizer é maior. Quase não toco na comida. O tempo passa sem que percebamos, os assuntos são os mais variados e misturados possível. Como não poderia deixar de ser, o sorriso espontâneo dela é o ponto alto, prendendo meus olhos sem nem perceber.

— Batata volta de lua de mel no final da semana. Estamos bolando uma recepção para os noivos. Será na cobertura do prédio deles. Quer me acompanhar?



Ela dá um gole no seu suco de laranja antes de responder.

— Não sei...

— Será divertido. A noiva de Batata é diferente de qualquer mulher que ele tenha se envolvido no passado. Acho que vocês vão se dar bem.

— Ela não é uma vaca venenosa?

— Não. — respondo lembrando das escolhas que Batata já fez — Ela é... normal. Dentista, do sul, mora aqui faz uns dois anos só. Ela é bem... tranquila.

— Que dia será isso?

Pelo menos vejo um pequeno interesse.

— Será uma feijoada no domingo. Lá pela hora do almoço.

Trícia morde o lábio e percebo que algo a incomoda. Com um movimento de cabeça, ela solta.

— Domingo é um péssimo dia para mim. Já tenho um compromisso vitalício.

Como assim? O que ela quer dizer com um compromisso vitalício aos domingos? Será igreja?

Só consigo pensar em missas de domingo.

— Quer companhia para o seu... compromisso? — tento.

— Não. É algo particular.

Não era o que eu esperava ouvir, mas estou determinado a não forçar a barra.

— Minha irmã gostou de saber que estamos juntos. — não me importo com a sobrelha que ela ergue — Disse que quer te ver assim que possível. Milena deveria chegar hoje, mas conseguiu a façanha de embarcar no voo errado e ir parar em Fortaleza.

— Sério isso?

— Ah, muito sério. Inacreditável, mas real.

Pedimos uma sobremesa para dividir. Não lembro de já ter feito isso com alguma mulher, mas valeu a experiência. No final, roubo o último pedaço dela e finjo querer comer tudo sozinho, mas por fim, abocanho apenas a metade e lhe entrego o restante na boca.

Trícia envolve a colher com os lábios cheios e puxa lentamente com os olhos focados em mim. Lindos olhos castanhos, quase negros. Ela consegue ser sensual em qualquer situação. Sua brincadeira travessa aquece o meu corpo de forma violenta.

— Assim você dificulta as coisas. — digo antes de puxá-la pelo pescoço e roubar um beijo longo.

Devoro seus lábios com sabor de chocolate, sugo a língua e não permito que se afaste de mim. Sem dúvida viramos uma tração para os demais clientes. Mas quem se importa?

— Trícia com chocolate, mais um sabor favorito.

Atordoadada, ela não responde, mas posso ver que gostou tanto quanto eu.

Recosto na cadeira, porém a minha vontade é de arrastá-la pelo salão até encontrar um local privado onde eu possa beijar todos os cantos de seu corpo. O desconforto em minha calça só prova que preciso de muito autocontrole.

— Olha quem está aqui! — uma mulher extravagante aparece do nada.

Trícia perde a cor quando reconhece a pessoa de pé ao nosso lado. Não entendo o motivo. Pela expressão amigável da loira, imagino que sejam amigas.

— Oi... Carla. — diz sem graça — Tudo bem?

A loira com roupa de academia e muito maquiada, olha para mim sorrindo maliciosamente e responde:

— Eu estou bem, mas você está muito melhor, posso ver. Quero ser apresentada ao seu novo namorado.

Novo? Quem era o antigo?

Trícia se enrola na resposta.

— Oh, não... Ele é um cliente. Quero dizer, um amigo e cliente de longa data.

Por que isso? Deve ter algum motivo para todo esse constrangimento e o meu lado possessivo quer entender as razões.

— Ah, claro! — a moça dá um tapinha no ombro de Trícia e pisca para mim — Vou fingir que não vi o que eu vi. Fica entre a gente.

Trícia não diz nada, mas acena para o garçom pedindo a conta.

A situação me incomoda. Não quero ser escondido, muito menos ficar no escuro. Levanto rapidamente e estendo a mão para a mulher, cumprimentando-a cordialmente.

— Prazer, sou Luca. Talvez não o namorado oficial, mas estou no caminho para isso.

Meu gesto pega as duas de surpresa, e percebo pelos olhos brilhantes da loira que ganhei a sua admiração.

— Uau! Gostei de você. — diz, apontando o dedo para o meu peito — Sou Carla, mãe de uma amiguinha da Sophia. Nossas filhas estudam no mesmo colégio... mesma sala, inclusive. Foi um prazer te conhecer, Luca. Vou mandar convite a mais para o aniversário da Gabi.

Ela me abraça sem a menor cerimônia e sai.

Ainda organizando o que acabei de ouvir, volto para a cadeira sem dizer nada. Espero que Trícia seja capaz de esclarecer as coisas. Ela arruma o guardanapo em seu colo, mantém os olhos baixos e só depois de breves segundos me encara.

Como, aparentemente, as palavras lhe faltam resolvo começar.

— Então... quantos anos a Sophia tem? — pergunto sem demonstrar nada em minhas palavras ou expressões.

— Três.

— Hunhum... E o pai dela mora no Rio?

Mais uma vez Trícia escolhe as palavras antes de responder.

— Ela não tem um.

— Acho que nós dois sabemos como fazem os bebês. Todo mundo tem um pai e uma mãe, Trícia.

— Sophia foi uma produção independente. Sou mãe solo. Fiz uma inseminação artificial e ela nasceu. Como eu disse, ela não tem um pai.

Por essa eu não esperava.

Trícia é uma mulher jovem, linda e com muito tempo pela frente para constituir a sua própria família. Por que ela encararia isso de forma solitária?

— Desculpe, mas, por que você faria isso?

O guardanapo, antes no colo, é arremessado sobre a mesa e Trícia fica de pé. Por pouco a cadeira não tomba para trás.

— Eu preciso ir, Luca. Obrigada pelo almoço.

— Não. Espere!

— Eu realmente preciso ir.

— Então eu vou com você.

Deixo o dinheiro sobre a mesa e saímos juntos. Ela não rejeita a minha companhia, mas é como se estivesse sozinha. Do lado de fora do restaurante, caminha pela calçada apressada com os olhos escondidos por trás das lentes escuras dos seus óculos.

A reação introspectiva não me é estranha. Trícia sempre foi de se resguardar quando algo a incomodava. Sabendo disso, apenas a acompanho e aguardo o momento de ouvir.

— Eu tive muitos relacionamentos depois de você. — começa — Mas apenas dois sérios. Acho que posso dizer que vocês três foram péssimas experiências na minha vida. Se eu fizesse música com o que já passei, estaria milionária. Nunca me faltaram lágrimas ou chifres para contar história.

— Trícia, eu...

— Não precisa dizer, eu sei que éramos jovens demais. Pelo menos

você tem essa desculpa. Coisa que os outros não têm. E se quer saber, depois de descobrir que eu não poderia colocar a minha felicidade na mão de homem algum, resolvi conquistar todos os meus sonhos sozinha.

— Por isso a inseminação. — constato.

— Sim. Sophia foi uma decisão muito pensada. Talvez a decisão mais importante e acertada da minha vida inteira.

— Quando vou conhecê-la?

Minha pergunta a pega de surpresa, e recebo um olhar questionador. O que ela imaginava? Que eu iria sair correndo e fugir só porque as nossas vidas seguiram em frente e ela tem uma filha?

— Não acho uma boa ideia, Luca.

— Por quê? — pergunto sério esperando a sua explicação e pronto para rebater.

Trícia para de andar e olha diretamente em meus olhos com uma sinceridade que vi poucas vezes na vida.

— Sophia é um bebê inocente, que não merece ser colocada em qualquer situação instável. Não sabemos o que temos, não sei até onde isso vai e muito menos como vai terminar. Se amanhã você resolver partir, eu aguento, mas ela não. Se estamos engatando alguma coisa, seja lá o que for, que seja entre nós.

— Eu não vou fugir.

— Ótimo! — acho que a palavra que ela queria ter dito é “prove”.

Aproximo-me, seguro o seu rosto entre as mãos com firmeza a impedindo de se afastar e a beijo. Beijo seus lábios, seu rosto e pescoço. Não é o que gostaria de estar fazendo, mas sei que ela entende o quão perto preciso estar.

— Vou esperar você achar que mereço conhecer a sua filha, mas quero deixar claro que não estou aqui temporariamente. Se me quiser, vim para ficar.

Dessa vez é ela que me beija.

## **E foi assim...**

### **Anos atrás**

Dezembro era um mês movimentado para a turma do último ano do colegial. Além das festividades comuns à época, ainda tinham a formatura, a mudança de fase nos estudos e a despedida dos amigos.

Este ano a festa de aniversário de Luca seria especial. Junto com os seus 18 aninhos, todos comemorariam o fim das aulas e o fim do colégio. Agora eram “adultos” e estavam rumo à universidade.

Luca estava decidido, havia sido aprovado entre os primeiros lugares na federal e mal podia esperar para começar. Já sua namorada, Trícia, ainda lutava entre seus dois lugares do coração, Rio e Maringá, mas não podia negar que o seu recente namoro com Luca, pesava em sua decisão de ficar.

A mansão da família Malamam estava iluminada para a dupla comemoração. Alunos e seus familiares brindavam o fim de um ciclo e o início de uma longa jornada. As mesas dispostas por todo o extenso gramado estavam cheias e a pista de dança pegando fogo. Agitação e alegria.

Preso no trânsito com sua mãe, Trícia tinha os dedos cruzados, mas o grande congestionamento não parecia colaborar. Suas orações não estavam funcionando. Infelizmente um acidente prendia o fluxo e as horas estavam passando. E como se não bastasse, a bateria de seu telefone não aguentou.

— Tudo bem, meu filho?

Luca olhou para o seu pai com o rosto tenso. Ele estava preocupado e aborrecido demais para curtir a festa.

— Não consigo falar com a Trícia. Droga! Só dá desligado.

— Ela já deve estar chegando. Mulheres precisam de tempo, filho. Se não souber esperar, ficará para trás.

— Fala sério, pai! A festa começou tem duas horas.

— Duas horas não são nada. Eu esperaria a sua mãe a vida inteira.

Dito isso, Lorenzo, o pai de Luca, saiu deixando o filho com a pulga atrás da orelha.

As duas famílias já se conheciam e o namoro era visto com muito gosto por todos. Trícia tinha todas as qualidades que qualquer mãe poderia querer para o seu filho e Luca não ficava muito diferente. Tirando a desconfiança da mãe de Trícia quanto ao futuro do casal, por causa de sua notável diferença social.

Quanto mais o tempo passava, mais desanimado Luca ficava. Esperara por semanas para celebrar o momento com a sua namorada. E esperou ainda mais pelo presente especial que ela prometera.

Mesmo sem dizer abertamente, estava implícito que aquela noite seria mais do que especial. No dia anterior, enquanto o casal namorava comportado no sofá dos Malamam, Luca convidou Trícia para subir até o quarto e ela se negou, alegando que ele precisava de um pouco mais de paciência e que não estragasse o seu presente de aniversário.

Quando ele perguntou se o tal presente seria o que pensava, ela apenas sorriu e o beijou, encerrando o assunto.

Mais trinta minutos de festa e o aniversariante continuava enfurnado no quarto.

— Não vai descer?

Luca, que estava deitado em sua cama tentando falar com Trícia, levou um baita susto ao escutar a voz feminina.

Era Raquel, uma garota com quem já havia ficado no passado. Ela também era formanda.

— Daqui a pouco.

— Posso entrar? — perguntou ela, com os olhos pedintes.

Luca não falou nada, mas concordou com a cabeça.

Raquel passou pela porta deixando-a entreaberta. Seu caminhar era ensaiado, tinha a intenção de valorizar todos os seus atributos. A jovem estava muito longe de ser um poço de inocência, mas fazia o estilo Lolyta como ninguém, com seus olhos azuis e bochechas rosadas.

Ela sentou-se ao pé da cama e cruzou as pernas sem se preocupar com o que deixava a mostra. A intenção era exatamente essa.

Luca notou que faltava algo por baixo daquele vestido, mas apenas desviou o olhar.

Era obvio o que deveria ser feito. Ele sabia que aquilo tinha cheiro de problemas, mas também de prazer.

— A sua namorada não vem? — perguntou Raquel, com a voz baixa e os dedos deslizando pelo cabelo.

— Está um pouco atrasada.

— Sabe... Ainda não me esqueci do que fizemos no acampamento do carnaval. Só de pensar...

— Eu estou namorando, Raquel. — ele cortou de uma vez.

— Eu sei, mas não está morto.

Enquanto falava, Raquel descia a alça do vestido expondo o seio arrepiado. Eram belos seios de biquinhos rosados e pele branca. Luca já os tinha chupado e sabia o quão gostosos eram de ter na boca.

As coisas estavam difíceis para o jovem Malamam.

Mesmo pensando que deveria sair dali e fazer valer o respeito que prometera à Trícia, Luca não conseguia raciocinar quase nada além do pulsante tronco entre suas pernas.

— Deixa eu te ajudar. — Raquel se arrastou feito serpente pela cama — Aprendi algumas coisas que podem te agradar muito.

Foi como oferecer comida a um faminto.

Com os seios de fora, ela abriu o zíper da calça dele e puxou seu membro rígido para fora, abocanhando-o inteiro sem qualquer dificuldade. Estava claro que havia treinado bastante desde o carnaval. Era enlouquecedor. Raquel realmente havia aprendido a técnica perfeita.

Luca só fechou os olhos e desistiu. Era bom. Mais do que isso, era demais para recusar.



A coisa ficou incontrolável de tal maneira que quando deu por si, estava com os cabelos de Raquel enrolados em seu punho, o suor escorria livre e o orgasmo chegava forte. Forte demais para conter um gemido alto.

Só não foi alto o suficiente para abafar o grunhido de dor que veio do lado da porta.

Com os olhos cheios de lágrimas e a maquiagem borrada, Trícia permaneceu parada feito uma estátua. Suas pernas não respondiam como deveriam.

—TRÍCIA! — Luca gritou pulando da cama — Por favor, calma. Eu posso... eu explico.

Escada a baixo, a morena correu o mais rápido que pôde, sem nem mesmo olhar quem estava assistindo a tudo. Seu único desejo era desaparecer e esquecer a dor que sentia. Ouvindo os gritos de Luca, ela não parou de correr.

Dois dias depois, Trícia ainda chorava trancada em seu quarto. Sofria com o coração partido, mas com a certeza de jamais perdoar.

## O fogo nunca deixou de queimar

Trícia

— Aconteceu alguma coisa, minha querida?

Olho para Odeth com as lembranças do almoço povoando a minha mente. Desde que me despedi de Luca, estou tentando entender como cheguei onde estou agora.

— Estou bem, Detinha.

Ela coloca uma xícara de café ao meu lado, puxa a cadeira. Conhecendo-a como conheço, sei que tem algo a dizer. Algo que preciso escutar e que me fará bem.

— Sabe, faz um tempo que trabalho para você. Antes mesmo de Sophia existir e antes mesmo da sua mãe partir. Para mim, esta é a minha casa, vocês são a minha família.

— É assim que é.

— Esse rapaz com quem você está saindo. — ela abre bem os olhos — É ele, não é?

— Sim. Ele é o garoto da festa. Foi por causa dele que fiz minha mãe voltar para Maringá no passado.

Odeth sabe de todos os detalhes da minha vida. O que não ficou sabendo pela minha boca, soube pela minha mãe antes de morrer. Desde aquela maldita noite, o nome de Luca ficou proibido dentro da minha casa, assim como qualquer coisa que pudesse remeter a ele. Sofri, perdi muito peso e decidi que faria faculdade em Maringá. Não houve quem mudasse a minha cabeça.

Quando voltei a me relacionar, nunca me entregava de cabeça. Por uns três anos não assumi namoro com ninguém, tinha apenas casinhos. Acho que isso se dava pelo sentimento pendente.

Eu gostava dos caras que apareciam, mas amei somente Luca. Isso nunca mudou.

— O tempo passou, vocês estão mais maduros agora. Talvez seja o momento de abrir o seu coração e permitir que ele entre.

Respiro fundo admitindo antes para mim o que vou dizer em voz alta.

— Ele nunca saiu, Detinha. Nunca.

Conto tudo o que aconteceu, sem deixar de fora as partes quentes. Detinha é a minha confidente. Ela se abana e fala que precisa conhecer Luca para ver se ele é tudo o que eu digo.

Meu celular apita.

“Almoça comigo novamente amanhã?”

— É ele?

— É. Quer almoçar comigo amanhã.

— Pare de fazer charme, Trícia. Aceite e aproveite o que a vida está lhe dando.

Ela está certa. Preciso deixar as coisas fluírem.

“Combinado”

“No mesmo lugar e horário?”

“Para mim está ótimo.”

Sim, eu fui. E no dia seguinte novamente, e no outro... Na sexta jantamos no apartamento dele com comida comprada, que ele tentou me convencer de que tinha feito, mas confessou a verdade no final.

No domingo, preferi não ir ao almoço de boas-vindas que fizeram para o Batata e a esposa. Gosto de passar o dia com a Sophia, fazer programas totalmente voltados para ela, sem me preocupar com mais nada e nem ninguém.

Não achei justo mudar o nosso hábito familiar tão rapidamente por causa de um homem.

Eu fui para o circo com a minha pequena e Luca foi para o almoço com os amigos dele.

Já de noite, depois de ter colocado Sophia na cama, percebi que

tinham doze chamadas não atendidas no meu celular e resolvi retornar.

Antes mesmo do segundo toque, ele atendeu.

— Está tudo bem, Trícia? — disse com voz preocupada.

— Está sim. Como foi a feijoada?

— Teria sido melhor se você estivesse ao meu lado. Os caras perguntaram sobre a gente, acho que estão chocados com o nosso reencontro depois de todos estes anos.

Imagino os comentários a meu respeito.

Desde a festa de final de ano, nunca mais vi qualquer pessoa daquela escola.

— Eles ainda lembram de mim? — pergunto como quem não quer nada.

— Fred te viu na festa da sua aluna, lembra? Ele não te reconheceu. Só depois que expliquei tudo, aí ele se tocou. Eu mesmo não a reconheci.

— Eu estava de costas, Luca.

— Mesmo assim. Não sei como não te reconheci.

Conversamos um pouco mais. Nos últimos dias nos habituamos a conversas noturnas prolongadas, mensagens sem assunto no meio do dia e fotos completamente sem propósito.

Coloco o celular no viva voz e envio para ele uma foto do meu prato de ovos cozidos apoiado nas coxas e meus pés apoiados na mezinha de centro. Com a legenda “tentando compensar as sobremesas da semana”.

— Acha mesmo que precisa mudar alguma coisa no seu corpo?

— Sinceramente sempre temos algo para melhorar, mas estou feliz como estou. Só não posso piorar.

— Trícia, cada pedacinho do seu corpo me deixa louco. Estou aqui sofrendo de abstinência.

— Não fala essas coisas...

— Você não está com saudade da minha boca te chupando? Hum... Só

de lembrar já fico duro. Quero matar a vontade de você.

Olho para o corredor, conferindo se estou mesmo sozinha. Deixo o prato sobre a mesa e sento mais à vontade.

— Eu também, Luca.

Escorrego os dedos pelo lado da calcinha. Estou molhada.

— Quero mais fotos. Manda para mim...

Arranco a coberta. Com o coração batendo na garganta, escolho a melhor posição para a imagem. Não mostro muito, mas o suficiente para ele entender onde meus dedos estão escondidos.

Quando a fotografia chega, ouço um suspiro de desejo e o barulho estridente do velcro sendo desgrudado.

— Assim não resisto. Deixa eu ir até a sua casa, por favor. Prometo que entro de mansinho.

— Gosto mais quando você entra de uma vez. Sem cerimônia.

Minha frase de duplo sentido tem o efeito desejado.

— Você está brincando com fogo e eu estou louco para te queimar. Meu pau está latejando aqui na minha mão. Daquele jeito. Trícia, quero entrar em você, quero entrar com força e te fazer gemer igual uma lobinha no cio.

— Fala mais...

— Vou te pegar no banheiro daquele restaurante amanhã. Quero que morda o meu ombro para não gritar enquanto eu te como contra a parede.

— Estou tão molhada, Luca. Queria você aqui agora. Você está acabando com a minha sanidade.

— Eu posso chegar em dez minutos. Diz que sim, delícia.

Deus, se ele soubesse o quanto quero isso. Mas não posso.

— Não posso.

— Por que não?

— Minha filha está dormindo há duas paredes. Por favor, não insista.

Ele fica em silêncio, mas o som do seu sorriso me diz que entende o que lhe peço.

— Amanhã vamos matar essa saudade, morena. Nem que seja naquele banheiro.

Ele não pode estar falando sério sobre isso.

— Seremos presos.

Sorrio, imaginando a cena ridícula.

— Os presos mais felizes e satisfeitos do Rio de Janeiro.

— Luca...

— Vamos fazer melhor. Encontre uma horinha na sua agenda para me ver. Eu vou até você onde estiver. Não é possível que não reste uns 40 minutos no dia atribulado da melhor arquiteta do país.

— Espera.

Abro a agenda no meu celular e procuro entre os meus compromissos. Nem preciso de muito esforço porque vejo que Rosângela desmarcou uma reunião com um cliente logo depois do almoço.

Isso significa que tenho o almoço e mais duas horas livres.

— Se você puder, tenho um buraco na minha agenda entre 12h e 15h.

Ele é médico. Não deve ser tão simples conseguir três horas em uma segunda-feira tão de repente.

— Três horas são tudo o que eu preciso para te levar para o céu junto comigo. Pego você às 12h na porta do seu escritório.

— Combinado.

— Boa noite, morena. Nos veremos amanhã... estou desesperado para te pegar de quatro, te chupar e lambe como sei que gosta.

Oh caramba! Ele não para.

— Boa noite! Conto com as suas promessas.

Sem esperar pela resposta, desligo o telefone e envio um emoji sorrindo para ele, que responde com um capetinha ao lado de um pêsego.

Acho que o pêsego é o meu bumbum.

A segunda-feira começa agitada.

Chego no escritório e gasto toda a manhã em pesquisas por um mobiliário muito específico para um cliente importante. A negociação com a loja internacional estava bem adiantada e fechamos um pedido de mais de um milhão de reais em peças de decoração.

Olho para o relógio pela quinta vez e percebo que ele só andou doze minutos. Devo estar um pouco ansiosa. Por mais que eu queira, quando percebo estou pensando nele, lembrando dos momentos que passamos juntos nos últimos dias. Do sexo forte e perfeito. Luca conhece o meu corpo de outras vidas e basta me tocar que não resisto.

Estou saindo do banheiro da minha sala, quando Rosângela entra completamente vermelha.

— O que aconteceu? — pergunto pegando minha bolsa para sair.

— Ele.

— Ele quem, criatura?

Com cara de safada, ela faz um desenho de um coração no ar e depois se abana.

— O Luca está aqui? — pergunto gritando com voz abafada. Ela concorda com a cabeça.

Somos duas idiotas rindo como adolescentes depois do primeiro beijo.

— Me dá dois minutos e o deixa entrar.

Depois que ela sai, corro para o espelho. Estou bem... estou com cara de quem acorda às 5h da manhã e vive por misericórdia do café. Preciso de um batom vermelho para levantar a moral.

Passo o batom, acerto o meu coque e abro dois botões da blusa. A saia pouco acima do joelho foi totalmente proposital por saber que encontraria com ele. Sempre venho de calça preta ou jeans mesmo.

Duas batidinhas à porta.

— Estou entrando.

Sentada “naturalmente” com as pernas cruzadas, olho para cima e digo:

— Entre. Estou terminando aqui. — ele entra e fecha a porta — Vou guardar esse projeto e podemos sair.

Enrolo o projeto elétrico de um dos apartamentos que estou fazendo. Deus, estava de cabeça para baixo. Espero que ele não entenda nada de plantas. Vou até o armário de gavetões e guardo sem pressa.

Talvez o fato de eu estar inclinada para frente com essa saia justa seja outra coisa proposital, mas quem se importa. Acordei vadia e quero deixar esse homem louco.

— Não está faltando nada aqui?

Sinto os dedos dele agarrarem meu quadril com força. De pé atrás de mim, posso sentir o efeito que causei em seu corpo. Hum... ele já está duro.

O som de Rosângela deixando o escritório não passou despercebido. Estamos sozinhos e ficaremos assim por pelo menos uma hora até que ela retorne do almoço.

— O que você acha que está faltando?

Ergo-me e ele escorrega a mão pela lateral do meu corpo provocando arrepios por onde passa. Chega a barra da minha saia e sobe, mas dessa vez por dentro do tecido. Seus dedos deslizam entre minhas pernas devagarinho.

— Talvez um pequeno pedaço de pano não esteja onde deveria. — toca minha boceta desnuda — Que delícia. Peladinha. Veio assim trabalhar?

Tombo a cabeça para trás, apoiando-a em seu ombro, e permito que beije o meu pescoço enquanto continua a me tocar intimamente.

— Não. Tirei para você.

— Gosto disso. — ele me guia até a janela com vista para a cidade. As persianas estão entreabertas — Já gozou aqui?

Deus... não!



— Não.

— Quer gozar aqui. Agora?

— Quero!

Onde estou com a cabeça?

— Levante a saia para mim, Trícia. — eu faço — Agora abra a sua bunda. — engolindo seco também faço.

Ele fica de joelhos atrás de mim, segura minhas coxas enfia o rosto lá. Sua língua lambe meu cuzinho deixando-o molhado e fácil de penetrar. É uma delícia.

Com ganância, Luca devora tudo o que encontra pela frente, me levando ao céu. Sua língua percorre o caminho entre meu clitóris e meu ânus diversas vezes, até que se concentra no broto inchado. Sou virada de repente e por pouco não caio, mas sou firmada pelas mãos que agarram meu quadril. Luca chupa e lambe a minha boceta gemendo de prazer.

Seus olhos estão nos meus transmitindo tanto desejo.

Ele me quer.

Apoio uma perna em seu ombro e seguro sua cabeça no lugar, pressionando contra mim a medida que o prazer vai aumentando. É uma loucura, uma montanha russa de emoções intensas.

O orgasmo me faz tremer e gritar.

— Luca!

— Vem, goza! Goza agora.

O ar falta, meu coração salta enlouquecido e minha pele se arrepiava inteira enquanto toda a energia circula em meu ventre contraindo de prazer.

Quando tudo termina e estou recomposta, Luca diz:

— Eu adiantei parte da sobremesa, mas precisamos sair para almoçar.

Deixamos o prédio de mãos dadas pelas ruas do bairro. Ele diz que Samuel, um amigo, recomendou um bistrô que fica há duas quadras do meu escritório e decidimos ir a pé. No caminho passamos pela escola de Sophia.

— Minha filha estuda aqui. — digo apontando para o outro lado da rua. Algumas crianças são deixadas pelo transporte.

— Ela não virá hoje?

— Por causa do nosso encontro, pedi que Odeth a trouxesse. Daqui a pouco deve estar chegando.

Ele olha atento para a entrada cheia de crianças e mães, parece procurar por algum rosto conhecido, mas desiste.

— Ela se parece com você?

— Muito. — relembro o momento que vivi anos atrás — Quando fui escolher as características do doador, procurei por alguém parecido comigo. Além de histórico médico e formação profissional.

— Imagino que isso tenha sido feito fora do país.

— Sim.

— Quer falar sobre isso?

Estamos entrando no restaurante.

— Não tenho problema em falar sobre isso.

Sentamos próximo à janela

— Eu gostaria de ouvir. Conte como foi.

— Fiz muitas pesquisas, gastei todas as minhas economias. Foi um processo mais simples do que seria aqui, pude escolher cada coisa e ter informações importantes sobre o doador. Hoje tenho um número e quando Sophia estiver pronta e se ela quiser, poderá ter as mesmas informações.

— É interessante como o mundo evoluiu. Eu nunca pensei em ter filhos, mas se tivesse alguma chance de ter um bebê meu por aí, eu iria querer saber.

— Provavelmente o doador tem muitos “filhos” espalhados pelo mundo. Ele deve estar bem com isso.

Luca pondera um pouco, pela expressão, percebo que não concorda, mas por fim diz:

— Sei lá. Quando eu for pai, irei querer os meus filhos junto de mim. Acho que o meu pai foi um homem tão presente que sou incapaz de imaginar situação diferente.

O garçom aparece com os cardápios, escolhemos os pedidos e continuamos a conversa.

Não conseguimos ver, mas discretamente pude ouvir o sinal da escola de Sophia e imaginei que ela estivesse formando a sua fila com os amiguinhos. Mentalmente, como a maioria das mães, fiz uma oração pedindo que Deus cuide da minha pequena em seu dia.

Depois de um momento agradável, eu e Luca deixamos o bistrô como dois namorados e ele me convida para ir ao seu apartamento.

— Acho que perderemos muito tempo indo até lá e depois voltando, não acha?

— Eu sugeriria o seu, mas parece que ainda estou em período de testes. — diz inclinando a cabeça com um leve sorriso no rosto.

Apoio as mãos no peito dele e, ficando na ponta dos pés, planto um beijo em seus lábios. Sinto-me quente só de lembrar que ainda a pouco esses mesmos lábios estavam fazendo loucuras entre as minhas pernas.

Sem o menor constrangimento, falo ao seu ouvido:

— Por que não vamos em um motel?

Luca aperta os braços a minha volta e posso ver em seus olhos a satisfação explodir.

— Seu desejo é uma ordem, morena. Você acaba de romper uma barreira, não me culpe depois.

— Mulheres não chamam homens para transar?

— Deveriam chamar mais. Eu só estava tentando parecer menos tarado para não te assustar. Acho que acabamos de pular esse degrau.

— E agora? — pergunto antes de morder seu lábio.

Ele me beija, segura o cabelo em minha nuca e fala rouco ao pé do ouvido:

— Agora quero te comer de quatro. Estive imaginando isso desde que te vi com essa saia instigante. Ninguém tem uma bunda tão perfeita.

E assim, pegando fogo, vamos a passos largos até o carro dele e depois para o motel.

## **O tempo passa voando quando estamos amando**

Luca e Trícia finalmente colocaram uma pedra sobre o passado e deram uma chance ao presente que o destino lhes dava. O futuro parecia mais belo com o outro por perto.

Entre programas românticos, escapadas indecentes e malabarismos nas agendas atribuladas, o casal sempre encontrava uma forma de estar junto. Nem que fosse com “reuniões” marcadas para que a arquiteta pudesse expor suas ideias para a reforma do apartamento no Flamengo.

Entre esboços e prospecções, beijos. Entre boas e más ideias, uma mão boba aparecia. O tempo precisava ser multiplicado entre os dois para dar conta de atender à obra e à luxúria.

Quando a reforma acabou, Luca e Trícia comemoraram estreando cada canto da forma mais intensa e carnal possível.

Pouco a pouco as coisas foram se acertando, as vidas se encaixando e o amor sobressaindo. Não eram mais um casal de ficantes ou amigos com benefícios. Depois de um pedido inusitado com direito a bilhete entregue por um papagaio falastrão, Trícia aceitou e se tornou oficialmente a namorada de Luca Malamam.

Só faltava uma coisa para que tudo estivesse normal. Mesmo entendendo os motivos da namorada, Luca tentava aos poucos convencê-la de incluir Sophia na equação romântica. Na cabeça do médico, era impossível ter o pacote pela metade, ele queria tudo... incluindo a pequena, que já amava, mesmo sem conhecer.

# Grávida

**Luca**

Hoje combinamos com uns amigos de sair para comemorar. Samuel assumiu como juiz depois de muitos anos de estudo e dedicação. Os caras combinaram de fazer uma “despedida de concurseiro” para ele.

Durante os últimos dias eu e Trícia temos conversado mais sobre uma forma progressiva de me apresentar à Sophia. Ela é muito cuidadosa com a filha e eu concordo que tudo tem que ser feito da forma mais natural possível.

Estamos juntos há dois meses, mas a intensidade dessa relação supera qualquer outra coisa que eu tenha vivido, e acredito que seja o mesmo com ela. Dia após dia, sinto a necessidade de estar ao seu lado, de fazer parte da sua vida e ser parte importante de tudo que a cerca.

Fred brinca que foi macumba. Sacaneia que ninguém se apaixona assim tão rapidamente.

Pobre ignorante o meu amigo. Se ele soubesse o que sinto e como sinto...

À noite, quando chegamos ao bar combinado, todos já estão sentados em volta da mesa reservada. O atraso se deu porque Sophia ainda não tinha dormido quando cheguei para buscar Trícia, então fiquei esperando no carro até que ela descesse.

— Você está linda! — digo em seu ouvido enquanto atravessamos o bar.

— Somos dois.

Ela usa um vestido estampado com grandes flores amarelas. A frente engana com uma discrição, colo fechado e pouca pele exposta, mas as costas... Deus parece uma pintura. Sua pele de jambo está à mostra em um decote generoso. Apenas dois fios sustentam o pano que cobre a bunda empinada e vai até o meio da coxa.

Quem diria que as costas de uma mulher pudessem ser mais sensuais

que os seios?

— Até que enfim, casal! — grita Fred, sentado na ponta da mesa.

Esbarrando em algumas pessoas, conseguimos chegar até os nossos lugares e pedir bebidas para acompanhar a galera. É uma comemoração de amigos de longa data onde todos se conhecem e torcem uns pelos outros.

Não é a primeira vez de Trícia com os caras. Há duas semanas fomos a um almoço na casa de Batata e pude reapresentá-la a todos como minha namorada. Apesar de já conhecer a maioria, era como se fosse a primeira vez.

Trícia e Janaína, esposa de Batata, ficaram muito próximas desde aquele dia. As duas trocaram telefones e para a minha surpresa, vêm se falando com frequência.

— Como vai o mais novo magistrado do Rio de Janeiro?

Samuel arruma a gravata de forma caricata e penteia as sobrancelhas com os dedos.

— Se fui pobre, não me lembro.

— Quanta humildade.

— Luca, depois de tantos anos estudando, lendo e tentando provas atrás de provas, tudo o que eu quero é curtir o momento.

— Imagino, cara. Parou com os concursos?

— Parei. Estou satisfeito.

Samuel era o estudioso da turma, sempre pensando nas matérias e no que pretendia ser no futuro. Ele é filho de um desembargador e parecia que o cargo do pai pesava sobre seus ombros toda vez que não conseguia um bom resultado.

— E você? Parece que finalmente se encontrou. — ele olha para Trícia. Ela está conversando animadamente com Janaína.

— Acho que eu mesmo não sabia o que faltava na minha vida. Agora sei.

Fico surpreso comigo mesmo.

— Para quando é o casamento? — Batata entra na nossa conversa.

— Só porque se amarrou, quer levar todo mundo para o buraco, Raphael? Vira essa boca para lá. — responde Samuel.

— Talvez eu esteja mesmo tentando cair nesse buraco. — digo.

Os dois me olham desacreditados e até Fred, que estava conversando com Lúcio do outro lado da mesa, levanta as sobrancelhas. Alheias ao choque geral, Trícia e Janaína seguem papeando com suas caipirinhas como se o mundo em volta não existisse.

— É sério, Luca?

— Por que não?

— Sei lá... Vocês estão juntos há algumas semanas. — Batata me adverte.

Olho para a morena de vestido amarelo com um sorriso no rosto e penso nos motivos que me impediriam de subir ao altar com ela... Simplesmente não existem.

— Dois meses. — corrijo.

— Que seja! — Fred parece o mais chocado. — Caralho, daqui a pouco vou ter que casar também. É isso ou beber sozinho.

Batata olha para todos e levanta o copo falando:

— Bom, minha mãe diz que homem casado tem que andar com homem casado para não arranjar problema. Minha meta é casar todos vocês em menos de um ano ou procurar novos amigos.

— Vou me sacrificar em prol da nossa amizade. — digo rindo.

Estendemos a noite por algumas horas e depois de alguns copos, vamos para o meu apartamento. Faço amor com Trícia na garagem do prédio, imprensando seu corpo contra uma das colunas de concreto.

Ela está solta pelas caipirinhas e geme gostoso pedindo que eu meta mais fundo e mais rápido. Morro de tesão. Meu pau entra fundo, arrancando dela gritos e sussurros dolorosos de prazer.



Não me canso de escutar suas lamurias enquanto a fodo.

Vamos para o elevador aos beijos, mas me contenho por saber que temos uma câmera. Não quero imagens da minha mulher gozando para que qualquer um veja.

Tudo recomeça quando estamos na segurança do meu apartamento, sozinhos e livres de qualquer registro.

Trícia gosta de força, gosta da intensidade que alcançamos quando estamos juntos e é exatamente assim que fazemos. Entro com ela nos braços, chuto a porta e caminho assim até a nova ilha que uni a cozinha à sala. Com a reforma, temos novos locais estratégicos para trepar.

Deito-a sobre a ilha e ela apoia os pés na borda se arreganhando toda.

— Me chupa.

— Agora.

Caio de boca na bocetinha e sem perder tempo, enfio dois dedos, um na frente e um atrás. Ela não reclama. Há dias estou ensaiando uma foda com esse cuzinho difícil.

— Ai que delícia! Quero que me chupe até eu gozar, Luca. Me faça gritar, uivar de prazer na sua língua. Assim!

Eu não paro.

Trícia está molhada e fogosa. Decerto, um pouco alterada depois de tantas caipirinhas, mas ainda bem consciente do que quer e deseja. Ela esfrega a boceta na minha cara e grita por mais. Desinibida, totalmente entregue.

Preciso de todo o autocontrole que tenho para não enfiar o meu pau dentro dessa caverna do prazer.

— Assim... É disso que preciso, Luca.

Fantasias perversas povoam a minha mente enquanto enfio a língua e saboreio o mel de Trícia ao som de seus gemidos. Nestes dois meses, tivemos tempo de realizar as mais diversas experiencias sexuais. Sendo um casal exclusivo, a liberdade é ainda mais aplicada.

Sinto Trícia cada vez mais solta. Mesmo que antes não fosse uma mulher recatada, agora está livre e disposta a colocar suas vontades para fora sabendo que terei prazer em realizá-las.

Não existe prazer maior do que esse.

— Me pega de quatro. Me fode, Luca! — grita, arqueando as costas no granito da ilha.

Largo minhas calças no chão, mas pouco me importo com a camisa. Tenho pressa. Com firmeza, seguro Trícia pelo quadril e giro o seu corpo de forma que fique de bruços sobre a mesa e com as pernas apoiadas no chão. Ela ainda está com os saltos altos.

— Amei esses saltos. São sexys. Empina, delícia.

Mordo sua bunda.

Empoderada pela cachaça, ela empina a bela bunda e me olha por cima do ombro. O que eu fiz para merecer esse presente? Com certeza estou em dívida com alguém lá em cima.

— Vem!

— Chamando assim, eu vou.

Paro com o pau pesando entre no vão da sua bunda. Enrolo os cabelos escuros em meu punho com firmeza e a puxo para mim. A imagem é pura luxúria. O fogo dentro de mim, inflama tornando tudo mais intenso.

Inclino-me mordendo a pele das suas costas até o limite, não machuco, mas deixo marcas. Trícia rebola, moendo contra o meu pau. Ela quer e sabe me provocar.

— Quero aqui. — esfrego a cabeça do meu pau no cuzinho.

Sinto-o contrair.

— Não sei...

Puxo um pouco mais seus cabelos.

— Não sabe?

O efeito da minha voz pesada de tesão sobre ela é visível. Seus pelos

estão ouriçados.

— Dói.

Chego pertinho da sua orelha e a mordo.

— Se me deixar tentar, pode ser melhor do que pensa. O que me diz?

Mais uma vez os olhos de pantera encaram os meus, parecem dar tudo de si. É uma entrega de confiança que nem sei se mereço.

— Me ensina a gostar. Sou toda sua.

— Ah, porra!

Sim, ela é minha... completamente minha. Consumo a promessa tomando todos os cantos do seu corpo, deixando marcas da minha passagem. E quando estou completamente enterrado em sua bunda, encaixado em seu corpo como se fossemos um, ela grita que me ama. Declama em palavras o sentimento que descobrimos há anos atrás.

— Diz. — peço que repita.

— Eu te amo, Luca.

Chegando ao orgasmo no ápice do prazer carnal, confidenciando o apogeu do sentimento, caímos no sono.

Escuto a campainha tocar e abro uma greta do olho para confirmar que o sol já deu as caras. É manhã de sábado. A cama está vazia, mas pelas roupas dobradas sobre a poltrona, sei que Trícia ainda está aqui.

Levanto sem pressa, vou até o banheiro e faço tudo que preciso antes de sair pelo corredor atrás da minha namorada.

— Puta!!!! — Frodo grita e repete seguidas vezes.

Ele só faz isso quando vê uma mulher. A moça que cuida do condomínio deve ter tocado aqui por algum motivo e ele ficou agitado.

— Sai, monstro verde! Essa merda desse passarinho tem que ir para uma mata. Alguém solta esse bicho na Quinta da Boa Vista, pelo amor de Deus!

Quem está falando essas coisas.

— Acho melhor você esperar lá fora enquanto eu aviso o Luca que está aqui. — Trícia fala com alguém.

— Querida, eu morei com ele. Não preciso esperar lá fora. Essa peste que é mal-educada.

Chego à sala possesso com o que escuto e dou de cara com Nádia e Trícia frente a frente.

— O que está fazendo aqui, Nádia? — pergunto puto com a invasão.

Ela abre um sorriso largo, passa esbarrando em Trícia e vem em minha direção cheia de dentes. Minha reação é esticar o braço e exigir uma distância mínima entre nós. Não estou para cordialidades.

O que essa louca quer comigo depois de três meses?

— Credo, Luca! Quem olha assim acha que sou uma desconhecida.

— Não, não é. Inclusive me conhece o suficiente para saber que detesto ter o meu espaço invadido dessa forma. Está deixando o Frodo nervoso.

Ela olha com raiva para Frodo e bufa.

— Ele me odeia. Odeia todas as mulheres, meu bem.

Esfrego a mão no rosto sem acreditar no que se tornou o meu fim de semana.

— Nádia, ele não odeia todas as mulheres, apenas as que não importam.

Trícia sai de onde está e tenta escapar para a área dos quartos, mas a agarro pela cintura.

— Esta é Trícia, minha namorada. E olha que interessante, o Frodo gosta muito dela.— apresento — Trícia, essa é a Nádia.

— Oi, Nádia.

— Nádia, — ela aponta para si mesma — ex namorada e mãe do filho dele.

COMO É?

— Ah, já chega! Você está completamente maluca. Não sei o que veio

fazer aqui, mas pode ir embora.

Vendo que Nádia não se move, perco a paciência e vou até ela como um trator. Agarro o seu pulso e ergo no ar, obrigando-a a me encarar.

— Tire as mãos de mim, Luca.

— Ou você explica o que veio fazer aqui ou dá o fora do meu apartamento.

— Vou deixar vocês conversarem. — diz Trícia, calmamente.

— Não precisa, queridinha. É bom que escute o que tenho a dizer. Quem sabe assim se toca e procura outro para se escorar.

Vejo no rosto de Trícia que ela tem uma resposta pronta para Nádia, mas ela balança a cabeça e não diz nada.

— Estou esperando. Diga o que veio dizer e vá embora.

Ela puxa um papel da bolsa, me entrega e espera que eu abra. Sua pose é de vitória, com um sorriso estampado no rosto enquanto alisa a barriga sem indícios de gravidez.

Onde foi que eu amarrei o meu bode?

— Estou grávida de 13 semanas. Fiz a ultra e a sexagem ontem. Teremos um menino. Um lindo e legítimo Luquinha Malamam Jr.

Olho o exame com atenção. Obviamente ele não afirma que essa criança seja realmente minha, mas a data bate com o período que estivemos juntos. Isso preciso admitir.

— O que diz aí? — Trícia me pergunta apreensiva.

Meus olhos vão do papel para ela e o que vejo é insegurança. Mas por que? O que temos não será influenciado por qualquer coisa que seja. Independente de ter uma criança a caminho ou não, é Trícia que quero ao meu lado como mulher.

— Diz que ela está com 13 semanas de gestação. — falo sem esboçar qualquer emoção.

— Eu disse.

— Nádia, você é uma mulher e não uma menina. Não nos vemos há alguns meses... Espero que não se ofenda com o que vou dizer, mas preciso de mais do que isso para acreditar do dia para a noite que serei pai.

— Querido, estou de acordo. Farei quantos exames quiser. Este bebê é nosso, meu e seu, fruto do nosso amor.

Caralho, isso está acontecendo mesmo?

Percebo que Trícia desapareceu. Conversaremos em breve, mas antes preciso resolver algumas coisas com Nádia.

— Se tem tanta certeza, confio no que diz. Você não fez essa criança sozinha, estarei aqui para o que precisar. Tem algo mais que queira falar?

Ela anda pelo apartamento e ameaça sentar no sofá, mas Frodo está lá e avança contra sua mão. Definitivamente ele não gosta dela.

— Bicho dos infernos! — grita — Eu estava ficando na casa dos meus pais em São João da Barra, mas não posso continuar lá. Grávida do nosso bebê, não vou conseguir trabalho.

— Está com problemas financeiros? — sou direto.

— Estou.

Nádia não tem nenhuma formação profissional. Vivia de serviços temporários. Como uma mulher bonita e de aparência chamativa, sempre fez trabalhos como modelo ou promotor em eventos. Foi assim que a conheci.

Penso em algo imediato.

— Vou colocar você em um flat. Depois podemos pensar em algo mais permanente, quem sabe um apartamento por aqui mesmo. Bem... isso é a sua escolha. Você pode ficar tranquila porque não te faltará nada.

— Eu prefiro ficar aqui.

— Aqui?

Ela olha em volta e caminha pela sala.

— Sim. É um apartamento grande. Gostei da reforma. Precisava mesmo de algumas melhorias.

Isso não está acontecendo.

— Nádia, aqui não dá. Preciso de privacidade, tenho uma vida e acredito que você também queira ter a sua.

Diante das minhas palavras, ela faz a única coisa que poderia. Algo comum vindo de quem vem. Chora.

— Luca, como tem coragem. — gritando — Estou esperando um filho seu, sem ter para onde ir e até mesmo o que comer. Como pode ser tão duro comigo?

— Nádia...

— O que imagina? Quer que eu procure uma clínica e tire essa criança? Eu não esperava isso de um homem como você. Seu grande filho da puta!

Respiro fundo, buscando um controle que não nasceu comigo.

— Espera lá! Está louca? Em momento nenhum disse essas coisas, muito menos me neguei a te dar tudo que está ao meu alcance. Caia na real, Nádia, este é o meu apartamento e aqui não pode ficar. Escolha um flat, seja caro ou não, apenas escolha.

Ela vai até a janela com os olhos cheios de lágrimas. Sua reação exagerada torna tudo mais difícil do que deveria ser e isso está me levando ao limite.

— Posso pelo menos tomar um banho aqui? Estou suada e cansada. Precisei vir de ônibus. Se você deixar, amanhã procuro um lugar bem longe da sua vida.

Ah que merda de drama do caralho!

Desisto. Não quero levar toda essa situação mais longe do que o necessário.

— Tudo bem. Você fica hoje e amanhã resolvemos o que for preciso para o seu bem-estar e do bebê.

— Nosso bebê.

— É...

Descubro que Nádia deixou uma mala no térreo quando chegou. Mais uma vez o elevador está interditado. Coloco Frodo na gaiola, peço que ela espere na sala e desço para buscar a mala.



## Colocando as asinhas de fora

Trícia

Não quero me meter nessa situação. Entendo que Luca teve uma vida antes de mim, mas não sou obrigada a ficar escutando a Barbie manhosa chorar as suas pitangas. Em algum momento eu iria acabar estourando.

No quarto, arrumo as minhas coisas e ligo para casa querendo notícias de Sophia. Está cedo e Detinha diz que ela ainda não acordou.

Parece até piada. Logo quando resolvo abrir o meu coração, quando permito que ele comece a entrar na minha vida e se instalar, aparece isso? Não apenas uma ex, mas uma ex grávida. E como estava pouco, ela nitidamente não veio em missão de paz.

Aqueles cabelos loiros amarelados até o meio das costas, a maquiagem exagerada e os trejeitos combinam perfeitamente com a voz de pato agonizando. Deus me defenda! Onde Luca estava com a cabeça para se envolver com aquilo?

Mantenho meus olhos no chão, enquanto penso no que tudo isso pode significar. Um filho não é o problema, mas a mãe dele pelo visto será.

— Olha... o quarto também está diferente. Adorei!

Viro assustada para a porta e vejo que não estou mais sozinha. O que ela está fazendo aqui?

— Onde está Luca? — pergunto, ficando de pé.

— Ele foi buscar a minha mala lá embaixo. O apartamento ficou lindo, mas o prédio é caquético.

Como assim, buscar a mala?

Pego minha carteira, meu telefone e as coisas que arrumei, jogo tudo na bolsa. Meu sangue está fervendo. Não quero perder a razão, muito menos dar atenção para essa maluca.

— Saia do quarto, por favor? O seu assunto é com o Luca, não comigo.

Com cara de nojo ela cruza os braços e não se move.

— Eu estava pensando. Acho que vou decorar um dos quartos para o bebê e o outro transformarei em um enorme closet. Coisa de novela mesmo. Se bem que... seria melhor convencer o Luca a comprar uma cobertura... Não! Quero uma casa no condomínio dos pais dele, isso sim.

A mulher simplesmente não para. Ela fala, fala, fala como se eu estivesse interessada nas sandices que diz. Está vomitando bobagens e tudo que eu quero é dar um soco bem no meio dos seus dentes falsos.

Barbie louca.

— Qual o seu nome? — pergunto inspirando profundamente.

— Nádia. Em breve, Nádia Malamam, obviamente.

Que nojo.

— Então, Nádia. — junto minhas mão na frente do corpo — Não estou interessada nos seus planos. Por hora, eu sou a namorada do Luca e até que ELE diga o contrário, isso continua como está.

— Será mesmo?

— Oh, por favor, me de licença.

Ela simplesmente não para.

— Quem tem que dar licença aqui é você. Olhe bem a situação, fofa, eu estou esperando um filho dele, não você. Quem acha que importa mais. Você não passa de uma vadi...

Enfurecida, fico cara a cara com ela, aponto o dedo em riste diante do seu nariz e digo colocando toda a raiva em minha voz:

— Escolha bem as suas palavras, Naja. Você não me conhece para tentar a sorte dessa maneira.

Neste momento Luca entra no quarto e para assustado com o que vê.

— O que está acontecendo aqui?

Imediatamente, a Naja corre até ele, atirando-se em seus braços. Luca a afasta. É impressionante como consegue atuar bem. A louca que estava ainda

agora com a soberba estampada na fuça, de repente chora feito um bebê com fome.

— Ela me odeia, Luca! Ela quer que eu perca o nosso bebezinho só para roubar você de mim, querido. Mande essa mulher para longe de nós.

Ah claro!

Luca se afasta visivelmente aborrecido.

— Não estou falando com você, Nádia. — ele vem até mim — Precisamos conversar.

— Com certeza precisamos.

— Não viu a maneira que essazinha falou comigo? Eu estou grávida, esqueceu?

Luca olha sério para ela e diz:

— O nome dela é Trícia.

Deixando a maluca para trás, ele segura a minha mão mais apertado do que o necessário e saímos do apartamento. Quando passamos pela sala, vejo duas malas gigantes. Acho que a Naja pretende ficar bastante tempo.

Enquanto andamos pelo bairro, Luca não diz nada. Ele parece nervoso e tenso, seus braços estão contraídos e o rosto fechado de forma que eu ainda não tinha presenciado.

Vamos em silêncio caminhando até a praia. No calçadão as pessoas correm e se exercitam. É manhã de sábado e o sol se apresenta grandioso para os cariocas.

Pedimos duas águas de coco e quando elas chegam, Luca começa a falar.

— Nós namoramos por pouco tempo. Sinceramente, no começo era legal, mas logo ficou chato e penoso. Ela queria dar novos passos e tornar o relacionamento mais sério a todo custo. Um dia, depois de mais uma das armações que costumava fazer, coloquei um ponto final na relação e ela desapareceu.

— E isso foi recente?

— Um mês antes da gente se reencontrar. Mas as coisas estavam ruindo há mais tempo.

Concordo com a cabeça, porém, não digo nada. Me pergunto o que um homem vê numa louca como aquela.

— Acha que o bebê é mesmo seu?

É uma pergunta cruel. Não quero estar na posição de quem coloca a palavra de outra mulher em dúvida, mas preciso entender onde estou pisando.

— Se ela não transou com ninguém enquanto estávamos juntos, sim.

Ah que droga! As coisas estavam indo tão bem.

Ele vira o corpo todo para mim, segura minhas mãos junto das dele. Parece cansado.

— Não deixe nada estragar o que estamos construindo, por favor, Trícia.

Concordo com a cabeça, mas a verdade é que não sei até onde posso ir dentro desse furacão. Se em poucos minutos a Naja já conseguiu fazer tanto estrago, fico imaginando como será até que a criança nasça. E depois só irá piorar.

— Eu estou aqui, não estou?

Ele me beija.

— Só me diz se for demais, tá?

— Tá.

O fim de semana passa de forma estranha. Depois da conversa na praia, preferi ir para o meu apartamento e deixei que Luca resolvesse o problema dele com a Naja. Coloquei Sophia dentro do carro e subi a serra para relaxar. Gostamos de passear e o momento pedia um pouco de paz.

Luca não se mostrou confortável com o meu afastamento, mas entendeu. Há cada hora ele manda mensagem perguntando como estamos e reclamando da espaçosa que ainda está aboletada na casa dele.

Está acontecendo um congresso de cirurgia plástica na cidade e, pelo

que entendi, todos os flats que a maluca escolheu estarão ocupados até segunda-feira.

De volta ao Rio, preparo um lanche para Sophia no domingo a noite enquanto ela assiste vídeos no tablet sentada na mesa da cozinha.

Meu celular toca e não reconheço o número.

— Alô

Do outro lado, uma risada antecede as palavras.

— Eu não falei que ele escolheria a mim. Onde você está agora, querida? Porque eu estou aqui. Já posso ver o padre nos dando a benção.

Meus lábios tremem para segurar o xingamento que tenta escapar pela minha garganta, mas olho para minha filha indiferente ao que acontece. Não posso entrar na pilha.

Tiro o telefone da orelha e desligo. Sophia não percebe nada.

É inacreditável que alguém se preste a um papel desses.

Meu telefone toca novamente, mas dessa vez ela vai ter o que veio buscar.

— Espera a mamãe aqui, minha filha. Já volto.

Vou até o corredor e atendo pronta para a briga.

— Escuta aqui, sua louca. Não sei como conseguiu o meu telefone, mas dê um jeito de esquecer. Não tenho nenhuma intenção de ficar entre vocês, mas se continuar procurando, irá encontrar um lado meu que não vai gostar.

— Opa! É a Milena.

Oh merda!

Milena é a irmã de Luca. Nós nos reencontramos há algumas semanas quando fui convidada para um almoço na casa dos pais de Luca. Que vergonha. Ela é uma mulher incrível e inteligente, muito intensa. Acabei não salvando o seu telefone.

— Milena, desculpe. Que gafe cometi, hein.

Ela gargalha alto do outro lado da linha.

— Cunhada, algo me diz que quem te ligou tem cabelos loiros e voz de pato fanho.

Melhor pessoa.

— Exatamente.

— Ela ligou para a casa dos meus pais também. Luca está lá agora explicando tudo e com certeza ouvindo alguma represália por ter demorado a contar a novidade.

— Ele te contou?

— Eu estava lá quando ela ligou e conversou com a minha mãe. Deus me livre de gente dramática. Não dou conta não. Urh! Ela chorou, disse que Luca não quer saber dela e do filho, falou que você tentou agredi-la... Um circo.

— Eu não fiz isso. E acho que nem preciso dizer que seu irmão também não.

Mas deveria ter feito.

— Eu sei. Trícia nós te conhecemos há anos. Não vai ser uma recém-chegada que irá mudar as coisas. Fique tranquila.

— E seus pais, o que estão pensando?

Ela respira fundo e meu coração aperta.

— Meus pais tem um histórico complexo com bebês, mas não são idiotas. Acho que o teatro da tal de Nádia é tão forçado que até a minha mãe pediu que ela procurasse um psicólogo para se tratar.

Pelo menos não sou só eu que penso isso.

Seguro o telefone com força e deixo o coração falar mais alto.

— Estou arrasada. Toda essa confusão de repente, acabou comigo. As coisas estavam indo tão bem.

— Não precisa. Luca é completamente apaixonado por você. Sempre foi. Se, e digo se, esse bebê for mesmo dele, conhecendo meu irmão como conheço, ele será um ótimo pai. Só que isso não significa que será menos

apaixonado por você.

— Não quero ficar no meio do relacionamento deles, Milena.

— Que relacionamento? Eles não têm mais nada. Acorda! Você é a namorada dele e ponto final. Essa Nádia nunca foi convidada para ir com ele à casa dos nossos pais, jamais foi apresentada a família. Você foi.

Sim. Eu sou a namorada dele e mais ninguém.

— Obrigada pelo apoio.

— Imaginei que estivesse precisando.

Conversamos um pouco mais, porém, mudamos completamente de assunto. Milena está interessada em comprar um apartamento próprio e deixar o flat onde mora. A reforma do apartamento do irmão a deixou animada para encontrar um canto e transformá-lo em algo com a sua cara.

A semana corre com um pouco mais de normalidade. Luca coloca Nádia em um flat, mas ela ainda consegue se fazer tão presente quanto se estivesse morando com ele. Além das dezenas de mensagens contando coisas bestas, ela liga pelo menos três vezes ao dia para falar sobre si mesma, contar fofocas que lê em sites ou até mesmo dizer o quanto os hormônios estão a deixando excitada.

Inacreditável, mas ontem ele atendeu uma chamada no carro e pude ouvir ela dizendo que precisava dele para apagar o fogo que a gravidez causava. Fingi não ter escutado, mas vibrei internamente quando ele encerrou a ligação indicando que ela procurasse alguém disponível.

Luca tem tentado ser paciente com ela e não deixar que esses detalhes cheguem a mim, mas é impossível. A mulher tenta de todas as formas, mesmo as mais bizarras, impedir que tenhamos uma vida normal.

Na sexta depois do trabalho, marcamos de ir à casa de Raphael e Janaína para assistir o primeiro episódio de uma série que acompanhamos. Estou animada. Lembrando daquele garoto do colégio, jamais apostaria que um dia ele seria um cara tão bacana com uma esposa tão legal.

Mandei mensagem para Janaína dizendo que faria um guacamole para levar e pedi a Luca para comprar alguns pacotes de doritos. Acho que é a

melhor combinação para séries. Principalmente, se tiver uma cerveja gelada para acompanhar.

Janaína ficou de fazer costelinhas de porco marinadas e os homens responsáveis pela bebida.

Depois de ler uma historinha e colocar Sophia para dormir em seu quarto, me despeço de Odeth e desço para encontrar com Luca, que está esperando no carro há pelo menos quarenta minutos.

— Demorei?

Ele me beija segurando meu rosto entre as mãos com posse e enfia a língua na minha boca. Retribuo. É gostoso... tão gostoso que esqueço da vida mergulhada em seus lábios.

— Valeu a pena.

Com o corpo quente, respiro profundamente. Esses rompantes de afeto ainda me pegam de surpresa.

Luca recebe uma mensagem no celular, lê e pede que eu guarde o aparelho em minha bolsa.

— Batata pediu para levamos sorvete.

Passamos em um posto de gasolina para comprar o sorvete e vamos.

O apartamento dos dois é muito bonito, mas ainda tem cara de casa de solteiro. Nada parecido com a minha casa, que tem brinquedos e chinelos de criança espalhados por todos os cantos que se olhe.

Chegamos um pouco mais cedo e ajudo Janaína a transformar a mesinha de centro em uma praça de alimentação. Temos tudo o necessário e ninguém vai precisar fazer nada além de assistir o primeiro episódio da segunda temporada que está causando na internet antes mesmo de começar.

— Jana, onde estão os guardanapos?

— Nessa portinha acima do micro-ondas.

Olho duas vezes, mas não encontro nada.

— Acho que não.



Ela vem, procura no local indicado, vasculha outras portas e não encontra.

— Raphael, onde está o guardanapo que pedi para você comprar hoje cedo? Você comprou a lista que te mandei, né?

Ele aparece na porta da cozinha.

— Opa!

Eu deveria ter contido a risada, mas não consegui. Imagino como deve ser difícil conviver e dividir a vida com outra pessoa. Acho que até as mínimas coisas podem dar problema.

— Sério? — Janaína pergunta visivelmente irritada.

— Eu estava falando com Luca na hora, ele disse umas coisas e eu esqueci do que pedi. Desculpa, esposinha. Vou melhorar nisso.

Ela cruza os braços como se quisesse causar por conta do guardanapo, mas logo sorri e os dois trocam um beijo rápido antes dele voltar para a sala.

— Achei que vocês fossem brigar. — comento.

— Eu até tento brigar com ele, mas não consigo. Raphael é tão avoado que acho graça.

Eles são fofos juntos.

— O amor faz coisas...

— E você e o Luca? Devem estar na fase que nem os defeitos encontram.

Penso um pouco antes de responder. Na verdade, ainda não encontrei um defeito relevante em Luca. Talvez por não morarmos juntos ou por estar muito no comecinho. Quem sabe com o tempo a gente se mostre mais normal um para o outro.

— Acho que ainda estamos vendo tudo cor de rosa. — digo rindo e ela ri também.

— Sei como é.

Voltamos para a sala e os homens já organizaram o nosso ninho. É

como na adolescência: um grande sofá, comida e tv. Só que agora não temos hora para chegar em casa.

— Vai começar. — Luca diz, se acomodando no canto e abrindo espaço para mim.

Cada casal divide uma coberta e assim começa a nossa sessão regada a cerveja e petisco.

É tudo comum, mas especialmente comum. O sentimento é aquele que aprendemos com os livros e novelas, a forma como ele me faz sentir é exatamente igual ao que eu sempre imaginei, mas real. Vez ou outra me pego refletindo sobre isso.

Estou feliz, de uma maneira única. Consegui colocar a mágoa de lado e me entregar ao sentimento. E mesmo com o fantasma da Naja nos cercando, quando ele me olha e me toca, sei que posso confiar no que sentimos.

Todos estão concentrados nas cenas complexas da série. Todos menos Luca. Ele se remexe desconfortável e olha o celular que vibra repetidas vezes.

— O que foi?

— Nádia não está se sentindo bem.

— Ah...

Esse entoujo outra vez.

Durante os comerciais, Luca vai para a sacada do apartamento e fica um longo tempo no telefone.

— Como está sendo isso para você? — Jana pergunta.

Uma merda! Quero ir até essa sujeita e dizer algumas verdades, mas não posso. No fundo, sei que estou sendo egoísta, mas poxa... ela não dá uma folga.

Limito-me a dizer:

—Complicado.

— Eu a conheci. — começa Janaina — E com propriedade te digo para não se preocupar. O que eu vejo quando o Luca olha para você, não se

compara a nada que já tenha visto.

Raphael concorda com a cabeça e fala baixo como se não quisesse ser escutado pelo amigo.

— Trícia, ele te ama desde sempre. Não será uma ex pé no saco que irá mudar isso.

Eu sei o quanto ele me ama. Ninguém melhor do que eu para entender e sentir o que ele passa, mas é difícil. Nádia não é apenas uma ex grávida, ela é uma louca disposta a qualquer coisa para ter o homem que quer. Vi isso nos olhos dela.

— Eu sei, Batata. — respiro fundo — Só quero que isso se acalme logo.

Luca volta com as mãos no bolso e a expressão fechada. Percebo imediatamente que tem problema vindo pela frente.

— A Nádia arrumou uma confusão no flat. — seus olhos fixam nos meus — Preciso ir até lá.

Não. Aí já é demais.

— O que ela fez dessa vez, Luca? — Batata pergunta e eu não digo nada.

Estou tentando digerir.

— Parece que uma funcionária foi arrumar o quarto mais cedo e depois disso Nádia deu falta de um relógio. Ela foi até a recepção, acusou a tal moça e virou um grande barraco.

— Obviamente. Tudo vira barraco com ela. — solto.

— Ela está muito nervosa e não aceita que ninguém a toque. Preciso mesmo ir até lá. — mais uma vez ele olha para mim — Te deixo em casa.

— Não precisa, vou chamar um motorista pelo aplicativo.

Pego o celular e não dou tempo de ninguém sugerir o contrário. Já estou com essa situação pelas tampas.

Enquanto descemos no elevador, ele tenta conversar e se desculpar,

mas não vai rolar. Não agora. Eu sei que estou um pouco fora de mim, entendo que a culpa não é dele. O problema é que estou irritada e prefiro ficar quieta no meu canto para não falar bobagem

Quando o motorista chega, Luca segura o meu braço e me puxa para um beijo. No começo não quero, tento empurrá-lo, mas não consigo. Seus lábios nos meus são como mágica. Abro a boca permitindo que sua língua entre. Chupo.

Enquanto o carro espera, nos beijamos sem pudor no meio da calçada. Em meu ventre, sinto o seu pau endurecer, suas mãos apertam o meu quadril puxando-me para mais perto. É tanto desejo que dói.

— Você tem que ir. — digo frustrada.

— Mais tarde eu te ligo.

— Tá bom.

Com isso, eu entro no carro e ele parte. Digo o destino para o motorista, mas meus olhos ficam na janela. Odeio chorar perto das pessoas. Estou tão afetada com essa situação que apenas não controlo o soluço.

Que merda!

— A senhora está bem?

— Estou sim.

— Posso ajudar de alguma forma?

— Não. Obrigada.

## **Chega de ser bonzinho**

**Luca**

Parece mentira, chega a ser ridículo. Quando cheguei ao flat, Nádia estava sentada sobre o balcão da recepção vestindo nada mais do que uma toalha e com os braços cruzados. Segundo ela, um protesto por ter sido roubada.

A gerência do local tentou conversar e esclarecer as coisas, no entanto, foi inútil diante do escândalo promovido por ela. Até mesmo a polícia foi chamada. Por sorte, cheguei antes.

Depois de muito conversar, ela aceitou voltar para o apartamento. O detalhe é que só concordou sob a condição de ir no meu colo como uma noiva. Deus, a minha vontade era de dar meia volta e deixar que fosse presa.

Ela está testando a minha paciência.

— O que fez aqui?

Era um caos instaurado. A roupa de cama estava espalhada pelo chão, o abajur quebrado, objetos estilhaçados. Um verdadeiro campo de guerra.

Chorando, ela tenta se explicar.

— Eles me deixaram nervosa, Luca. Estou tremendo até agora. Eles... eles disseram que o meu relógio deveria ter caído em algum lugar, falaram até mesmo que eu estava confusa. Só faltaram me chamar de louca.

— Não me diga.

— Foi horrível, querido.

Aproximo-me dela.

— Nádia, por favor, colabora comigo. Estou tentando estar ao seu lado, participar da gravidez e ter um bom relacionamento com você, mas preciso que tente também. Como espera que eu reaja? Você estava seminua pirraçando no hall do flat.

Como num passe de mágicas, ela sorri.

— Está com ciúmes de mim?

— Claro que não. Estou preocupado com o seu comportamento.

— Diga a verdade. Você não queria que me vissem nua, que me desejassem. Não precisa ter medo, diga.

O que eu preciso fazer para ela enxergar a realidade?

Ando pelo quarto, recolhendo o que vejo pelo chão. Se continuarmos essa conversa, irei dizer coisas pesadas demais. Ela está grávida, espera um filho meu.

Tenho que ter isso em mente.

— Vou descer para limpar a merda que você fez. Tente não aprontar mais nada.

Tento resolver tudo da melhor forma possível. A funcionária acusada de roubo por Nádia, trabalha no flat há mais de cinco anos. Conversei com a moça, pedi desculpas e pude confirmar por mim mesmo quem é o lado errado da história. Não que eu tivesse alguma dúvida.

Diante do ocorrido o melhor era mudar de lugar. Pedi que Nádia arrumasse suas coisas enquanto eu acertava a conta na recepção.

O ambiente estava quieto quando voltei, as malas arrumadas perto do pequeno sofá e um par de sapatos colocados junto à porta. Sem dizer nada, andei até a sacada e depois até o quarto, mas não vi ninguém. A luz do banheiro estava acesa, mas a porta apenas encostada, então resolvi olhar.

Para a minha surpresa, Nádia retirava a tampa da caixa acoplada do vaso sanitário e com expressão de nojo enfiava a sua mão lá dentro. Esperei imóvel. Precisava entender o que ela pretendia.

Foi aí que a causa do problema apareceu.

— Que merda está fazendo?

Meu grito a assusta.

— Luca...

— Por que o seu relógio roubado está escondido aí dentro, Nádia? Que

espécie de maluca é você?

— Não. Está enganado.

Cruzo os braços e escoro no batente da porta. Poucas vezes alguém conseguiu me irritar tanto.

— Então me explique.

Meu sangue chega a pulsar nas orelhas tamanha a minha raiva.

— Eu estava procurando pelo relógio. — diz rapidamente — Vi essa tampa um pouco torta e imaginei que tinha algo errado. Olha que absurdo!

— Tenho cara de idiota?

— Estou falando a verdade. Aquelazinha deve ter escondido aqui para pegar depois. Essa gente faz coisas assim, querido.

— Não sou o seu querido. — grito próximo ao seu rosto, meus punhos fechados ao lado do corpo.

— Não grite comigo, Luca. O bebê!

O bebê? Essa criança vai me odiar por ter arranjado uma mãe dessas para ele. A única coisa que ainda me prende aqui é o meu filho. Do contrário, já estaria longe.

— Você vai pedir desculpas para a moça que acusou. Vai dar um jeito nessa merda toda. Não acredito que estraguei a minha noite por isso.

Nádia olha para mim e sua expressão muda em câmera lenta. De repente, ela vai de assustada para feroz e então começa a gritar e andar pelo cômodo.

— Você estava com ela, não é? Deixou a mãe do seu filho jogada nesse quarto para ficar com aquela vagabunda, Luca. Eu estou esperando um filho seu. Droga! Sou eu quem merece a sua atenção e o seu tempo. Como pode ser tão cruel?

— Cruel? O que espera de mim?

Estamos exaltados, gritando um com o outro.

— Não fiz um filho sozinha. Preciso que assuma o que fez.

— Estou me negando a isso?

— Claro que está. — ela lança um jarro em minha direção, mas desvio — Não quero ser esquecida em um flat. Quero estar ao seu lado, Luca. Ser a sua mulher.

Nádia avança para cima de mim. Quero empurrá-la para longe, mas apenas cruzo os braços.

— Não vou aceitar menos do que mereço, entendeu?

— Esqueça. O meu filho terá um pai, o melhor que eu conseguir ser. Quanto a nós, nem perca o seu tempo. Garanto que o máximo que terá de mim é dinheiro.

— É pouco.

— Isso não é problema meu.

Viro-me para sair.

— Se sair por essa porta para ficar com aquela mulher, nunca colocará os olhos no nosso filho. Estou avisando.

Definitivamente, ela não me conhece. Ameaças são um péssimo caminho.

— Então nossa relação amigável acaba aqui.

Abro a carteira e retiro seiscentos reais. É tudo que tenho em espécie. Deixo as notas sobre uma mesa de canto. Talvez ela tenha percebido que estou por um fio e não diz mais nada.

— Encontre um lugar para ficar hoje. Amanhã o meu advogado vai te ligar. A partir de agora, converse exclusivamente com ele. Eu tentei, mas o lugar que você quer está ocupado.

Saio e bato a porta. Enquanto caminho até o elevador escuto barulhos e sons de coisas quebrando. No fundo isso me preocupa, mas não vou ceder as chantagens dela.

Passei do meu limite.

Antes mesmo que eu chegue em casa, meu telefone toca. É minha mãe.



Como eu já esperava, Nádia ligou para a casa dos meus pais contando tudo o que aconteceu. Pela ótica dela, obviamente. Fez a minha caveira, montou um drama sem fim e, como se estivesse pouco, disse que iria procurar a polícia e dar queixa contra mim.

Pouco me importa o que ela pretende fazer. Sei quem sou e o que fiz. Nunca levantei a mão para ela, mas confesso que não foi por falta de vontade, mas sim por bom senso.

Dirijo um pouco mais, rodo pelos bairros durante a madrugada para relaxar. Preciso deixar toda essa situação caótica assentar em minha mente. Não sei porque estou vivendo isso, mas o pecado deve ter sido grande.

Ligo para Trícia. Preciso conversar um pouco ou apenas escutar a sua voz. Do jeito que estou, sinto como se fosse explodir.

— Alô!

É o som da minha paz. A voz sonolenta e letárgica denuncia que estava em sono profundo.

— Oi!

— Luca? Que horas são?

Olho para o relógio no painel do carro.

— 3h20min.

Ouçõ Trícia bocejar e um barulho que parece ser de um copo ou um vidro batendo.

— Caramba! Só agora conseguiu resolver o problema com a mãe do seu filho?

— Já faz um tempo. Eu estava... dirigindo para espairer um pouco. Desculpe te acordar tão tarde, morena.

— Onde você está?

— No carro.

— E onde está o seu carro exatamente?

Recosto a cabeça no banco e demoro um pouco a responder.

— Na porta do seu prédio. — digo com os olhos fechados. Minha cabeça dói.

— Então sobe.

Por um momento penso ter entendido errado, mas ela repete. Saio do carro e atravesso a rua correndo. O porteiro abre para mim sem perguntar. Imagino que ela tenha avisado pelo interfone.

Trícia mora no décimo andar de um prédio novo e imponente. Desde que a reencontrei ficou claro que é uma mulher muito bem-sucedida e independente. Foi uma das coisas que sempre admirei nela. A postura autossuficiente não é de hoje, mas desde sempre. E isso encanta.

A porta se abre assim que saio do elevador.

Que visão!

A camisola roxa parece lambar os seios fartos, como tinta escorrendo sobre a pele. Os mamilos se destacam apontando para mim, chamando a atenção. Meu corpo reage.

— Por que está me olhando assim? — diz encostada no batente.

— Você está sexy para caralho.

Ela olha para dentro do apartamento, verificando por um segundo e então fecha a porta atrás de si. Ficamos os dois no corredor. Quatro portas de outros imóveis dão para o mesmo lugar, mas não se ouve nada.

— Acha que vou me segurar por estarmos aqui fora?

Minha voz sai baixa, pesada e grave. Dentro da minha calça sinto meu pau endurecer cada vez mais.

— Alguém pediu que se segure? Olhando daqui, eu diria que tudo de que precisa é se soltar.

Safada.

Puxo-a pela cintura e ataco a sua boca inchada de sono. Minha outra mão vai direto para o pescoço, que domino. Trícia fica presa entre mim e a porta, mas parece adorar o cárcere. Ela desabotoa a minha calça, agarra o meu pau e começa a me masturbar. Está quente, muito quente.

— O que deu em você? — pergunto — Estamos na porta da sua casa.

— Meus vizinhos são pessoas normais. A essa hora estão dormindo.

Entendo isso como um incentivo.

Com movimentos precisos, abocanho o biquinho duro do seu seio enquanto enfio dois dedos dentro da boceta.

— Está meladinha. — falo com o mamilo entre meus dentes. — Quer me dar.

— Quero.

Meto um pouco mais até que sinta sua caverna alagar. Tiro os dedos e chupo, transferindo-os da minha boca para a boca dela e depois a beijando. Compartilhamos o sabor salgado e especial.

Estamos vadios. Excitados e fora de controle.

As vezes, tudo o que a pessoa precisa é de um bom sexo.

Minha boca desesperada desce pelo seu corpo procurando por mais do sabor viciante que só ela tem. Ela empurra minha cabeça para baixo, abre as pernas e me guia até o centro.

— Isso! — geme baixinho.

Atrás de cada porta há uma família dormindo, podemos ser pegos a qualquer momento, mas isso não importa. O calor, o tesão e o desejo dominam nossas mentes e corpos. Ela me quer e o a quero.

Quando saciada, Trícia me afasta e vira de costas empinando a bunda com a camisola um pouco erguida. É um grande “me coma”. Fico de pé e sem qualquer diálogo, penetro. Vou de uma vez, meto até o fim e saio. Minha mão cobre os lábios de Trícia durante as investidas rápidas e fortes. Estamos fodendo. Estamos trepando como bichos e é exatamente o que queremos fazer.

Eu a agarro, aperto seu corpo junto de mim sentindo-a tremer em um orgasmo violento.

— Vou gozar dentro de você. — aviso.

Ela não protesta, mas não sei se adiantaria. Imobilizo seu corpo enquanto esporro jatos quentes e longos dentro da boceta sem qualquer proteção. É uma sensação devastadoramente boa.

Não sinto minhas pernas.

## **Como um sopro, o tempo passa.**

O mundo havia girado e o nosso casal enfrentava mais um problema, mas dessa vez como adultos responsáveis. A imaturidade dos dezessete anos não serviria de escudo para qualquer deslize.

Semanas se passaram em paz, até que Nádia voltou a ativa. Depois da conversa com o advogado da família Malamam, ela foi informada de todos os seus direitos, como: um bom apartamento, assistência médica, um motorista e pensão. Nada precisou ser pedido, Luca tinha total consciência do que precisava ser feito. Além do que receberia, ela também foi alertada quanto aos seus deveres e especialmente até onde os tais direitos iriam. Não que ela acreditasse que eles terminavam em algum momento, mas serviu de alerta.

Luca cumpria religiosamente com o combinado, assim como com qualquer outra coisa que Nádia julgasse necessário. Tudo o que a loira precisava fazer, era pedir por intermédio do advogado.

As coisas estavam funcionando. Funcionaram como uma orquestra por dois meses, mas...

## É o fim.

Trícia

— Trícia, quanto tempo!

Olho para Carla e preciso fingir um sorriso educado. Não que eu tenha algo contra ela, mas o jeito fútil e os assuntos superficiais não me apeteçam.

— Verdade. Mas eu estou aqui quase todos os dias.

— Eu sei, estou brincando. — ela inclina o rosto e sorri — Consegue notar algo diferente em mim? Hum?

São tantas coisas que nem sei dizer. A mulher parece uma versão malsucedida da Pamela Anderson.

— Preencheu os lábios? — chuto.

— Não. Quer dizer... também, mas isso não conta. Mudei o nariz, aumentei o queixo e dei uma esticadinha no rosto. Gostou?

Olho, avaliando a harmonização ou a falta dela... definitivamente. Que merda!

— Ficou... bom.

Como uma criança, ela comemora e dana a falar sobre os procedimentos que fez recentemente. Uma baboseira sem fim, mas como estamos na porta da escola e preciso esperar a minha filha sair, ouço com cara de paisagem.

Reservo-me ao direito de esboçar pontualmente um “uhum” ou “ah, tá”. É suficiente. Carla fala tanto de si mesma que vive em um monólogo. Sou apenas ouvinte passiva.

O sinal toca e as crianças começam a aparecer. Olho atenta para as filas descendo e não vejo a minha pequena.

É algo comum, as vezes demora um pouco, mas hoje está diferente. Fico angustiada, inquieta.

— Onde está a Sophia? — pergunto a professora que acompanha outras crianças.

— Oi, Trícia! — diz a tia, simpática — Ela viu uma visitante no pátio e parou para conversar. Crianças. Não podem ver uma grávida que logo querem encher de perguntas.

Grávida visitante?

Minha angustia aumenta e resolvo investigar.

— Posso entrar lá?

— Claro!

Ela abre o portão e eu passo correndo entre as crianças. Sinto que tem alguma coisa errada, mas não sei o que é. Atravesso o longo corredor até chegar ao pátio da escola, no entanto, não há ninguém ali.

Onde está a minha filha?

Volto correndo chamando por Sophia. Olho os rostinhos parecidos com o dela, todos de uniforme e nada. acho que meu coração não está funcionando bem.

— Ela não está lá. — digo atordoada a professora.

Ela percebe o meu estado e pede ajuda a duas coordenadoras para procurar. É uma escola pequena, segura. Não tem como uma criança de três anos sumir aqui.

Subo as escadas, entro em cada sala chamando pela minha filha sem ser respondida. Isso não pode estar acontecendo.

— Trícia! Encontrei.

Estou descendo as escadas quando avisto minha filha com o rosto vermelho e cheio de lágrimas no colo da professora. Ela está muito assustada.

— Pequena. — pego-a em meus braços — O que houve com você?

Acalento, converso e escuto o que ela tem a dizer. Com ela junto de mim, fico mais calma para racionalizar o que aconteceu friamente.

Sophia conta que viu uma moça grávida no pátio e parou para dar um

beijo na barriga. Ela diz que a mulher loira fez sinal com a mão para que se aproximasse, então ela foi. Com todas as filas indo em direção a entrada da escola, Sophia acabou ficando com a grávida, mas depois quis ir ao banheiro.

— Mas porque não chamou a tia? — pergunto com calma para não assustá-la.

Com os olhinhos ainda marejados, ela fala que a grávida disse que a professora estava muito ocupada e mandou que ela fosse sozinha. Depois disso a porta do banheiro não quis mais abrir e ela ficou presa lá dentro chorando.

— Oh, meu bebê! Foi só um susto.

Olho para uma das professoras seriamente. É nítido que estou irritada depois de tudo.

— Quero ver no sistema de segurança quem era a visitante grávida, agora.

A diretora me acompanha até a sala de videomonitoramento e permite que eu veja o momento em que Sophia se aproxima da mulher. Se não fosse por quem é, não seria nada demais. Elas apenas conversam. As imagens não pegam a cena do banheiro, mas fica claro que a mulher mexe na porta.

Como eu suspeitava, Nádia esteve na escola da minha filha. Aparentemente ela agendou um horário para conhecer a escola e saber sobre a metodologia de ensino na intenção de colocar o seu próprio filho.

A pergunta é: quem procura escola para uma criança que ainda não nasceu?

A minha conversa com a diretora se estende por duas horas. Explico toda a situação nos mínimos detalhes e deixo registrado o risco que a minha filha pode correr perto de alguém como Nádia.

A primeira coisa que faço é deixar Sophia em casa com Odeth e depois vou a delegacia. Eu tinha esperança de registrar um boletim de ocorrência, mas o delegado me informou que não houve crime e nem ameaça.

O que devo esperar? Primeiro ela machuca alguém e depois eu posso



reclamar. Que absurdo!

Decido que o melhor a fazer é apresentar os fatos aos envolvidos.

Envio uma mensagem a Luca

“Preciso conversar com você”

“Está tudo bem? Estou no hospital”

“Nada que não possa esperar. Quando sair, passe aqui em casa”

“Ok”

Em casa, conto a Odeth sobre o ocorrido na escola de Sophia e faço uma lista de recomendações. A partir de hoje aquela mulher terá alguém com os dois pés atrás com ela. Tomarei todas as medidas de segurança necessárias e se preciso for, coloco um segurança grudado na minha filha dia e noite.

Pensando acompanhada de uma fumegante xícara de café, reflito sobre os últimos dias. No fim de semana passado, depois de muito adiar e ponderar, finalmente permiti que Luca tivesse um contato com Sophia. Comecei contando a ela que a mamãe tinha um amigo e depois disse que esse amigo era tão bom comigo que conquistou o meu coração.

Ela é um doce de criança, esperta e atenta, pegou de cara o que eu queria passar e pediu para conhecer o moço que está fazendo a mamãe feliz.

Escolhemos um sábado, subimos a serra e passamos o um dia divertido com direito a caminhadas e bolo com chocolate quente. Tudo pensado e aos poucos, para que a minha pequena não se sentisse invadida por alguém estranho.

Luca foi tão carinhoso com ela. Meu coração não tinha espaço para tamanha felicidade. E confesso que no fundo, bem no fundo eu lamentei ele não ser o pai da Sophia.

Quando paramos para almoçar, o garçom perguntou a Luca se ele preferia um cadeirão para a FILHA, e ele respondeu que sim, sem corrigir. Olhei para ele com expectativa, cheguei a pensar em comentar algo o repreendendo, mas depois deixei para lá.

Outra pessoa que se apaixonou por Luca, foi Odeth. Não posso culpa-

la.

Termino o meu café, tomo um longo banho e decido trabalhar um pouco para desviar o foco do pensamento. Costumo desenhar móveis customizados e exclusivos para alguns clientes quando me pedem, mas em momentos de grande tensão isso tende a me ajudar.

Passa das 23h quando Luca chega. Odeth e Sophia estão dormindo.

— Que saudade, morena! — repete diversas vezes enquanto me abraça.

— Eu também estava com saudade.

Sentamos juntos no sofá. A televisão ligada em um programa qualquer apenas iluminando a sala. Lá fora está chovendo e pela janela entra um vento frio e úmido.

— Aconteceu alguma coisa?

— A Nádia aconteceu.

Luca me olha confuso e arqueia as sobrancelhas.

— Ela esteve na escola da Sophia. — começo.

Enquanto digo com riqueza de detalhes tudo o que aconteceu, Luca parece não acreditar e questiona várias vezes se tenho certeza que é mesmo a sua ex nas imagens.

Sua desconfiança me aborrece, mas tento focar no que interessa.

— Eu vi as imagens da câmera de segurança, Luca. Era ela sim. Eu não teria motivos para inventar uma coisa dessas. — meu tom é levemente irritado e ele percebe.

— Não é isso que estou dizendo, Trícia. Só que você pode ter se confundido. O que ela iria querer com a Sophia? Ela nem mesmo sabe que você tem uma filha, muito menos onde ela estuda.

Pego o meu celular, e para que ele tire suas próprias conclusões, mostro. A diretora da escola me enviou uma imagem congelada do rosto de Nádia enquanto ela conversava com Sophia no pátio. Não há margem para engano.

A mandíbula de Luca se contrai e sem que precise dizer nada, fica evidente que está puto com o que vê.

— Como ela pode ter essas informações?

— Para mim está claro.

— Ah...

— Milena postou fotos do almoço na casa dos seus pais no domingo. Em uma delas a legenda era “família crescendo” e ela estava com Sophia no colo.

— Merda! — esfrega o cabelo — Você tem razão.

Depois do sábado, Luca insistiu para que eu fosse com Sophia em um almoço na casa dos seus pais no domingo. Seria apenas um momento descontraído para eles conhecerem a minha filha, para aproveitar o dia. E não teve nada de diferente. Os pais de Luca são pessoas incríveis e nos receberam maravilhosamente bem, deram todo amor a minha filha.

A gente só não imaginava que isso acordaria aquela Naja que estava calma demais há um tempo.

— Vou pedir para a minha irmã excluir as fotos.

— Claro que não. Agora a sua ex louca já viu o que tinha que ver. O que você precisa fazer é colocar essa mulher no lugar dela e descobrir o que ela queria com isso.

— Vou fazer isso, Trícia. Ela nunca mais vai chegar perto de você ou da Sophia.

Olho-o séria e digo o que está no meu coração sem pensar.

— Se ela chegar perto da minha filha outra vez, esqueço que está grávida e acabo com a raça dela. Não vou tolerar nada parecido.

O meu recado foi dado e ele compreendeu o quão real era a ameaça.

Luca passou a noite comigo, mas saiu antes que pudesse ser visto, antes mesmo do sol nascer.

No dia seguinte nos falamos por telefone e ele disse que foi até o

apartamento da Naja para confrontá-la, mas para variar, ela se fez de vítima e disse que estava buscando escolas para colocar o filho deles quando fosse o tempo.

Eu não acredito em uma palavra do que sai da boca daquela cobra. Falsa, nojenta!

Estou atolada de trabalho com prazos curtos e preciso me dedicar mais a eles. Incluir Luca na minha rotina desorganizou um pouco as coisas e ainda estou me adaptando ao cargo de namorada de médico. Um dia aparece um jantar, no outro um coquetel, as vezes ele chega tarde do hospital e pede para me ver um pouco, mas quando percebemos já é alta madrugada.

É tudo novo e gostoso de viver, mas preciso me organizar.

No próximo fim de semana completaremos quatro meses juntos e Luca está bolando alguma coisa que não quer me contar. É surpreendente que ele queira comemorar a data, principalmente o conhecendo como conheço.

— E aí, chefe, pronta para uma sexta animada? — fala Rosângela.

Estamos na minha sala finalizando o dia.

— Estou cansada da semana, isso sim. Mas... Luca tem planos para sábado, algo misterioso. Só sei que preciso estar pronta às 6h da manhã.

— Uau! Programa romântico.

Sorrio ao pensar no que está aprontando.

— Pois é... a que ponto chegamos. — brinco.

— Nojenta! — fala sorrindo — Um gato, gostoso e médico de quatro por você. Não reclama não, hein. Tem gente que daria um braço para estar no seu lugar.

Rosângela é uma mulher divertida e linda que vive reclamando da solteirice, mas quando aparece um cara querendo coisa séria, ela corre. É sempre assim. Se o sujeito for legal, dedicado e estiver afim dela, arranja um monte de defeitos. Agora, se for cafajeste, ela apaixona e sofre arrastando corrente pelo escritório semanas.

— Ele tem uns amigos solteiros, podemos marcar algo legal. Quem

sabe o seu príncipe está esperando por você?

— Chefa, me desculpe, mas esses engomadinhos são lindos só para olhar. Prefiro um cara mais... mais...

— Galinha, safado, com um bigode de bicheiro?

Ela sorri, mas não nega.

— Por aí.

Saio correndo para pegar Sophia na escola.

Que estranho, sinto como se alguém estivesse me olhando, observando meus passos. Olho mil vezes para trás e troco de calçada, mas o meu sexto sentido ainda soa o alarme.

Sophia sai com o rostinho pintado, uma linda borboleta cheia de purpurina com asas abertas. É costume que nas sextas as professoras façam atividades divertidas com os pequenos a fim de fechar a semana de forma alegre.

— Cum fominha. — ela fala enquanto atravessamos a rua de mãos dadas.

— Isso é bom. A tia Odeth me disse que fez arroz colorido para você hoje.

— Eba! — ela grita.

Eu não percebi, já estávamos na calçada quando um carro em alta velocidade se aproximou e por pouco não nos atropela. As rodas dianteira e traseira do lado do motorista subiram no meio fio, porém uma árvore funcionou como escudo, impedindo que o veículo seguisse a diante.

A força da batida provocou um barulho assustador, e em uma atitude automática puxei Sophia para o meu colo e virei de costas. Minha intenção era protegê-la com o meu corpo. Qualquer coisa seria pouco para mantê-la segura.

Assustada, Sophia se agarrou a mim com os bracinhos e perninhas. Não sei como consegui me manter de pé. Meu corpo tremia e eu só esperava pela pancada que não chegou.

As pessoas dos comércios correram para ajudar. Na confusão, imagino que todos tenham pensado que eu e minha filha estivéssemos debaixo do carro. Foi um milagre.

— Vocês estão bem? — alguém perguntou e eu apenas confirmei com a cabeça.

Ali eu comecei a entender que o pior tinha passado. Olhei para Sophia com medo de encontrar algum ferimento, mas ela estava perfeitamente bem. Em choque, mas bem.

Faltando poucos minutos para às 18h, as ruas estavam muito movimentadas e não demorou para juntar gente. Só aí me dei conta que havia me ajoelhado e formado uma concha sobre a minha pequena. Atrás de mim, a árvore firme como um escudo protetor e deformado, seguida de um carro prata.

— Tem uma mulher no carro. — uma voz masculina gritou — Chamem uma ambulância.

Sinceramente, tudo o que me interessava naquele momento era a minha filha.

Quando o socorro chegou, recebemos um atendimento básico, no entanto estávamos realmente bem. Outra equipe médica tentava tirar a jovem do carro.

Fiquei sentada com Sophia dentro de uma das ambulâncias enquanto um paramédico a examinava. Achei desnecessário, mas ele fez questão.

— Vocês deram muita sorte. O anjo da guarda dessa mocinha está de plantão hoje.

— Graças a Deus!

— Vamos rezar para que o da gestante também esteja.

Gestante?

— A moça do carro prata está grávida? — pergunto desconfiada.

Ele concorda com a cabeça.

— Sim. A pobre está histérica. Nessas situações é muito complicado

manter a calma, mas é necessário.

Não. Não é possível que isso esteja acontecendo. Devo estar imaginando coisas. É louco demais para ser real.

Eu preciso ter certeza.

— Filha, fica com o moço um minutinho para a mamãe procurar uma coisa que deixou cair. — minha filha concorda. Olho para o paramédico — Você pode olhá-la um momento?

— Posso sim.

Saio da ambulância desacreditada. É apenas uma desconfiança que preciso anular para seguir a minha vida.

Ando até o carro onde dois bombeiros trabalham para tirar a perna da jovem presa às ferragens. Ela grita e xinga os piores nomes possíveis. As pessoas ao redor pedem calma, mas não parece adiantar de nada.

— É culpa dela. Tudo isso é culpa dessa maldita vadia! Que merda! Se ao menos ela tivesse morrido.

Reconheço a voz.

Eu sei que deveria voltar para junto da minha filha e entregar o problema na mão da justiça, mas sou tomada por uma fúria incontrolável. Estou fora de mim.

Ando até o carro e fico de frente para Nádia. Entre nós, um bombeiro de joelhos e outro do outro lado do automóvel. Ela me olha e imediatamente me reconhece. Sua voz cessa, os gritos param.

— Você tentou me matar.

Antes que ela possa abrir a boca, continuo.

— Mas não consegui. Foi incompetente até nisso, Nádia? Já que não conseguiu segurar um homem com o golpe mais antigo do mundo, resolveu acabar com a mulher que ele ama?

— Ele não te ama. — diz com raiva.

— Não? Está comigo por quê?

— Só pode ser macumba, sua vadia. Ladra de homem! — fala como se me ofendesse — Quando o nosso bebê nascer, ele vai enxergar quem é melhor para ele.

Em que mundo ela vive para pensar dessa forma? Como alguém ainda tem esse tipo de pensamento?

A raiva dá lugar à pena.

Pena por ver uma mulher com o mundo inteiro para explorar, se acabar por causa de um homem. É triste. Será que a vida dela é tão sem valor, que justifique tanto esforço por alguém que não a quer?

— Senhora, este não é o momento. — diz o bombeiro.

O homem fica de pé na minha frente e diz várias coisas, mas não presto atenção em nada. meus olhos estão em Nádia suja de sangue com o ferimento na testa, presa na armadilha que montou para mim. Sua barriga já está aparente, acredito que esteja de cinco meses agora.

— Senhora? Precisa se afastar.

Finalmente olho para o homem.

— Ok.

Atônita, volto para a ambulância onde está Sophia.

Eu amo o Luca, de uma forma que não imaginei ser capaz de amar. Estar com ele é tudo o que eu poderia querer, mas não posso entrar nesse caos. Tenho uma vida que depende de mim. Como vai ser daqui para frente? Não posso viver sem paz, imaginando que a qualquer momento a ex dele irá atentar contra mim.

Minha mente fervilha.

Liberada, deixo Sophia em casa com Odeth.

Vou para a delegacia e presto queixa contra Nádia. Não foi um acidente de trânsito, foi uma tentativa de assassinato e não deixarei isso passar.

Dou o meu depoimento contando tudo o que aconteceu. Assim como eu, algumas pessoas que passavam, comerciantes e duas mães da escola



também prestam seus depoimentos. Todos dizem a mesma coisa.

O carro dirigido por Nádia subiu na calçada intencionalmente.

Não restam dúvidas.

Já passa das 22h quando decido ligar para Luca, mas o celular dele está desligado. Quase imediatamente, Milena me liga.

— Alô.

— Oi, Trícia. Como vocês estão?

Bom, pelo menos ela já sabe.

— Bem, mas não graças a desequilibrada da sua ex cunhada. Sophia está em casa com a Odeth e eu estou saindo da delegacia.

— Você prestou queixa?

O que ela esperava que eu fizesse?

— Não deveria? — deixo escapar a minha irritação.

— Claro! Não foi isso que quis dizer, Trícia. — ela bufa —Acredite, estamos todos sem saber o que fazer, perdidos com o rumo que as coisas tomaram. Luca estava no hospital com a Nádia, mas ela simplesmente desapareceu. Todos estão procurando por ela e por isso ele ainda não foi até você.

— Você está com ele?

— Agora não. Achamos que ela ainda esteja dentro do complexo do Malamam Apart Rio. Ele e alguns seguranças estão revirando o lugar.

Uma coisa me ocorre e fico preocupada.

— A vida do bebê está em risco?

— Estou sem qualquer informação. Aquela louca sumiu e meu irmão está atrás dela. Só o que sabemos é que deram entrada no hospital.

— Nádia sozinha já é muito para qualquer um. Depois de hoje, acho que chegamos ao limite.

Dói o meu coração, mas é verdade. Dentro da situação que nos

encontramos não há escolha certa. Infelizmente nem mesmo há escolha. É uma pena que tenhamos nos reencontrado no momento errado.

— Eu não sei nem o que te dizer.

— Não precisa dizer nada. Eu vou para a minha casa agora.

— O que eu digo para ele?

— Diga que não posso mais continuar. — limpo algumas lágrimas que escapam — Diga que foi muito bom tentar, mas que não conseguimos. O tempo passa para todo mundo... o nosso tempo passou.

Desligo o telefone antes que ela tenha a chance de rebater.

Chego em casa arrasada. Parece que estou há dias sem dormir ou me alimentar, mas na verdade é apenas um cansaço mental e emocional.

O meu dia deveria ter terminado de outra forma.

Deixo avisado na portaria que Luca não é mais bem-vindo aqui. Faço o mesmo no prédio do escritório. Bloqueio seus números de telefone e e-mail.

Eu poderia tomar uma atitude mais madura, poderia esperar para conversar e esclarecer as coisas. Terminar de forma digna. Só que dignidade não é exatamente o que sinto agora. Estou me dando ao luxo de ser egoísta. Sim, me sinto trocada e descartada. Sinto como se ele não tivesse dado importância para mim quando precisei.

No fundo, entendo os motivos dele, mas só dessa vez vou me permitir ser egocêntrica o suficiente para sofrer apenas a minha dor e não a do outro.

Vivi até ontem sem esse amor. Posso seguir sem ele.

## O inferno é aqui!

**Luca**

Minha secretária aparece na porta do meu consultório. Estou com uma paciente que se prepara para partir.

— Dr. Luca Malamam, desculpe interromper. Tem uma ligação importante na linha dois.

— Não pode esperar dois minutos, Luana?

Sabendo que detesto ser interrompido enquanto presto atendimento, ela ergue as sobrancelhas pedindo atenção.

— É uma emergência, doutor.

Peço desculpas à mãe que já termina de preparar o filho, olha para Luana e digo:

— Veja se a mãe precisa de alguma coisa. Vou atender no outro consultório.

Ando rapidamente até a sala ao lado e puxo a ligação.

— Luca Malamam falando.

— Boa tarde, doutor Luca. Aqui é a doutora Cássia da emergência do Malamam Apart Rio.

— Boa tarde, Dra. Cássia. Em que posso ajudá-la? Não estou de plantão no hospital hoje, mas acabei de atender a minha última paciente do dia na clínica. Se eu puder ajudar...

A mulher gagueja um pouco.

— Na verdade estou ligando para o homem e não o médico. Acabamos de receber uma jovem aqui na emergência. Nádia Castilho. Você a conhece?

A informação me pega de surpresa. Estive com Nádia hoje pela manhã e ela parecia bem. Desde que conversamos sobre a sua ida à escola de Sophia, ela parece ter compreendido que o nosso único laço é o bebê e que

isso não mudará.

— Sim. Nádia espera um filho meu.

— Sim, foi o que ela disse. Essa moça deu entrada aqui após sofrer um acidente de carro. Aparentemente apenas uma perna ferida, mas precisamos fazer outros exames.

— Estou a caminho.

O mais rápido que posso, corro até o estacionamento e vou para o hospital. Infelizmente o trânsito não ajuda e acabo demorando mais do que gostaria. Quando finalmente chego, procuro pela Dra. Cássia para tomar ciência do caso.

A obstetra de plantão me informa que tanto Nádia quanto o bebê estão bem, não houve choque aparente com a barriga, mas será necessário realizar exames mais específicos.

Olho para o relógio. Já passa das 19h.

— Por que ainda não realizaram os exames?

— Sua noiva se recusou a fazer qualquer exame na região da cabeça, doutor.

Como assim, caralho?

— Ela não é minha noiva. Onde Nádia está?

Olho em volta. Não acredito que precisarei convencer Nádia a cuidar da própria saúde.

— Em observação. Vamos até lá. Espero que com a sua presença, ela seja mais receptiva ao atendimento médico.

Enquanto atravessamos o hospital, converso com a médica sobre o acidente de Nádia. Algumas coisas ainda não estão claras, como o fato dela estar dirigindo o carro de outra pessoa e não portar habilitação.

Chegando ao quarto, não vemos ninguém. A cama está desfeita e o soro com as medicações pingando no chão.

— Ela fugiu?

Olho para Cássia sem acreditar.

— Vamos chamar a equipe de segurança, não é possível que tenha ido longe.

Na sala de monitoramento os vigilantes procuram por algum sinal. As escadas de emergência não têm câmeras, assim como os quartos e enfermarias. Tentamos encontrá-la olhando as filmagens das áreas comuns. Não é possível passar de um setor para o outro sem usar os corredores.

Meu pai, que estava em casa, chega. Assim como eu, demora a acreditar no que está acontecendo.

— Meu filho, e aí?

— Eu não sei, pai. Não sei.

Jogo-me em um sofá de couro marrom na sala do meu pai e cubro os olhos com o braço. Parece que perdi o controle da minha própria vida, cada dia uma nova surpresa e nunca é positiva. De um lado estou em meu melhor momento, redescobrimo um amor que parecia perdido e dando os primeiros passos para algo muito mais sério e definitivo com Trícia. Do outro, um completo caos.

Meu filho não tem culpa de nada. Quero recebê-lo bem, mas é tudo tão complicado.

— Você está sobrecarregado, Luca. — ouço meu pai, mas continuo com os olhos fechados — Quer conversar?

Penso um pouco, mas aceito a oferta.

— Eu não sei mais o que fazer.

— O seu filho vai nascer, será amado e fará parte da família. O resto se ajeita depois, Luca. Nádia irá amadurecer, tenho certeza.

— Onde é que ela se enfiou carregando o meu filho?

Ele afaga o meu cabelo. Meu pai sempre foi um homem muito presente e carinhoso.

— Vamos encontrá-la. E quando isso acontecer, você precisa convencê-la a aceitar ajuda psicológica, porque o comportamento dessa moça

não é normal, meu filho.

Conversamos um pouco, minha mãe telefona e falo com ela. Milena se junta a nós. Toda a família está angustiada com o sumiço.

Dois policiais procuram por Nádia. Após conversar com eles, descubro que a coisa é muito, muito pior do que eu imaginava.

— Vocês estão me dizendo que ela atropelou uma pessoa intencionalmente?

Meu pai abaixa a cabeça, sei que deve estar pensando no tipo de pessoa que coloquei dentro da nossa família. Eu mesmo me pergunto isso as vezes.

O sargento Lopes explica:

— Ela não chegou a atropelar ninguém, mas teve a intenção de atropelar. Estamos aqui para escoltá-la até a delegacia. O delegado que irá determinar em que crime será enquadrada. Inclusive um bombeiro é testemunha da discussão que ela teve com o alvo. Aparentemente, o motivo da tentativa de atropelamento era o senhor.

Levo a mão a boca quando ligo as informações.

— Trícia?

— Era esse o nome da vítima. Ela buscava uma criança na escola. Felizmente nenhuma das duas ficou ferida.

Ando de um lado para o outro. Meu pai se aproxima e tenta me acalmar, mas diante dos acontecimentos não consigo imaginar outra solução que não seja drástica para conter o destempero de Nádia. Suas ações passaram a ser criminosas.

Pego o celular para falar com Trícia, mas percebo que estou sem bateria.

— Pai, o senhor pode me emprestar o seu...

Enquanto falo, um vigilante aparece e todos olhamos para ele com expectativa.

— Doutor Luca, nós a encontramos.

Eu, meu pai e os dois policiais vamos até a sala de monitoramento. Nas imagens, vemos Nádia saindo por uma das docas de lixo do hospital. É inadmissível que ninguém tenha visto ou impedido. O local é destinado à saída de caminhões e não de pacientes.

— Como ninguém viu uma grávida com a perna imobilizada passando?  
— minha voz é grave e irritada.

Meu pai e os policiais conversam, ele tenta resolver a pior parte disso tudo, mas imagino que seja mais complicado do que isso. Eles estão encarando o fato como uma tentativa de assassinato. Saber que Trícia e Sophia estão bem me deixa mais tranquilo, porém, só irei sossegar quando colocar meus olhos sobre elas.

Decido ir para o lugar mais obvio possível: o apartamento de Nádia.

Chegando ao prédio escolhido por ela para morar, pergunto ao porteiro e ele me confirma que ela está no imóvel.

Não tenho uma chave. Há dois meses achei desnecessário, mas hoje me arrependo. Não estou lidando com uma pessoa normal.

Toco a campainha e espero. Sem resposta, insisto repetidas vezes até que a porta se abre e Nádia aparece com uma toalha enrolada na cabeça.

— Luca! — diz com um sorriso no rosto.

Passo por ela tentando controlar o desejo de arrastá-la de volta para o hospital pelos cabelos.

— Vou lhe dar uma única chance de me contar a sua versão do que aconteceu hoje.

— Se aquela...

Ergo a mão, sinalizando para que se cale.

— Não desperdice o meu tempo. Estou por um fio com você.

Sem o sorriso de antes, ela caminha mancando até o sofá e senta com a cabeça baixa. Parece confusa, esfrega as têmporas. Conhecendo-a como agora conheço, não caio mais nesse joguinho.

— Eu estava aproveitando o meu dia, queria encontrar uma loja,

comprar o enxoval de nosso filho. Oh, Luca! A gravidez tem mexido muito com os meus reflexos. Acho que acabei distraído e quando vi duas pessoas passaram na frente do carro. Foi do nada. Eu juro que não vi.

— Duas pessoas?

— Sim! Desviei o carro e joguei para a calçada. Eu precisava salvar aquelas pessoas, meu querido. Elas estão bem. Você não perguntou, mas eu também estou bem. Fim.

— Tenho duas perguntas para você, Nádia.

Ela arregala os olhos com expectativa.

— Que carro? Você nem mesmo tem carteira de motorista. E o que você estava fazendo do outro lado da cidade?

— Carro?

Porra! Ela está de sacanagem com a minha cara.

— O carro que você estava dirigindo.

Ela começa a falar, mas desiste. Olha para os cantos e parece realmente perdida.

— Oh meu Deus, é verdade! Eu preciso devolver o carro.

— De quem é o carro? — sou mais incisivo.

Pressionada, depois de muito enrolar, ela diz que pegou emprestado com uma amiga que fez no prédio. Disse que se ofereceu para levar a vizinha ao aeroporto com o carro dela e depois o deixaria na garagem, mas decidiu dar um passeio.

Com certeza a tal vizinha não sabe que Nádia não tem habilitação e muito menos juízo para conduzir nem mesmo uma bicicleta.

— A polícia está atrás de você, Nádia.

Sem compreender a gravidade do seu ato, ela dá de ombros como uma criança.

— Por quê? Eu não matei ninguém.

— Graças a Deus! Se dependesse de você, seria bem diferente. Mas não



importa, porque não é a mim que precisa convencer, é ao delegado ou ao juiz... nem sei mais.

Sabendo que sua atitude terá consequências, ela fica nervosa, chora e promete se comportar. A mulher diante de mim em nada lembra a pessoa que conheci tempos atrás. Eu jamais imaginaria que chegaríamos onde estamos agora.

Mesmo nervoso, penso no meu filho e tento manter o controle da situação, mas não é fácil.

Está tarde, não vi as horas passarem no meio desse turbilhão.

— Vamos voltar para o hospital e fazer os exames que precisam ser feitos. Você tirou a bota ortopédica. Sabia que ela não foi colocada por estética? Que merda passa na sua cabeça?

— Eu não quero voltar para lá. Você não pode me obrigar.

— Acredite, eu posso.

Vou até o quarto e pego sua bolsa, duas mudas de roupa e volto para a sala. Se ela não é capaz de cuidar de si mesma, eu cuido. Pelo menos até o meu filho nascer.

Vendo que não estou brincando, Nádia se desespera.

— Eu já disse que não vou voltar para o hospital. NÃO VOU! — ela tenta correr para fora do apartamento, mas fecho a porta. — Vá embora, Luca. Eu não vou voltar para o hospital.

Inferno. Inferno, inferno.

— Porra, Nádia! Pense no bebê. Você bateu a cabeça, provavelmente sofreu algum impacto na barriga. E olha como está se exaltando. Deixe pelo menos eu te examinar.

É como se eu estivesse argumentando em outro idioma. Ela não entende e não faz o menor esforço para facilitar as coisas. Por fim, ligo para o hospital e chamo uma ambulância. Está claro para mim que ela não tem condições de cuidar de si mesma.

Parando abruptamente, ela se apoia em uma cadeira.

— Minha cabeça.

Corro até ela e pego-a em meus braços. Vamos até o sofá.

— Por favor, não resista.

Tento encostar em seu pulso, mas ela arranca o braço da minha mão e se encolhe em uma bola. A ambulância está a caminho, mas preciso me certificar de que ela esteja estável.

Meus esforços são nulos. Nádia continua descontrolada e agressiva.

Dez minutos depois, ela parece cansada demais para lutar. Quando finalmente consigo me aproximar, a ajuda chega e corremos com ela para a unidade móvel.

A pressão arterial de Nádia está muito alta e ela começa a perder a consciência.

Até chegarmos ao hospital, todos os procedimentos necessários e possíveis são tomados. Estamos lutando contra o tempo. Não é apenas uma crise de estresse ou cena. Nádia realmente não está bem.

Após passar por muitos exames, vem a notícia.

— Como ela está? — pergunto ao médico responsável por Nádia, Dr. Alfredo.

— Ela tem um aneurisma. Houve um AVC, Luca. — as palavras caem como bombas — A hemorragia foi drenada, mas não te darei falsas esperanças.

Conheço Alfredo há muitos anos. Ele trabalha no hospital desde antes de eu me formar. É um excelente médico.

— E o meu filho?

Ele balança a cabeça.

— Seu filho está no melhor lugar possível: dentro da mãe dele. Acho que você sabe melhor do que eu quais são os próximos passos. Eu estou fazendo o melhor que posso pela mãe, cuide do seu filho.

Alfredo tem toda a razão.

## **Surpresa para todos os lados**

As quarenta e oito horas que se seguiram no Malamam Apart Rio foram de total dedicação ao caso de Nádia. Os melhores e mais capacitados profissionais se uniram para formar uma equipe multidisciplinar. Em nenhum outro lugar ela seria tão bem assistida.

A família da moça foi avisada e trazida de São João da Barra direto para o hospital. Infelizmente eles não tinham as melhores notícias.

O aneurisma encontrado na cabeça de Nádia havia sido diagnosticado meses atrás, antes mesmo dela se envolver com Luca. Por algum motivo que ninguém poderia responder, a jovem ignorou completamente o seu problema de saúde e se mudou de vez para o Rio, evitando o contato com a família.

Foi uma grande surpresa para os pais descobrir que Nádia estava grávida. Para os dois, a filha havia decidido voltar para o lugar onde se sentia bem e seguir com a sua vida da forma que sempre fez. Apesar de ter bons pais, Nádia nunca foi uma boa filha e sempre desejou mais do que o caminhoneiro e a dona de casa poderiam oferecer.

Segundo dona Laureta, a mãe de Nádia, a filha sempre fora dada ao luxo e nunca mediu esforços para conseguir o que queria. Eles temiam pelas escolhas da filha, mas já haviam largado de mão.

Em meio ao momento mais difícil da sua vida, Luca se via sozinho.

Sem sair do hospital há dias, estava claro para quem colocasse os olhos sobre ele, que não estava sendo fácil. Um misto de culpa, remorso e dor corroíam cada centímetro do pediatra. Mesmo sabendo que o problema de Nádia era pré-existente, por dentro ele sofria. Lamentava não ter podido fazer nada.

## Afogado em culpa

Luca

— Meu irmão, posso entrar?

Milena abriu a porta depois de uma suave batida.

— Entre.

Olhei para a minha irmã e fiz sinal para ela sentar na poltrona da frente. Minha sala no M.A.R tem servido como um quarto temporário desde a última sexta-feira.

Estou deitado no desconfortável sofá de dois lugares tentando descansar um pouco.

— Como você está?

A resposta é óbvia, mas...

— Estou esperando o pesadelo acabar. Quem sabe dou sorte.

Milena se estica e toca o meu braço. Sempre tivemos uma relação de muita cumplicidade. Olho para ela, sabendo que quer dizer alguma coisa e espero.

— Tem falado com a Trícia?

— Nós conversamos. — a lembrança me entristece. — Ela não queria falar comigo antes, mas parece que um passarinho contou a ela o que aconteceu.

Milena dá de ombros.

Quando contei que Trícia havia se afastado, minha irmã deu um jeito de resolver as coisas. Eu não tinha condições de ir atrás dela e havia sido bloqueado de todas as formas. Uma maneira nada sutil de dizer que era o fim.

— A Trícia não sabia de nada, Luca. Me colocando no lugar dela, entendo como se sentiu. Desculpe me meter, mas alguém precisava contar. Agora me diga, vocês conversaram?

— Ela me ligou, pediu desculpas por ter se afastado sem saber o tamanho do problema. Foi bom conversar e colocar as cartas na mesa.

— Mas então? Vocês estão bem?

Quem dera se tudo fosse tão simples assim. Entre mim e Trícia existem tantas micro histórias que não sei qual será o nosso futuro.

— É complicado, Milena. — sento — Acabou.

Milena parece não acreditar no que digo. Ela fica de pé e anda pela sala dizendo o quanto inacreditável a situação é. Minha irmã tem um jeito intenso, acalorado e marcante de ser. Ela se parece muito com a nossa mãe.

— Não, Luca, eu não acredito que ela abandonou você sabendo de tudo que está passando. Que espécie de mulher a Trícia se tornou? Desculpe, mas isso não pode ficar assim. eu vou até lá e...

— Eu terminei com ela.

Recebo um olhar surpreso.

— Você?

— Isso mesmo. — deito novamente — Agora, por favor, me deixa sozinho. Preciso dormir pelo menos duas horas. Só isso que te peço. Me deixa sozinho e não se meta.

Ela reluta um pouco, mas sai.

Como explicar o que fiz? Nem eu mesmo compreendo as vezes.

Quando Trícia me ligou, conversamos muito. Acredito que passamos a última madrugada inteira ao telefone. Em alguns momentos apenas escutando a respiração um do outro. Ela disse que viria até mim, mas a proibi.

Depois de tudo que aconteceu, cheguei a conclusão que o melhor a fazer e colocar a minha vida nos eixos, para só então pensar em incluir mais alguém na equação.

Não posso estar em um turbilhão de problemas e carregar duas pessoas inocentes comigo. Trícia e Sophia são importantes demais para mim. Eu jamais seria feliz as custas do sofrimento delas.

É complicado e sei que a tendência daqui para frente é piorar. Em todas as possibilidades, estou quebrado de alguma forma. Como posso pegar uma mulher linda, independente e feliz e jogá-la nesse túnel escuro que nem mesmo eu sei onde dará?

Quando o sol começava a nascer, dei adeus ao amor da minha vida.

— Preciso ir. — eu disse quase sem coragem.

— Tudo bem. Posso te ligar na hora do almoço para saber como estão as coisas? Pensei em ir aí mais tarde.

— Acho melhor não.

— Tudo bem... nos falamos pelo telefone então.

Pelo tom da sua voz, eu sabia que a compreensão começava a bater.

— Não, Trícia.

Ela ficou em silêncio. Nós dois ficamos.

— Luca...

— Vamos acabar com isso por aqui. A gente sabe que não tem mais jeito.

— Se está fazendo isso pelo que aconteceu na sexta, eu errei em me afastar. Não quero jogar o que temos pela janela, Luca. Eu estou aqui, estou do seu lado. Vamos enfrentar qualquer coisa que acontecer daqui para frente juntos.

Como pode se entregar tanto?

— Acho que nós dois sabemos que não é bem assim.

— Claro que é. — percebo a mudança em sua voz. Ela está segurando o choro — Eu te amo. Eu só precisava digerir aquilo tudo, mas estou aqui para você.

— Eu não estou aqui para você, Trícia.

Merda! Que merda! Que inferno!

— É isso? Acabou mesmo?

— Eu tenho outra prioridade agora. Segue o seu caminho, morena. Quem sabe a gente se encontra lá na frente?

— Quem sabe...?

Ouçó a sua respiração. Eu sei que está chorando e choro também. Não me envergonho de sangrar por ela.

Sem noção do tempo, ficamos os dois calados, cada um de um lado da cidade, mas unidos no mesmo sofrimento.

O som da sua respiração é reconfortante. Não quero desligar e perder isso.

Horas depois quando Milena saiu da minha sala, a dor ainda estava lá. Talvez a dor nunca vá embora, porém, preciso focar em outra pessoa.

— Dr. Luca, — uma das enfermeiras entra na minha sala de supetão — O neurologista precisa falar com o senhor.

— Aconteceu alguma coisa?

Pelo seu olhar, vejo que é sério.

— É melhor o senhor ir logo.

Saio em disparada pelos corredores do hospital. Subo dois andares até o CTI. Meu coração não bate, ele salta como um cavalo de corrida em plena prova. Alfredo não mandaria alguém até mim se não fosse algo de extrema importância.

Chego ao corredor do CTI e vejo meus pais, Milena e os pais de Nádia reunidos com Dr. Alfredo.

— O que aconteceu? — pergunto.

Olho para todos. Os pais de Nádia mantêm seus rostos abaixados, meu pai sustenta uma expressão neutra e minha mãe ergue os braços para mim.

— Agora que estão todos aqui, precisamos conversar. Vamos até a minha sala.

Conhecendo o meu pai, posso dizer que sei o que aconteceu. Vejo em seus olhos. Ele não está aqui como meu pai, nem como avô. Dr. Lorenzo

Malamam está aqui como médico.

Acomodados e tensos, esperamos que o neurologista, Dr. Alfredo, comece a falar.

— Estamos com a paciente desde que ela deu entrada no hospital após sofrer um acidente vascular cerebral, decorrente de um aneurisma. A hemorragia foi drenada e todos os procedimentos tomados imediatamente. Todo o possível foi feito.

— Está dizendo que perdemos a nossa filha? — questiona a mãe de Nádia.

— Hoje às 20h08min diagnosticamos a morte encefálica de Nádia Castilho. Sinto ser o portador de tal notícia, mas existe outra vida em jogo e precisamos agir.

A morte de Nádia mexeu muito comigo, tanto que por um momento esqueci que dentro dela ainda está o nosso filho.

— Preciso conversar com a equipe. — digo imediatamente.

— Filho, nós sabemos o que devemos fazer, mas não acha que os pais de Nádia merecem e devem ser informados?

Volto-me para o casal sofrendo ao meu lado. A filha deles não está mais aqui, e não posso imaginar a dor que estão passando.

Seguro as mãos de Laureta. Nesses dois dias compartilhamos uma dor e estreitamos nossos laços da pior maneira possível. O pai de Nádia, Sr. Castilho, também tem vivido em um estado lamentável.

— Do que temos que ser informados? — eles perguntam

Nessa hora, meu pai toma a frente da conversa.

Ele explica que o cérebro de Nádia não está mais funcionando e que isso é algo irreversível. Nada mais pode ser feito para que ela volte a vida. É uma questão de tempo para que ocorra a falência dos órgãos. Neste momento o que mantém o corpo de Nádia funcionando são drogas e diversos aparelhos de última geração.

A conversa se estende. Meu pai e Dr. Alfredo explicam detalhadamente



para Laureta e Castilho todos os protocolos para o diagnóstico de uma morte encefálica e dão a eles a possibilidade de solicitar a avaliação de um médico da confiança deles. Coisa que é descartada pelo casal.

Após isso, iniciamos uma nova conversa. Essa, sobre o meu filho.

De posse de todos os recursos médicos e estruturais nas mãos, decidimos que o correto a fazer é manter o bebê na segurança do útero materno.

— Mas vocês disseram que a minha filha está morta? Assim vamos perder o neném também. — diz Castilho apavorado.

Como pediatra me vejo na obrigação de explicar com mais simplicidade para que eles entendam.

— Laureta, Castilho, escutem. Infelizmente Nádia não está mais com a gente, o corpo dela ainda está funcionando, mas isso será breve. O nosso filho está vivo e bem dentro da barriga da mãe dele. Nádia funciona agora como uma incubadora humana, mantendo o bebê confortável e em desenvolvimento.

— Isso é certo?

— É a única opção. — digo — São apenas 20 semanas de gestação. O bebê ainda não está pronto para deixar o útero. Ele não teria chances de sobreviver. Se o mantivermos dentro da barriga da mãe, ganharemos tempo e com isso mais chances. Quanto mais semanas, melhor.

Minha mãe pede que deixemos os dois a sós.

Não há a menor possibilidade de eu permitir que o meu filho seja sacrificado. Ele tem a chance de viver e vou lutar para isso, mas entendo que os pais de Nádia precisam de um tempo para digerir todas as informações.

Vou até o CTI e converso com os intensivistas, enfermeiros e especialistas. É uma situação muito delicada, onde as chances existem, mas são poucas.

Depois de passarem um momento com a filha, Laureta e Castilho saem do CTI com os olhos cheios de lágrimas e uma expressão de dor gigantesca. Muito me dói assistir o sofrimento dos dois, principalmente porque ainda não

me perdoei.

O senhor Castilho me chama de canto.

— Luca, se vocês podem salvar o bebê, nós apoiamos. Tente o que for preciso, mas não permita que o nosso neto se vá também.

As palavras ficam presas em um nó na minha garganta. Ele continua.

— Já perdemos um, não queremos perder os dois.

Tomado pela emoção, o abraço. A dor e a união são sinceras.

— Obrigado por me ajudarem a salvar o meu filho. — digo sem conter a emoção — E me perdoem por não ter sido capaz de salvar a filha de vocês. Eu deveria ter sido capaz de enxergar que algo estava muito errado com ela.

Os braços apertam mais a minha volta. Com os olhos fechados, escuto a voz mansa de dona Laureta.

— Filho, nem nós conseguimos ajudar a nossa filha. Depois do diagnóstico, ela se tornou incontrolável, parecia se vingar do mundo. Por favor, não se culpe. A dor já é grande demais acreditando que foi só a vontade de Deus.

Mesmo sem saber, ela tira um peso das minhas costas. Sei que esse fantasma ainda irá me assombrar por muitos e muitos anos, mas agora, neste exato momento era tudo que eu precisava ouvir.

Todas as providências necessárias foram tomadas com o intuito de que o meu filho siga se desenvolvendo dentro da barriga da mãe dele. Um leito de cti totalmente isolado é montado e um aparelho de ultrassonografia é deixado à disposição. Como medida de segurança, o bebê será monitorado três vezes ao dia pelas imagens.

Cada detalhe é pensado e repensando por uma equipe multidisciplinar que conta com vários profissionais. Eu e mais três pediatras estamos envolvidos e totalmente dedicados ao caso.

Além de nós do corpo médico, muitos enfermeiros, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, psicólogos e outros profissionais estão a postos esperando a chegada do meu filho.

Durante a primeira semana vivi um período de adaptação. Precisei colocar o pé no freio e tirar férias forçadas do consultório. Frodo também foi afetado pela nova fase e está passando uma temporada com Otaviano.

Duas batidas à porta da minha sala e ela se abre. Meu pai aparece vestindo o seu jaleco branco. É a imagem mais antiga que tenho na vida, acho que é mais comum para mim vê-lo usando jaleco do que jeans. Filho de médico tem dessas coisas.

Quando nasci, meu pai estava engajado em trazer para o Rio o mesmo porte hospitalar da unidade de São Paulo. Foi uma época movimentada por muitos anos.

— Transformou isso aqui em um quarto. — ele olha envolta — Poderia ter pego um dos apartamentos.

— Não queria me sentir um paciente.

Ele está impressionado porque eu troquei o sofá de couro desconfortável por um sofá-cama de tecido que estava abandonado no almoxarifado.

É tarde e estou me preparando para dormir.

— Filho, não quero parecer indiferente. Acredite, eu e sua mãe entendemos o que você está passando. Acho que nunca esquecerei o tanto que sofremos. Mas acredita mesmo que é necessário se mudar para cá?

— Não consigo ficar em casa. — coloco as mãos nos bolsos — É como se eu estivesse abandonando parte de mim. Parece loucura, mas falta alguma coisa lá que antes não faltava, pai.

Abaixo a cabeça envergonhado. A emoção entalada faz meus ossos doerem.

— Falta o seu filho. Eu sei o que sente.

— É louco, né? Ele nunca esteve lá... Eu nunca coloquei meus olhos sobre ele.

— Mas já existe amor.

Concordo com a cabeça.

Fico parado olhando para o chão, meu coração pequeno dentro do peito. As coisas estão tão diferentes agora. Nunca estive assim... vulnerável.

As lágrimas tomam a minha visão, mas posso sentir o aperto confortável que conheço como ninguém. Meu pai me protege, envolve seus braços ao meu redor como se eu fosse aquele menino ardeiro que costuma voltar para casa com o joelho ralado ou a testa marcada.

É bom estar aqui novamente.

— Eu sonhei com vocês por muito tempo. Sonho com o seu irmão até hoje. Lamento por não ter estado lá quando devia. Não quero que passe pela dor que eu passei, meu filho, mas se isso acontecer... Estarei aqui.

— Eu tinha que ter percebido, pai. — me afasto — Nádia nunca foi muito centrada, mas desde que voltou era tão claro. Ela não estava bem. Parecia... perturbada.

— Como você suspeitaria de um aneurisma apenas se baseando no comportamento de uma pessoa?

— Não sei. Era para eu ter questionado, observado mais. Sei lá... Eu deveria ter feito mais do que fiz.

— Pare, Luca. — diz meu pai segurando meu rosto entre as mãos — Nada do que você fizer agora irá mudar o destino de Nádia. Se o problema é esse, sou médico a mais tempo do que você. Não percebi nada de diferente nela. Era impossível, meu filho. Perdoe-se de uma vez por todas.

— Não consigo.

Eu não queria sofrer por isso, mas é involuntário. Tenho pesadelos e acordo durante a noite pensando sobre o que poderia ter feito e não fiz.

— O que você faria hoje?

A pergunta me faz pensar.

— Eu... eu não sei. — e é verdade — Talvez, se eu tivesse permitido que ela ficasse no meu apartamento ou se eu tivesse a trazido a força para o hospital. Quem sabe menos dois ou três minutos...

— Você só diz “se eu tivesse”. Pare de se culpar. Ela está morta,

Luca. A culpa não é sua. Não foi você que colocou um aneurisma na cabeça dela, e muito menos que provocou a hemorragia dele.

— Não fui eu. — digo baixo.

— Não foi, filho.

A visita do meu pai teve um reflexo direto no meu sono. Depois de muitos dias mergulhados em pesadelos e cochilos sem qualidade, finalmente consigo dormir. A última vez que me lembro de olhar no relógio eram quinze para a meia noite. Acordei às 6h45min com uma mensagem de Trícia.

“Espero que esteja tudo bem com você. Sua irmã tem me mantido informada. Só queria dizer que ainda estou aqui.”

— Bom dia, meu amor. Eu também estou aqui. — digo olhando para a foto dela no celular.

Não é o momento de recuperar essa parte da minha vida. Só espero que Trícia ainda esteja lá quando eu me sentir pronto.

Não foi a primeira mensagem desde que terminamos. Todos os dias, em algum momento, ela me escreve. Por mais simples que seja, isso mantém uma chama acesa dentro de mim.

Eu sei que Milena está sendo um portal de notícias. É a cara da minha irmã fazer esse tipo de coisa, mas só quando ela realmente gosta da pessoa. A invocada da minha morena conquistou todos da família. Ontem mesmo mamãe esteve aqui e disse que passaria na casa dela para deixar uma lembrança para Sophia.

Sophia: sinto falta daquela pequena pimenta. Ela nem teve tempo de brincar com Frodo como eu prometi que faria.

Tomo um banho. Minha sala tem um banheiro pequeno, porém confortável. Organizo a bagunça e subo para o CTI.

Laureta e Castilho voltaram para São João da Barra. Eles não querem viver este longo velório e eu entendo a posição deles. Nádia não está mais aqui, mesmo que o seu corpo nos faça pensar que sim, sua consciência não vive mais. Ver a filha inerte sobre a cama e ligada a tantos aparelhos, era doloroso demais.

Quando for a hora, eles retornarão.

A minha nova rotina se resume em acompanhar segundo a segundo o desenvolvimento do meu filho e garantir que ele passe os seus dias ouvindo a minha voz e não os sons de um centro de tratamento intensivo com seus apitos e bips. Por isso leio em voz alta, canto, converso com ele.

Acho que estamos evoluindo bem.

## **O mundo gira sem pausa**

Por trás de cada janela de um prédio, existe uma história, uma pessoa, dores e amores. As pernas apressadas que vão de um lado para o outro entre largas avenidas, também possuem marcas, manchas escondidas ou sucessos aclamados. Nunca se sabe o que há do outro lado.

Luca não era o único pai a sofrer entre as paredes daquele enorme complexo hospitalar. Muitas outras famílias viviam seus dramas e angústias, cada uma com tamanho e proporção imensurável.

A maior dor é sempre a que sentimos.

Quem diria que a bela e independente Trícia, arquiteta de sucesso, mãe solo e mulher sorridente, sofria a noite? Lágrimas de um amor perdido, soluços de um coração vazio. Ninguém é capaz de imaginar o que se passa quando a maquiagem sai e as luzes se apagam.

Há momentos indivisíveis. Outros multiplicáveis.

Enquanto o filho se dedicava a aquele que ainda não conhecia, Dora, a mãe de Luca, estava com os joelhos no chão orando pelo seu menino, que de repente precisava criar forças e nascer homem. Por mais homem que fosse, para a mãe seria sempre aquele garotinho dos olhos brilhantes.

E assim também era com Lorenzo Malamam, que por trás da imagem de médico respeitado, sob suas rugas adquiridas pela idade, lamentava por ver o filho sofrer uma dor que conhecia bem. Era uma pena, mas nada se pode fazer quando a dor é do outro. Apenas assistir e esperar que passe.

Os pais sempre estarão de braços abertos para catar os caquinhos.

E o tempo passou. O mundo girou...

Um mês... dois meses ... Um pouco mais.

É tempo de mudança. Lágrimas para uns, sorrisos para outros. Nem tanto lá, nem tanto aqui.

## Eu ainda estou aqui

Trícia

Depois de duas semanas fora, estou de volta à minha rotina normal. Com as férias de Sophia e a conclusão dos principais projetos em que vinha trabalhando, resolvi que era um bom momento para me afastar de tudo.

Os últimos meses não têm sido fáceis.

Para onde você vai quando quer fazer uma criança feliz? Disney!

Peguei a minha filha e Odeth, meu anjo da guarda, fiz as malas e simplesmente, fui. Eu precisava disso e Sophia também. Por menor que tenha sido, o tempo que ela conviveu com Luca foi marcante e todos os dias ela perguntava por ele. Era exatamente o que eu temia.

Mesmo longe, não resisti ao impulso de me fazer presente. Dia após dia enviei mensagens para Luca, todas lidas e todas sem resposta. Ele não quer a minha companhia, e eu entendo isso, mas sinto a sua falta.

Não deve ser fácil passar pelo que ele está passando. Tenho conversado muito com Milena e as vezes com dona Dora. Elas dizem que ele tem passado os dias dentro do quarto onde o corpo de Nádia é mantido funcionando. Uma realidade mórbida demais para mim.

Chego a ficar toda arrepiada só de lembrar da discussão que tive com ela. Ainda sinto o peso do seu olhar carregado de ódio sobre mim e o poder das suas palavras.

No mesmo dia que tentou me matar, Nádia perdeu a vida.

Credo! Parece carma, castigo... lei do retorno. Seja lá o que for.

Pego Sophia na escola e vamos direto para uma lanchonete que ela adora. Prometi que teria uma surpresa na saída. Não me importo com a hora, ficamos juntas brincando, comendo e rindo sem qualquer preocupação. Gosto de plantar boas memórias na mente da minha pequena.

— O Luca vem? — ela pergunta do nada.



— Hoje não, meu amor. Te falei que ele está resolvendo assuntos de família, lembra?

Ela concorda com a cabeça, morde o seu hambúrguer e, da mesma forma que lembrou, esquece o assunto.

Voltamos para casa com o pedido de Odeth na sacola e dois balões de princesas que compramos no sinal.

Estou inquieta, andando de um lado para o outro como formiga na areia quente. Não consigo ficar no sofá e nem deitada no meu quarto. Depois de colocar Sophia para dormir, fui e voltei da cozinha pelo menos cinco vezes sem precisar de nada lá.

Enquanto Odeth separa o que pretende fazer para o almoço de amanhã, abro a geladeira e vasculho bobagens na dispensa.

— Está tudo bem, Trícia?

— Aham.

— Esse som tem um significado?

Fecho a porta da geladeira e paro olhando para a minha fiel ajudante.

— Estou bem. Só tenho fome e não sei o que quero comer ainda. Acho que é isso.

Odeth vira a cabeça para mim e me olha por cima do ombro com desconfiança. Depois de muito me examinar, ela diz sem se alterar.

— Você não está com fome, está com saudade. Essa cafubira desinquieta é saudade.

— Não é isso...

— Por que não vai até ele? — pergunta com a faca em uma mão e uma cebola na outra — Vai esperar mais o que?

Por que não vou?

É uma boa pergunta.

— Ele terminou comigo, Detinha. Se fez isso, é porque não quer me ver.

— Acha mesmo? Acredita no que está falando?

— E o que eu deveria pensar?

Detinha vem até a mim sem falar nada. Com o dedo indicador cheirando a tempero, ela dá um peteleco no meu nariz e sorri, destacando as rugas que a idade lhe deu.

— Chega de pensar, é hora de agir. Ele gosta da mulher de atitude que tu sempre foi, da sua independência e força. Quando ele mais precisa, tu te mostras fraca e conformada? A mulher que eu conheço não é mole não.

Dito isso, ela volta ao que estava fazendo e me ignora completamente. Fico ali parada, pensando e ponderando o certo e o errado. Não posso simplesmente fazer isso. Luca está lá velando a ex e esperando pelo nascimento do filho.

— Está esperando o que?

A voz de Odeth me arranca dos meus devaneios. É como um choque elétrico dando-me energia.

— Se precisar de mim, estarei no celular.

Vou para o meu quarto, entro em um vestido grafite que cobre até o final da minha coxa, calço um par de sapatilhas pretas e pego a minha bolsa. Estou discreta, clássica.

Não quero que pareça que tenho a intenção de seduzi-lo. Nem tem clima para tal coisa.

Ao chegar ao hospital o primeiro pensamento que vem a minha cabeça é o de desistir. Olho para trás e vejo as pessoas submersas em seus próprios problemas, mas a sensação é que sou o centro das atenções.

Devo estar ficando paranoica.

Cheguei até aqui e não sei como prosseguir. Olho para a recepção em ensaio um “Olá, vim falar com o Dr. Luca Malamam”, mas nem sei onde exatamente ele atende ou se está recebendo visitas.

As placas dizem que estou no pronto atendimento.

São três prédios dentro de um mesmo complexo. Nunca estive aqui,

nem mesmo para ser atendida.

Resolvo enviar uma mensagem para Milena.

“Como posso encontrar o seu irmão?”

Quase imediatamente, ela responde.

“Indo até o hospital”

Gênio!

“Estou aqui”

Ela começa a digitar alguma coisa, mas para. Passam uns segundos e então vem a resposta.

“Quarto andar. Sala 412”

“Obrigada!”

Sinto como se estivesse fazendo algo muito errado, mas agora é tarde para voltar a trás. Vou até o elevador sem passar pela recepção e subo até o quarto andar com o coração aos pulos. É um imenso corredor com paredes verdes e chão brilhante. O cheiro característico de hospital me lembra o dia que Sophia nasceu.

O corredor faz uma curva, dando de frente para uma pequena e elegante nova recepção. Duas moças levantam o olhar enquanto me aproximo, uma delas no telefone.

— Ela está chegando aqui, doutora. Pode deixar.

— Boa noite, sou Trícia... Gostaria de ver o doutor Luca Malamam.

As duas trocam um olhar cúmplice e a que estava no telefone se levanta.

— A doutora Milena avisou sobre a sua chegada. Seja bem-vinda. — como assim? — Depois daquele extintor, a segunda porta à direita. Pode entrar e aguardar.

Olho para o corredor localizando o extintor vermelho vibrante.

— Ele está para chegar? — pergunto.

— Não sei dizer que horas ele deve descer hoje, mas acredito que ainda demore um pouco. Se precisar de alguma coisa, é só apertar zero no telefone.

— Ok. Obrigada!

A sala de Luca não é exatamente como eu esperava. É evidente que ele está acampado aqui. Entro, deixo minha bolsa em uma das cadeiras e vou até a janela. Observo a avenida do outro lado do vidro e o estacionamento lá embaixo.

As luzes deixam a cidade convidativa.

Exploro o lugar, olho as fotos da família, um quadro curioso na parede. Em um frigobar embutido no armário encontro coisas para beliscar. É bem a cara de Luca não passar fome. Impossível não sorrir quando encontro restos de pizza. Pela embalagem, eram uns 8 pedaços, mas só restou um.

Sinto muito, mas vou comer. Estou morrendo de fome.

Aproveito a cama improvisada para me acomodar e responder alguns e-mails pelo celular. Tiro os sapatos, ligo o ar condicionado e cubro minhas pernas com a manta que encontrei dobrada.

Acho que a recepcionista estava falando sério quando disse que ele não desceria logo.

O que seria de mim sem os meus ebooks?

Escolho um dos muitos romances de época que tenho na minha pasta de ebooks favoritos, mas por alguma razão ele não me prende. Insisto. Abro o site da Amazon, passeio entro os mais vendidos até encontrar um que chame a minha atenção. Literalmente escolho um livro pela capa.

“Paixão Súbita” parece-me quente e envolvente. O tipo de livro que faz o tempo passar voando.

E é exatamente o que acontece. Mergulho de cabeça na história, olho cada acontecimento pelos olhos da mocinha e não vejo as horas passarem. Em algumas partes preciso de uma pausa porque o casal principal emana sensualidade. Quando eles finalmente se entregam a paixão, pego-me cruzando as pernas com mais força e lambendo os lábios.

É puro tesão.

Estou justamente em um trecho intenso, quando a porta se abre. É Luca. Ele parece cansado e espantosamente não percebe que estou aqui. Entra, fecha a porta e tira os sapatos.

Fico imóvel olhando para ele. Sinto como se não o visse há anos. Meu coração para dentro do peito esperando pelo seu olhar. São poucos segundos que passam em câmera lenta.

Vejo-o levar os dedos aos botões da gola da camisa e abri-lo. Depois o segundo, o terceiro e... De repente, ele ergue a cabeça e me encara. Parece duvidar do que seus olhos veem.

— Trícia?

— É... Eu precisava te ver. — digo em um fio de voz.

As luzes estão apagadas, exceto pela iluminação indireta de um dos quadros da parede principal. O ambiente inteiro está levemente âmbar.

— Uau! — Luca apoia as mãos no quadril — Eu não esperava por isso.

Eu tenho duas opções: ficar aqui sem reação admirando o seu rosto cansado ou fazer o que tenho vontade.

Oh, por favor! Nem preciso pensar.

Fico de pé. Nossos olhos presos um no outro. Descalça, estou muito mais baixa do que ele, mas gosto da sensação que isso causa em mim e sei que ele também.

Aproximo-me, sem dizer nada e sem desviar o olhar. O brilho que vejo é o de sempre, porém, a sua reação não. Luca permanece imóvel. É como se acreditasse estar em um sonho. E pela forma que me encara, um sonho bom.

— Devo partir? — pergunto com medo da resposta.

Ele não diz nada, mas foca em meus lábios. Sinto-me cobiçada.

Percebo minha boca seca e escorrego a língua para fora, na intenção de hidratá-la.

— Diz alguma coisa, por favor, Luca.

Não sei o que esperar. Ele simplesmente não reage.

— Deixe eu te admirar um pouco mais. — sorri — Estou com medo de piscar e você desaparecer.

Oh, não! Estou aqui, sou real.

Luca sorri. Percorre as mãos pelas laterais do meu corpo até segurar o meu quadril com firmeza. A pressão mexe comigo. Estamos há tanto tempo separados.

— Me beija. — peço.

Fico na ponta dos pés e junto nossos lábios.

Luca me beija. Empurra sua língua contra a minha, domina o beijo segurando o meu rosto. É instantâneo. Bastou um toque para a explosão acontecer de forma descontrolada. Mergulhamos de cabeça. Ele anda comigo até o sofá-cama e deitando sobre mim, continua a me devorar. Não só os lábios, mas também o rosto, queixo e pescoço.

Envolvo minhas pernas ao redor dele e prendo minhas unhas na pele das suas costas depois de puxar sua camisa para fora.

Saudade. Desejo. Vontade.

Não posso dizer o que eu mais sinto. Um compilado de sensações indo e vindo enquanto a boca quente e faminta de Luca passa pelo meu corpo carente. Permiti e implorei por um pouco mais. Gemendo baixinho para que ele simplesmente continuasse.

Uma de suas mãos segurou o meu joelho e de lá subiu até a minha coxa. Abri um pouco mais as pernas. Os dedos chegaram ao centro onde o tecido que cobria a minha entrada estava molhado. Muito molhado. Ouvi um rosnado por isso.

Luca abandonou o meu pescoço, onde sua barba por fazer, arranhava a minha pele. Achei que fosse parar quando olhou direto em meus olhos, mas dali dedicou-se aos meus seios.

Oh que privilégio é ter um homem que sabe usar a boca!

Minha cabeça cai livre para trás. Minhas costas apoiadas no braço do sofá evidenciando ainda mais os meus seios para Luca chupar. A essa altura o vestido está embolado na minha cintura. Luca me masturba com os dedos e suga meus mamilos alternadamente. É uma delícia.

Estou tão perto de gozar.

Sou agarrada pela cintura e colocada de quatro. Luca me domina e me devora de tal forma que não tenho voz. Baixo a cabeça, mas mantenho a bunda para o alto. Ele aproveita e enfia o rosto na fenda úmida e lambe sem dó.

Não quero gritar. Preciso controlar os meus gemidos.

— Empina mais essa bunda, Trícia. Esfrega na minha cara.

Rebolo em seu rosto. Empurro conta a sua língua enquanto ele me fode com a boca.

A única coisa que importa é o que estamos dando e recebendo. Nada mais.

Ouçó Luca arrancar o cinto e vejo suas roupas voarem pela sala. Sem forças para olhar para trás, fecho os olhos apreciando o momento. A excitação chega a doer nos ossos, meu útero se contrai.

Quando Luca agarra minha cintura, empino ainda mais a bunda e ele entra sem dizer nada. Gememos. Não há intervalo. A palavra é volúpia. Luca investe em mim repetidas vezes sem pausa, rosnando, gemendo... com força.

Adoro cada segundo.

Estou louca. Empurro de volta fazendo-o entrar ainda mais fundo. Ficamos nessa dança erótica até que chegamos ao limite e o orgasmo vem destruindo qualquer resquício de sanidade. Tombo sem qualquer elegância sobre o sofá. Luca vem junto comigo e adormeço pouco depois de ouvi-lo dizer que me ama.

## Só espero não me arrepender

Luca

“Onde você está?”

A primeira coisa que faço ao acordar é enviar uma mensagem para Trícia. Ela deveria estar aqui, mas acordei sozinho.

“No trabalho.”

“E por que não me acordou antes de fugir?”

A palavra “digitando” aparece e espero.

“Desculpe. Não quis te acordar, você parecia cansado.”

“Estou me sentindo abusado rs”

Trícia envia uma carinha chocada seguida de socos e um coração. Realmente não sei o que ela quis dizer.

“Não posso falar agora, mas se quiser, passo aí na hora do almoço. Milena me contou que o restaurante do hospital é muito bom.”

“Está me chamando para almoçar?” — pergunto

“Aceita?”

Mando um joinha e um coração.

No CTI, leio acomodado em uma poltrona. Estou colocando todos os livros que já desejei ler, em dia. Não me prendo a histórias infantis. O importante é que o meu filho escute o som da minha voz.

Por volta das 9h da manhã Fred me liga dizendo que está no jardim do hospital. Meus amigos têm vindo com frequência. Eles não podem entrar no CTI, mas se fazem presentes de todas as formas: seja mandando mensagem, vindo tomar café da manhã comigo ou almoçar. Otaviano outra noite mandou entregar um churrasquinho e uma cerveja lá na minha sala. Disse que erra para me relaxar. Fez efeito.

Fred quer conversar um pouco, saber como estou me sentindo depois



de todo esse tempo. São mais de dois meses em uma rotina emocionalmente cansativa e mentalmente estafante.

Nunca imaginei estar onde estou agora, mas preciso enfrentar o problema que se apresenta da melhor forma que encontrar. Não há outra maneira, não há volta ou curva possível.

Desço ao seu encontro e sentamos um pouco debaixo de uma das árvores que temos aqui. Nunca entendi o motivo de meu pai fazer tanta questão de ter uma área verde no complexo. Parecia desperdício de espaço. Hoje compreendo e agradeço, porque sair do frio e do clima do hospital por poucos minutos é do caralho.

— E aí, cara?

Como sempre, rola aquele abraço com dois tapinhas nas costas.

— Tudo... certo. Estamos indo bem.

— Que bom. E o moleque já tem nome? Estou cansando de ouvir essa pergunta da minha mãe.

Eita, porra!

— Ainda não pensei sobre isso.

Mas deveria ter pensado, afinal o meu filho precisa de um nome.

É estranho escolher algo tão importante, o nome que ele irá ser chamado para sempre. Parece ser uma decisão que Nádia deveria participar.

— A mãe nunca comentou nada sobre isso?

— Não.

— É. Acho que isso cabe a você agora, meu amigo.

Pois é. Parece que tudo cabe a mim daqui para frente.

Fred fica um pouco mais, conversamos e ele conta as novidades da vida lá fora. Nada que me surpreenda muito. Tirando o fato de Popy estar noiva. Está aí alguém que eu não consigo imaginar vivendo em um relacionamento sério.

Meu amigo se esforça em parecer indiferente, mas não convence.

Tento arrancar uma confissão dele, entender qual o verdadeiro envolvimento dos dois, porém, ele se esquivava.

Eu também nunca me imaginei como pai e estou aqui, não é mesmo?

De volta ao CTI, entro na internet e compro um ebook sobre nomes e significados. É uma bobagem, eu sei, mas preciso de um ponto de partida.

Enquanto leio os nomes em voz alta com uma das mãos sobre a barriga, alguns enfermeiros, o obstetra e o intensivista entram e saem do quarto. Os sinais vitais do bebê são monitorados constantemente. Precisamos ter certeza de que o corpo de Nádia está desempenhando a função de incubadora como esperamos, caso contrário, interrompemos o processo e partimos para o plano B: o nascimento mesmo que prematuro.

— O que acha de Raul? — pergunto para a barriga — Eu tive um professor de filosofia que se chamava Raul. Ele era legal. Ou Caio? Pedro? Pedro é bem comum, nome de gente responsável.

Leio um pouco mais.

— Se o Fred não fosse tão vagabundo, poderia se Frederico. É um nome forte.

Um dos sites que encontrei tem uma lista dos nomes mais usados no ano passado. Abro e leio todos em voz alta. Nenhum chama a minha atenção. Depois que me calo, sinto o meu filho chutar como se sentisse falta da minha voz.

Lembro da primeira vez que o senti mexer. Nádia ainda estava bem. Em uma das vezes que fui visitá-la, ela disse que ele estava mexendo e eu pude sentir. Foi estranho, mas tocou algum lugar especial dentro de mim.

Com 28 semanas ele mexe muito mais, parece estar um tanto desconfortável na barriga.

Eu não consigo decidir. E se eu escolher um nome que ele odeie no futuro?

Enquanto penso, tenho uma ideia. Procuro nos contatos e encontro o telefone de Laureta, a mãe de Nádia.

— Luca? Aconteceu alguma coisa? — ela sempre atende com a

mesma pergunta.

— Não. Seguimos sem alterações até agora, dona Laureta.

— Ah... Ainda tenho aquele fio de esperança. E o bebê, como está?

Conto um pouco sobre a evolução dos últimos dias, o ganho de peso e as vezes que mexe. A família de Nádia se mantém um pouco distante do neto, acompanhando sem muito envolvimento. Entendo o lado deles e respeito a dor.

— Eu liguei justamente para pedir ajuda em uma decisão importante.  
— digo calmamente.

— Decisão?

— Sim. Precisamos escolher o nome do bebê. Já que Nádia nunca me disse nada sobre isso, gostaria de saber o que vocês pensam sobre.

Ela não diz nada. Ouço apenas a sua respiração.

— Bem... eu não falei nada, porque achei que você soubesse. Quando fui ao apartamento e peguei as coisas dela, tinha um caderno. Acho que ela estava testando para saber qual ficaria mais bonito com os sobrenomes de vocês juntos.

— E então?

Nádia nunca me disse isso.

— Tinham vários riscados, mas um estava circulado e depois ele se repetia mais de dez vezes.

— Qual o nome? — pergunto interessado.

— Guilherme Castilho Malamam.

Guilherme?

Gosto.

— É um lindo nome. — digo estranhamente emocionado. Como se reconhecesse a palavra como o nome do meu filho.

Ouço o som de algumas páginas sendo folheadas.

— Aqui está escrito que significa protetor corajoso.

Sim. Ele será um homem de muita coragem. Farei o meu melhor para merecer tamanho desafio.

— Obrigado, dona Laureta. Nádia fez uma ótima escolha e vou respeitá-la. Ele se chamará Guilherme.

Laureta se despede, pede que eu cuide bem de sua filha e desligamos.

As bombas de infusão trabalham de forma ininterrupta para garantir que as drogas sejam administradas de forma precisa. Não é um ambiente agradável de estar e talvez por isso eu sinta como se estivesse aqui há muito mais tempo do que realmente estou.

Minhas costas estão me matando. Quando foi que pulei para os 65 anos?

Trícia chega e desço até o restaurante do complexo. Ela está linda, usa uma calça preta justa, camisa verde de botão e sapatos altos. Pode parecer pretensão, mas tenho certeza que ela soltou o cabelo porque sabe que gosto mais dos seus fios livres. Selvagem.

— A comida aqui é realmente boa. Eu jamais diria que estamos em um hospital.

— Diz isso porque não come aqui todos os dias. Em pouco tempo tudo parece ter o mesmo sabor.

— É porque você nunca comeu a minha comida.

— A pipoca foi o suficiente.

Meu comentário a faz sorrir.

Deus, nunca comi nada tão ruim quanto aquela pipoca. Ainda bem que ela é arquiteta e não cozinheira.

— Tem alguma novidade sobre o seu filho? — pergunta sem jeito.

— Guilherme.

— Como?

— Nada de bebê ou meu filho. Essa é a novidade, agora ele tem

nome: Guilherme.

Os olhos dela se iluminam.

— Que maravilha, Luca! É um nome lindo. Foi você que escolheu?

— Não. Liguei para Laureta e ela me contou sobre um caderno que encontrou no dia que foi esvaziar o apartamento. Guilherme foi o nome que Nádia escolheu para o nosso filho. Achei importante respeitar a vontade dela.

É estranho mencionar Nádia na conversa. Na verdade, é confuso falar dela no passado dentro dessa situação esdrúxula.

— É realmente um nome muito bonito e forte. Ela fez uma excelente escolha. — Trícia revira um pouco a comida — Luca... eu sei que não deveria perguntar isso, mas...

— Pode perguntar o que quiser.

Com o olhar intrigado, pergunta:

— Não existe nenhuma chance dela melhorar? Não seria o caso de procurar outro médico. Não... não estou duvidando da capacidade do seu pai e dos especialistas que avaliaram o caso, mas é que...

— É impossível.

— Mas o corpo dela está gerando um bebê.

— Sim, está. É louco, eu sei. Até mesmo para mim, que sou médico, é espantoso. Mas quanto a morte encefálica, não há volta. Todos os testes foram feitos e são muitos, cada um deles atestou que o cérebro de Nádia está morto. Não há volta.

Olho para ela. Está triste e parece tão cansada quanto eu. Reconheço nela um sentimento que carrego comigo, a culpa. Estamos os dois nos recriminando por algo fora do nosso controle.

— Você não fez nada para que isso acontecesse, morena. Pare de pensar bobagens.

— Eu estava entre vocês. — diz sem olhar nos meus olhos.

Seguro suas mãos sobre a mesa.

— Dentro de mim. Esse é o único lugar onde você está e sempre estive, Trícia. Eu te amo muito. Muito.

— Eu também te amo. Sempre amei.

Apesar da veracidade das minhas palavras, não quero prendê-la. Preciso que ela saiba que estou no momento errado e tenho que me dedicar totalmente ao meu filho. Guilherme precisa e necessita de mim mais do que eu mesmo.

Com os nossos dedos entrelaçados, aperto forte, sinto o calor da sua palma macia contra a minha. É tão bom tê-la aqui. A coragem falta, está por um fio. Quanto mais, depois da noite de entrega que tivemos, as palavras não querem sair.

— Trícia...

— Eu sei... estou vendo nos seus olhos.

Concordo com a cabeça.

— O que eu te disse por telefone, preciso dizer olhando nos seus olhos. Aquele cara totalmente disponível e livre de antes, não existe mais. O amor está aqui e é por isso que está sendo tão difícil. Só que eu preciso ser sincero. Não tenho como ser um bom homem para você neste momento.

— Eu quem decido que homem quero ao meu lado, Luca. Como pode definir o que é bom para mim?

— Você não está entendendo. O plano é conseguir manter o Guilherme por pelo menos mais duas ou quatro semanas dentro da barriga da mãe dele. Depois disso serão meses até poder cogitar sair desse hospital, Trícia.

— E eu posso estar ao seu lado. — argumenta.

— O problema é que eu não posso estar ao seu lado.

Trícia me encara pensativa.

— Você me diz para não pensar demais, que não fiz nada para que as coisas chegassem até aqui. Mas na verdade, está tão culpado quanto eu, tão melancólico quanto eu. Está se punindo por achar que teve responsabilidade

na morte de Nádia.

— E não tive? — digo entre os dentes.

— Não! Você fez tudo o que pôde.

Não fiz. Eu deveria ter feito mais, ter percebido a sua instabilidade e dado a devida importância a isso.

— O que vou falar para o meu filho quando ele tiver idade para entender, Trícia?

— A verdade.

— A verdade é que eu coloquei a mãe dele em um apartamento há vinte minutos do meu, quando poderia ter alugado um no mesmo prédio. A verdade é que eu lamentava não ter usado a porra de uma camisinha. A verdade é que eu queria torcer o pescoço da mãe dele quando descobri que ela havia colocado a sua vida em risco.

Meu coração está em disparada e minha respiração ofegante.

— Luca...

— Depois disso ela morreu. — apoio os cotovelos na mesa segurando a cabeça — Que espécie de homem eu sou?

— Um homem que estava sob pressão. Luca, nenhum homem aguentaria todas aquelas chantagens e cenas como você aguentou. Ela apareceu grávida depois de meses e você a recebeu sem perguntas, deu toda a assistência e ainda teve paciência com os chilikues. Pare de se martirizar tanto.

Vinte minutos depois ainda estamos conversando. Acho que eu precisava colocar algumas coisas para fora. Tirei muitos quilos das minhas costas.

Caminhamos juntos até o estacionamento para nos despedirmos. Me seguro ao máximo, porque sei que se beijá-la não irei suportar a sua partida. Conheço-a bem para afirmar que está me testando, colocando a minha decisão a prova. Enquanto fala, encosta no meu corpo, toca os dedos no meu rosto e sorri.

Vejo as segundas intenções claras como água.

Por fim, depois de muito tentar, Trícia desiste.

— Vou embora. Farei como pediu.

— Obrigado por entender.

Ela concorda com a cabeça.

— Um último beijo? — pede.

Porra! Por favor, não me tente. Está difícil demais para mim.

Minha boca quer devorá-la. Minhas mãos tremem. É como um vício mal contido.

— Trícia... por favor.

Ela ergue as mãos em rendição.

— Tudo bem.

— Dirija com cuidado, morena. E dê uns beijos naquela moreninha por mim.

Linda, com os cabelos emoldurando o rosto, ela entra no carro e antes de fechar a porta, olha para mim e sorri sem alegria. O carro sai lentamente e eu espero até que desapareça. Com o coração destruído, recolho o que sobrou de mim e volto para o hospital.

Foi melhor assim.



### 3 meses depois

**Luca**

Como já imaginávamos, passadas poucas semanas, o corpo de Nádia não responde mais aos medicamentos e uma infecção começa a se espalhar, colocando em risco a vida de Guilherme. Até aqui tudo tem sido um sucesso, mas precisamos agir imediatamente.

Na terça-feira antes mesmo da troca de plantão, às 6h, o doutor Kimura reúne toda a sua equipe para analisar os últimos resultados dos exames. Como pediatra estou estudando minuciosamente toda a evolução de Guilherme e a soma dos nossos pareceres determina o final da primeira etapa dessa jornada.

— Estamos de acordo? — Dr. Kimura, o chefe da pediatria do Malamam Apart Rio, pergunta.

Todos os especialistas sentados ao redor da grande mesa, concordam. A sala de reuniões nunca esteve tão cheia em prol de um único caso. Estou feliz de poder contar com os melhores profissionais.

Ele olha para mim com um sorriso discreto no rosto, transmitindo confiança.

— Parabéns, doutor Luca, o seu filho nasce hoje.

Graças a Deus!

Procuo manter a compostura ao lado dos colegas, mas fracasso completamente quando meu pai se aproxima, me puxando para um abraço. Estou emocionado. Não tinha como ser diferente.

Foi tão difícil, que parecia não ter fim.

— Chegamos até aqui, — ele diz — vamos em frente. Ele já é um guerreiro, meu filho.

— É sim.

Meu pai e Milena são cardiologistas. Ela ainda está construindo o seu

nome e ele já reconhecido como um dos melhores cirurgiões cardíacos que este país já viu. Estou confiante, mas muito preocupado também. Tenho consciência de todos os riscos e possibilidades.

Talvez fosse melhor ser ignorante.

Doutora Glória foi a obstetra responsável por trazer Guilherme ao mundo em uma cesariana cercada de cuidados. Um momento especial e com sentimentos contraditórios. Vida e morte caminhando lado a lado.

Enquanto eu vibrava com a chegada do meu filho. Laureta e Castilho lamentavam por saber que aquele era o último momento na companhia da filha deles. Após o nascimento de Guilherme, os aparelhos e as medicações que mantêm o corpo de Nádia funcionando serão retirados.

Meu pequeno guerreiro nasceu com apenas 1.050kg, sem reflexos e muito cianótico. Meu coração não estava preparado. Foi uma luta árdua até que conseguimos estabilizá-lo. Por pouco, por muito pouco ele não nos deixou.

Alguém no céu gosta muito de mim, porque as minhas preces foram atendidas. Quando o dia terminou eu estava debruçado sobre o acrílico da incubadora observando aquele cisco de gente lutar pela vida.

E ele lutou bravamente.

O primeiro dia foi uma grande vitória. Então o segundo, o terceiro... a primeira semana. A cada 24h, uma comemoração. Junto comigo estavam meus pais, Milena e meus amigos. Chega a ser engraçado, mas eles criaram uma tabela, uma corrente de ajuda destinada a me manter de pé. Deu certo.

Antes do primeiro mês, um susto. Uma infecção resistente tirou o meu sono por longos e desgastantes dias. É diferente quando estamos dentro. Como pai, vejo tudo muito mais assustador do que quando olhava como médico. Estou certo que essa experiência influenciará diretamente a minha vida profissional daqui para frente.

Contrariando todas as expectativas pessimistas, Guilherme venceu a batalha. E depois dela, outra. Acho que ele estava testando o meu coração.

Em uma das semanas, sinceramente nem sou capaz de precisar o dia,

porque perdi a noção do tempo, meus primos vieram me ver e conhecer o pequeno Malamam. Sempre fomos muito unidos, mas com as mudanças na vida de cada um, acabamos nos distanciando um pouco. Matteo e Marco vieram com as mulheres. Belinda chegou trazendo a sua alegria insuperável.

Quase não acreditei, mas Nina deixou o trabalho para trás, trocou os terninhos por jeans e camiseta e se juntou à “caravana” Malamam. Foi assim que apelidamos o jatinho que eles fretaram para a viagem.

Foi a única vez que me ausentei da UTIN por mais de algumas horas. Doutor Kimura quase me obrigou a sair com os meus primos, porque segundo ele, eu estava ficando pálido demais para a minha própria saúde e iria assustar os outros pais.

Chegue à casa dos meus pais de Uber, mas estranhei não encontrar ninguém na sala. Um silêncio incompatível com a família que tenho.

— Tem alguém aí? — gritei da porta antes de começar a procurar.

Ninguém na área da piscina, ninguém na cozinha e nos quartos. Estranho. Se não fosse por alguns passos pesados vindo do sótão, eu iria embora.

Eles quase me pegaram.

Subi as escadas esperando encontrar cerveja, petiscos ou macarronada, mas não. Foi muito melhor do que isso.

— Surpresa!!!! — gritaram em coro.

Não apenas os meus primos, mas também os meus amigos de sempre, meus tios e tias. Todos estavam reunidos e vestindo camisetas azuis com o nome de Guilherme escrito em branco.

— Vocês são demais. Como fizeram isso? Caralho!

Minha mãe vem com os braços estendidos em minha direção.

— Filho, que saudade de te ver em casa. A gente queria te presentear com um chá de bebê. Afinal, o meu neto não tem quase nada.

Ela tem razão. Nádia tinha comprado poucas coisas.

— Se prepara, Lucão, porque a parte foda começa agora.

— Dizem que é, tio Leo. Mas sabe que eu estou louco para isso.

— Aposto que sim.

Está tudo decorado com ursos e balões azuis, até mesmo o teto. Uma mesa cheia de doces e bolos no centro está cercada pelos filhos de Nina. Imediatamente imagino que daqui há um tempo será Guilherme a atacar nas festinhas dos primos.

Marco e a esposa estão esperando um bebê. Deve nascer em três semanas.

— Primo, — Belinda vem com um batom para o meu lado — chegou a hora de você entrar no universo dos pais.

— Jura?

— Claro! Preparamos umas surpresinhas para você.

Sou levado até uma cadeira enquanto minhas tias aparecem com uma caixa misteriosa, mas logo descubro o que há dentro dela: batons, tintas e adereços divertidos.

— Primo, — Nina fala — vamos te entregar os presentes e você tem que descobrir o que é cada um. Quando errar, você será pintado.

— E quando eu acertar?

— Estará de parabéns.

Um tanto injusto.

Sentado e vendado, escuto as brincadeiras sacanas. Reconheço a voz do meu tio Bento dizendo que eu jamais adivinharei o presente dele.

— Vamos começar. — meu pai coloca uma sacola nas minhas mãos. — Uma dica para facilitar: os bebês usam.

— Essa é a dica?

— É.

— Pai?

Ele dá um tapinha nas minhas costas e diz sorrindo.

— O jogo só tem graça se você errar, Luca.

Abro o embrulho e tento entender do que se trata. É grande, macio... parece um... uma manta.

— Cobertor?

— Não. — todos respondem.

— Uma manta ou coberta. Algo assim.

Alguém retira a minha venda. Olho para a coisa nas minhas mãos e reconheço. A naninha.

— Onde estava? — olho surpreso — É a minha naninha, mesmo?

— É a sua. Estava guardada aqui no sótão há anos. Sua mãe guardou quando você finalmente desapareceu dela.

O paninho acolchoado bordado com carneiros azuis foi dado pela minha avó materna. Ela mesma quem fez. Quando eu era mais novo, vivia agarrado com ele para todos os lados.

— O que eu já passei de vergonha por conta desse pano. — minha mãe fala cobrindo os olhos.

A brincadeira segue. Cada um coloca um presente sobre o meu colo e tenho que tentar adivinhar. Ainda bem que não vale dinheiro, porque caso contrário, eu estaria falido. Errei quase tudo. Tirando um kit de mamadeiras e a banheira.

Quando terminou, eu estava maquiado, pintado e usando chupeta. As fotos ficaram maravilhosas. Sem dúvida, quero espalhar algumas pelo meu apartamento.

Depois de algumas horas na companhia da minha família, peço que mamãe guarde todos os presentes. Vou aproveitar para passar em casa, tomar um banho no meu chuveiro e pegar algumas roupas.

Despeço-me de todos com a promessa de nos encontrarmos novamente em breve, mas da próxima vez com Guilherme fora do hospital. Mal posso esperar por isso.

Minha mãe vai comigo até a garagem. Vou pegar o carro do meu pai

emprestado para levar as coisas.

— Filho, já pensou em chamar alguém para decorar o quartinho dele?

Sim, eu pensei.

— Acha que Trícia aceitaria?

— Não tenho dúvida.

Sorrio e balanço a cabeça. Bato a tampa do porta-malas quando termino.

— Vou deixar o carro na vaga do papai no hospital mais tarde.

— Está bem.

Estar em casa é reconfortante, mas estranho depois de tanto tempo.

Abro as janelas e deito no sofá por um tempo, apenas o suficiente para assistir um filme qualquer. Zapeando pelos canais, caio em um programa sobre maternidade e quando dou por mim, estou concentrado e completamente envolvido na história relatada.

Acabo cochilando e quando acordo, vejo que anoiteceu. Levanto em um pulo, xingando por ter perdido a noção do tempo. Então resolvo voltar ao plano original com banho e mala.

Meu celular vibra. É uma mensagem de Kimura.

“Conselho de amigo, volte só amanhã. Estou de plantão. Por aqui está tudo bem.”

Seguido do texto, chega uma imagem que me enche de amor: Guilherme dormindo em sua incubadora.

A proposta de ficar na minha casa por uma noite é tentadora, mas parece tão errado. Por fim, resolvo que mereço esse descanso.

Talvez o cochilo no sofá tenha levado o meu sono embora. Deitado na cama, viro de um lado para o outro pensando e tentando não pensar. Os lençóis estão frios, o colchão parece maior do que de costume. Nada me agrada.

Sem sono, pego o celular e abro o aplicativo de mensagens. Trícia está

online.

“Acordada tão tarde”

Parece uma forma despretensiosa de começar uma conversa.

"Finalizando um trabalho”

Trabalho? Mas são 2h da manhã.

“Sempre levando trabalho para casa, dona Trícia”

A resposta não vem.

Nos últimos meses conversamos algumas vezes, mas sempre por mensagens e de maneira quase distante. Depois do nosso último encontro, não nos vimos mais. Sei que ela sofreu, assim como eu sofri. Por ser amiga de Milena e Janaína, as notícias sobre ela sempre chegam até mim.

“Não estou em casa”

Leio a mensagem tentando não pensar bobagens, mas a curiosidade vence.

“Onde você está?”

“Saindo de um evento em Botafogo.”

Aqui do lado.

Sem pensar duas vezes, ligo para ela.

— Ei! — percebo sua voz diferente.

— Oi! Há quanto tempo não escuto a sua voz.

— Porque não quer.

Uau! Que resposta atravessada.

— Se você pudesse imaginar o quanto isso não é verdade. — ouço-a rir abertamente — Você está bêbada?

— Não. Estou alegrinha.

— Achei que estivesse trabalhando. Com quem está bebendo, Trícia?

Consigo ouvir alguém se despedir ao fundo e sons de buzinas.

Provavelmente ela está na rua.

— Eu não disse que estava trabalhando, disse que estava finalizando um trabalho. E com quem eu bebo não é da sua conta.

Não estou em posição de fazer exigência. Sei disso. O problema é controlar o que sinto e o que digo.

— Vou te buscar. Onde exatamente você está?

Mais uma vez ela ri, um pouco mais alto agora.

Ouçõ a voz de um homem, seguida de uma batida forte.

— Boa noite. Para o Leblon, por favor. Você ainda está aí?

— Claro que estou, Trícia. Pode me explicar o que está acontecendo?

— Não que eu lhe deva algo, mas sim, eu posso. Saí agora de uma festa de inauguração de um restaurante lindíssimo. Sem falsa modéstia, fui eu que projetei. Acho que sou fraca para bebida, porque duas taças de champanhe me deixaram altinha.

— Eu estou em casa.

— Ah, claro! E você acha que eu vou correndo até você? Não, não vou. Há uns meses atrás eu iria, mas não hoje.

A ligação fica muda. Retiro o aparelho da orelha e percebo que ela desligou.

O que posso dizer?

Eu a mandei embora. Eu joguei fora o que tínhamos. Lamentar seria contraditório, mas não me importa. Lamento assim mesmo. É uma droga perceber que o tempo passou.

Vejo o dia clarear olhando para o teto do meu quarto. Quando finalmente o sol nasce, levanto e volto para o hospital. A minha missão ainda não terminou e por mais que tudo esteja de cabeça para baixo, tenho que seguir e aguentar as consequências das escolhas que fiz.



## **Os dois lados da moeda**

No apartamento do Flamengo, Luca e Guilherme viviam a sua primeira semana fora do hospital. Passara dois meses desde o nascimento do pequeno Malamam.

Foram 63 dias de muita angústia, esperança e aprendizado. Pai e filho construíram um laço forte e sólido mais comum às mães. Luca deu o seu melhor, dedicou-se integralmente e conseguiu o que tanto queria: sair com o seu bebê no colo e fora de perigo.

Os desafios em casa eram outros. Mesmo com a ajuda valiosa de Jacilda, Dora e Milena, a maior parte do tempo os dois ficavam sozinhos e se viravam muito bem.

Luca comprou um berço e colocou ao lado da sua cama. A reforma do quarto de Guilherme teve que esperar. Entrou para a lista de coisas a serem feitas quando possível. Uma extensa lista, por sinal.

Entre mamadeira, fraudas e banhos de sol, a dupla passava os seus dias.

Frodo retornou ao lar duas semanas depois, mas descobriu que precisaria se adequar a nova realidade daquele apartamento. Gritos de papagaio temperamental não seriam mais tolerados, principalmente durante o sono do bebê. Como um animal mais inteligente do que muito humano por aí, Frodo aprendeu rápido.

Há 10km dali, Trícia seguia a sua rotina.

Era como voltar a viver a vida de antes. Muitos projetos, horários apertados e pouco tempo a perder.

O término do namoro tinha sido muito difícil, penoso até. Se não fosse pela ajuda das suas amigas, provavelmente não teria se recuperado. Mas quem tem amigos, tem tudo. Janaína, Milena e Rosângela foram fundamentais para que a arquiteta conseguisse se reerguer.

Não que ela não compreendesse os motivos que levaram Luca a se

afastar. Trícia entendia. No fundo ela entendia. Mas a dor tinha sido real, as lágrimas foram reais e as noites em claro foram reais.

Depois do luto, veio a superação e com ela a vontade de parecer indiferente.

Por algumas vezes, tentou sair e dar uma chance ao destino. Afinal, talvez o seu coração precisasse de novos ares, não é mesmo? Pena que o próprio coração não concordava com isso. Foi em vão. O melhor era deixar a coisa fluir e esperar até a próxima onda.

Cada um do seu lado da moeda, o casal estava há cinco meses separados. Um tempo longo e de muito aprendizado. Só uma coisa eles não aprenderam: a esquecer um ao outro.

## Um passo de cada vez

Trícia

Final de ano costuma ser uma época complicada para mim. Com as férias escolares, preciso me desdobrar para que Sophia não morra de tédio em casa. Temos feito alguns programas durante a semana, mas tem dias que até mesmo um passeio na praia é complicado.

Hoje, sexta-feira, é um desses dias.

Rosângela agendou uma reunião com um cliente no escritório para às 18h. Coisa que não costumo fazer neste período, mas quando vi, era impossível de cancelar.

Duas batidas na minha porta e Rosângela aparece com um sorriso amarelo e o olhar de quem fez algo pelas minhas costas. Acerto a postura na cadeira.

— Com licença, Trícia. O seu cliente chegou.

Ela fala e sai. O que me espanta, porque o normal seria que entrasse com ele.

Estico o pescoço intrigada, mas então vejo o que a fez agir diferente.

— Como vai?

Parado com um buquê de rosas na mão, Luca me olha. A minha reação é ficar imóvel admirando a sua presença.

Dentro da minha cabeça, estou ativa e questionando o porquê da sua visita, mas por fora, apenas olho.

Passado o susto, consigo pensar com clareza. Eu não esperava por isso. Levanto como se não estivesse afetada e vou até ele.

— Vou bem. E você?

— Estou retomando a minha vida aos poucos.

Mordo o lábio para não dizer o que veio na ponta da língua.

— Fico feliz por você. Imagino que seja o meu cliente das 18h, certo?

Com um sorriso no rosto, ele confirma e me entrega o buquê.

— Acho que os meus truques estão ficando manjados.

— Dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar.

— Dizem, mas espero que estejam errados. Estou contando com isso.

Volto para a minha cadeira e peço que ele sente.

Estou firme, tive muito tempo para me preparar para esse reencontro. Meu coração está acelerado, minhas mãos tremem. O sentimento de antes ainda está aqui e ganhou mais força quando coloquei os meus olhos sobre Luca, mas não quero me entregar outra vez.

Ele me observa com olhos carentes. Vejo a insegurança e querer estampado em seu rosto.

— Você disse que estaria aqui para mim.

Sim, eu disse.

— Isso faz muito tempo.

— Mas eu não esqueci.

Puxo minha mão quando seus dedos tentam tocar a minha pele. Ainda não estou pronta para esse contato.

— Luca, não vamos insistir no que está fadado ao fracasso. Tentamos duas vezes. E nas duas falhamos. Chega!

Por dentro não é isso que digo, mas preciso me proteger.

Ele abaixa a cabeça e respira profundamente.

— Das duas vezes a culpa foi minha. De alguma forma a culpa sempre foi minha. Só que o amor ainda está aqui e eu acho que está aí também.

— Amor não é o suficiente.

Inquieta e me sentindo acuada, fico de pé. Vou até a janela para

evitar o seu olhar. Esses olhos verdes sempre me prenderam.

— Me perdoa, Trícia.

Não quero responder a isso.

Eu sei que ele precisou se afastar, sei que não me trocou, mas me fez sofrer muito. Saber de tudo que ele estava passando e não estar ao seu lado, acabou comigo.

— Eu quis te proteger. Olha para mim, por favor.

Tento me concentrar, porém, não consigo. Viro-me para ele com lágrimas nos olhos.

— Você não me protegeu me mantendo longe, Luca. Aquilo foi cruel comigo. Eu te amava e queria estar ao seu lado, mas você me jogou fora quando mais precisou de mim. Juro que tentei entender, só que não consegui.

Ele fica frente a frente comigo.

— O que queria que eu fizesse? Eu estava passando os meus dias debruçado sobre o corpo de uma pessoa. Foram meses em um velório constante sabendo que eu tinha contribuído com o sofrimento dela. Mesmo que indiretamente, tive a minha parcela de culpa no sofrimento da Nádia. Eu não podia aceitar o seu amor, Trícia.

— Eu estive aqui para você. Esperei tempo demais. Por que só agora?

Luca dá mais um passo, chega tão perto que não consigo me mover ante a sua presença. Seus dedos tocam a pele do meu braço, a respiração quente sopra em meu rosto. O que senti está tão vivo que se debate dentro de mim.

Dói resistir.

— Porque agora me sinto livre. — ele segura as minhas mãos — Porque eu te amo de todo o meu coração e estou aqui para você.

Olho para as nossas mãos unidas e percebo que é onde quero estar. O amor não morreu ou diminuiu, mas parece ter crescido dentro do meu peito. Tudo o que já passamos só serviu para alimentar o que sinto por Luca.

— Eu te amo.

As três palavras fluem como uma confissão engasgada. Luca me puxa para si, agarra a minha cintura unindo nossos corpos e me beija.

Sem dúvida, a sensação que percorre o meu corpo jamais se repetirá. É como se uma descarga elétrica nos envolvesse apagando tudo a nossa volta. Abro a boca aprofundando o beijo, saboreio o gosto forte do meu homem. É como bebida quente.

Estou embriagada por ele. Seus braços e mãos me envolvem, tomam conta de cada parte e não deixam escapatória. Mesmo se eu quisesse, não conseguiria ignorar o que sentimos. É forte demais para negar.

Luca tira os meus pés do chão e continuo a saborear a sua boca quente. Nossas línguas se enfrentam e duelam por poder. O beijo fica mais intenso, tanto que solto um gemido malicioso daqueles que sei que mexem com as estruturas dele. Não satisfeita, afundo minhas unhas em seus ombros.

Estamos entregues, famintos um do outro. Foram dias e meses longos demais para suportar. Não temos porquê aguentar mais um único segundo. Comigo em seu colo, Luca caminha até a minha mesa, me deposita sobre ela e começa a se despir.

Fico imóvel, assistindo ao espetáculo particular. Mesmo tendo perdido peso, ele ainda está incrivelmente bonito.

— Está esperando que eu arranque a sua roupa, morena?

— Estou.

Meu desafio faz seus olhos brilharem.

Ele avança arrancando a minha calça e depois a minha camisa. As duas peças saem inteiras, mas as lingerie não têm a mesma sorte.

Estico a perna até ele e toco o seu peito com o pé. Luca não sai do lugar, mas agarra o próprio pau enquanto me observa nua. Afasto as pernas, dando a ele uma visão completa do que o espera.

— Eu estava louco de saudade.

— Eu também.

Estou ofegante, meus lábios abertos e peito subindo e descendo

rapidamente. Luca faz isso comigo. E ele não está diferente de mim.

Sua boca volta para a minha, lambe e chupa meus lábios e então me beija profundamente. É intenso, íntimo. Há cumplicidade no ato. Sem separar nossas bocas, enrolo as pernas em sua cintura e me ofereço. Ele vem.

O impacto do seu pênis penetrando em mim é brutal. Meu corpo resiste, mas com um pouco mais de pressão, ele escorrega inteiro para dentro de mim e só para quando está completamente enterrado.

— Oh, sim!

— Que delícia, Trícia!

As investidas ficam mais intensas e firmes. Ele sabe como eu gosto de ser fodida. Sussurro implorando por mais, beijo sua boca e mordo seus ombros tomada pelo prazer que me dá.

Meu ventre se contrai e meus olhos pesam. Estou prestes a mergulhar em um profundo oceano... Quase. Meus gemidos ficam mais e mais altos. Luca percebe e me toca, me enlouquece. Estou chegando... voando.

— Goza, Trícia. Goza comigo.

Chegamos juntos ao céu.

Demoro a retomar a consciência, me falta ar. Agarro as costas de Luca com medo de que seja apenas um sonho e que ele vá desaparecer. Ficamos assim, abraçados um ao outro.

— Preciso que me responda uma coisa.

Olho-o sem entender o que seria tão importante para ser dito agora.

— O que foi?

— Quer namorar comigo?

Ai meu Deus! Que susto.

Tento segurar, mas o meu sorriso escapa. Ele sabe como me fazer feliz.

— Claro que eu quero.

## Epílogo

Fecho as cortinas do meu apartamento e termino de acender todas as velas. Não falta nada. Encomendei o jantar em um excelente restaurante, escolhi o melhor vinho e montei uma playlist de músicas.

Está tudo pronto. Só falta a convidada, mas ela já deve estar chegando.

Hoje é um dia especial e preciso que tudo saia como o planejado. Pensando nisso, até mesmo Frodo foi despachado para a casa de Otaviano. Guilherme está com os meus pais e até agora tudo corre bem.

A campainha toca e eu corro para atender.

É ela.

— Oi!

— Entra.

Trícia passa por mim. Ela está usando um vestido branco, saltos altos e o cabelo solto. Parece impossível, mas está ainda mais linda.

— Isso tudo é para a gente?

— Sim. Estamos a sós.

— O Guilherme?

— Com os meus pais.

Tentando respeitar o cronograma que criei dentro da minha cabeça, pego-a pela mão e vamos para a mesa de jantar.

Esperei muito por esse dia.

Hoje completam seis meses desde o dia em que eu a pedi em namoro no seu escritório. De lá para cá, estamos em uma espécie de lua de mel, só que cada um na sua casa. Procuramos entender que não somos um casal adolescente e temos outras responsabilidades, por isso vivemos em um ritmo diferente.



Hoje tiramos folga das crianças, mas amanhã estaremos todos juntos na casa dos meus pais. Temos feito isso com muita frequência.

A princípio, achei que Trícia pudesse de alguma forma tentar se manter afastada de Guilherme por conta de toda a nossa história, mas isso nunca aconteceu. Desde o primeiro dia, ela deixou claro que o meu filho jamais seria empecilho para a nossa relação. E com o passar do tempo, percebi que o amor que ela sente por mim, se estendeu a ele.

— Quem fez o jantar?

— Com certeza um cozinheiro muito talentoso que trabalha no restaurante.

Ela sorri com minha brincadeira.

— Imaginei.

Jantamos, brindamos o nosso dia de casal e apreciamos o momento.

O jantar valeu cada centavo, estava perfeito. O vinho, além de delicioso, foi o que faltava para deixar a minha namorada mais solta e quem sabe, mais receptiva ao o que tenho para ela.

Escolho uma música gostosa para dançar junto com Trícia, a puxo para o meio da sala junto os nossos corpos ao som envolvente que inunda a sala.

Ela está sorrindo feliz no momento em que minhas mãos sustentam as suas costas antes de eu beijá-la.

É um beijo calmo, longo e paciente.

Quando a canção termina, separo nossos lábios e me ajoelho.

É agora! Deus me ajude.

— Quer se casar comigo?

Ela leva a mão a boca e com os olhos marejados, responde:

— Eu espero por isso há mais de quinze anos. Sim!

## **Prazer...**

Meu nome é Joice Bittencourt e apesar de ter nascido no Rio de Janeiro, moro desde criança no Espírito Santo. Sou aquariana literal, nasci em fevereiro de 89. Sou casada, mãe de dois filhos e um cachorro.

Comecei a escrever por distração, precisava de algo que me desligasse das atribulações do dia a dia. Assim nasceu o meu primeiro livro, "No Limite do Prazer". Um detalhe: foi escrito no celular.

Certo dia, buscando informações sobre um famoso romance, encontrei uma plataforma literária onde qualquer pessoa poderia disponibilizar suas histórias, contos e ideias. A primeira coisa que fiz foi começar a ler as tantas opções postadas gratuitamente.

No início de 2014 postei o meu primeiro romance. Nunca esperei que alguém pudesse gostar do que saía da minha fértil cabecinha, mas... Foi um grande sucesso de leituras. A partir daí nunca mais parei.

São treze romances escritos, muitos leitores e um coração realizado. Meus livros mais conhecidos são os títulos que compõe a Série Malamam.

Que venham mais histórias e muita inspiração!

Joice Bittencourt

# *Segredos Escondidos Entre as pernas*



*Quando um grupo de mulheres se reúne depois de um longo tempo afastadas, tudo o que não falta é assunto.*

*Incentivadas pela alegria do reencontro e algumas taças de vinho, as cinco amigas de infância revelam seus segredos mais íntimos e escondidos.*

*Não se deixe enganar por cabelos bem cortados,*

*empregos respeitáveis e famílias de comercial de margarina. Toda mulher tem os seus segredos.*

*As nossas protagonistas decidiram revelar aqui os mais comprometedores deles.*

*Só não conte para ninguém. É segredo nosso.*

*Disponível em <http://a.co/ib6VvnZ>*



Na cidade de Santa Cana, interior do mundo, onde tudo foi construído a partir de um mesmo sobrenome, todos compartilham do sentimento de gratidão à dinastia dos Barões da Cana. O título dado popularmente aos homens da família Rezende tem história: carrega poder,

responsabilidades e benefícios.

Inácio Rezende — o Barão da Cana — tem as fazendas e a usina sob o seu controle absoluto, mantém a roda girando harmoniosamente. Nada foge do alcance dos olhos.

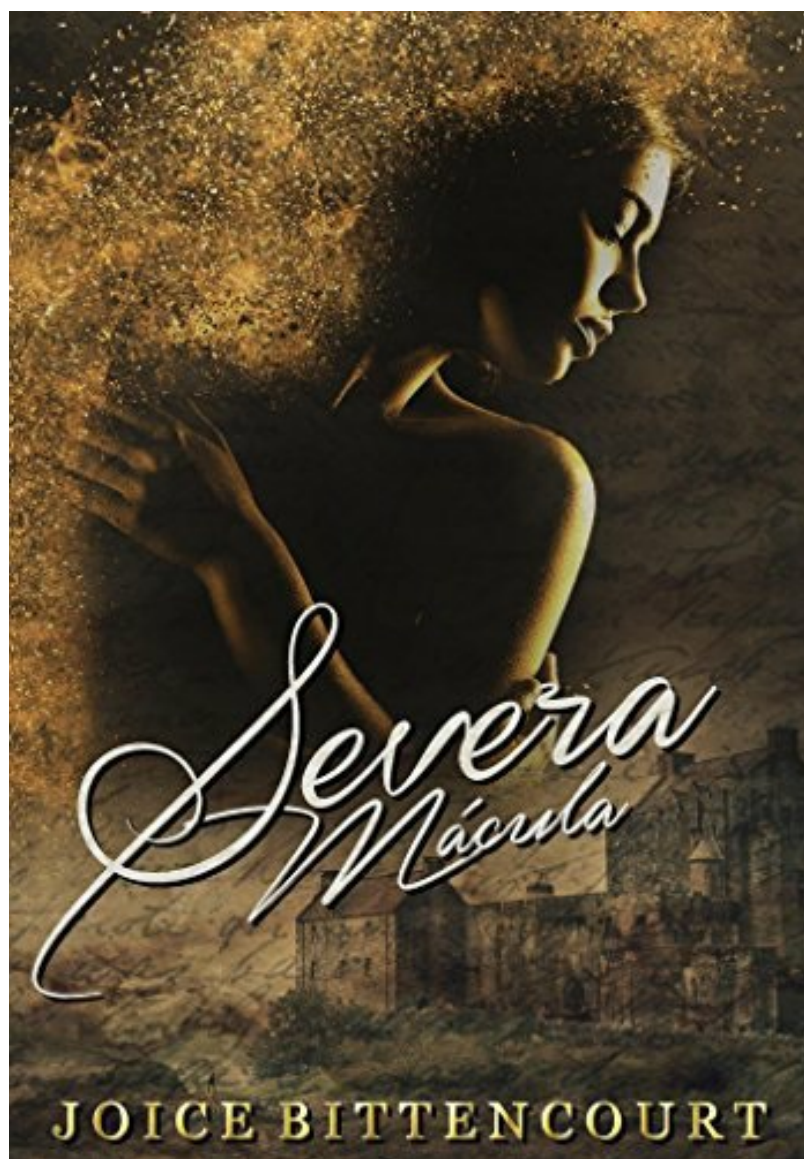
E então, vinda de onde menos se espera, uma mocinha eternamente na defensiva aparece. Arredia e desconfiada, Agatha tem uma péssima impressão do homem superior que a julgou na noite de natal.

Sim, ela é jovem. Sim, está sozinha. E sim, virgem....

Um único olhar foi o suficiente.

Inácio e Agatha: Viciante como a cachaça envelhecida em barris de imburana, ou o branco açúcar ao paladar.

Disponível em: <http://a.co/f0Zb3H5>



Em uma ilha paradisíaca, segredos e pecados se escondem. Se os mortos não falam, quem irá revelar a verdade como ela realmente é? Uma vez que a severa mácula vier à tona e com ela dores antigas alcançarem a superfície, ninguém estará a salvo.

Toda história tem três versões... A sua, a do outro e a verdade.

Isadora conhece um homem desconcertante em uma praia e imediatamente percebe que Aarão não será uma lembrança fácil de ignorar. Sua mão sangra e ele precise de ajuda, no entanto, após ajudá-lo, ela percebe que o rústico desconhecido levou o seu coração.

Um romance para abalar as suas estruturas.

Disponível em: <http://a.co/5zsBcZY>





Alguns sentidos são mais intensos do que outros. É uma questão de perspectiva. Mas a paixão, essa arde sob e sobre a pele, inflama o desejo e guia o instinto, anulando o juízo de quem se dizia sóbrio.

Não espere entender ou controlar, pois o poder das mãos é viciante e você estará embriagado de prazer.

Disponível em: <http://a.co/hBjLSGZ>

